UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ODONTOLÓGICAS

Sara Fraga

COMPORTAMENTO À FADIGA DE MATERIAIS CERÂMICOS

Santa Maria, RS
2016

Sara Fraga

COMPORTAMENTO À FADIGA DE MATERIAIS CERÂMICOS

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Odontológicas, Área de Concentração em Odontologia, ênfase em Prótese Dentária, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Ciências Odontológicas**.

Orientadora: Profa. Dra. Liliana Gressler May

Santa Maria, RS
2016

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Fraga, Sara
Comportamento à fadiga de materiais cerâmicos / Sara Fraga.- 2016.
113 p.; 30 cm

Orientadora: Liliana Gressler May
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Ciências Odontológicas, RS, 2016

1. Cerâmicas 2. Fadiga 3. Frequência 4. Resistência 5. Usinagem I. Gressler May, Liliana II. Título.

Sara Fraga

COMPORTAMENTO À FADIGA DE MATERIAIS CERÂMICOS

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Odontológicas, Área de Concentração em Odontologia, ênfase em Prótese Dentária, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Ciências Odontológicas**.

Aprovado em 09 de dezembro de 2016:

____
Liliana Gressler May, Dra. (UFSM)
(Presidente da Banca/Orientadora)

____
Letícia Borges Jacques, Dra. (UFSM)

____
Marília Pivetta Rippe, Dra. (UFSM)

____
Márcia Borba, Dra. (UPF)

____
Marina da Rosa Kaizer, Dra. (NYU)

Santa Maria, RS
2016

DEDICATÓRIA

Aos meu pais, Nei e Zenaide,
todo o meu amor e a minha gratidão.

À professora Liliana,
meu carinho, respeito e admiração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me abençoar com uma vida linda e repleta de amor. Ao meu Anjinho da Guarda, por guiar e iluminar meu caminho.

Aos meus amados pais, Nei e Zenaide, pelo amor, apoio e incentivo incondicionais. Vocês são meu porto seguro, fonte de amor infinito, onde eu encontro a paz e a força necessárias para superar meus medos e lutar pelos meus sonhos!!! Ao meu irmão Alexandre, guri perseverante e de bom coração, de quem me orgulho muito. Ao cusquinho classe III mais charmoso de todas as galáxias, o canino Maroto, que alegra meus dias e me faz uma pessoa melhor. AMO MUITO NOSSA FAMÍLIA... Se eu pudesse escolher, infinitas vezes, escolheria vocês!!!

Ao meu noivo, Bruno, por ser meu pedacinho do céu e por tornar minha vida mais leve e colorida! Teu carinho, tua paciência e teu amor foram essenciais para a conclusão desse trabalho. Te amo!

Às queridas dona Bi, Nani e afilhada Julinha, pelo carinho com que me acolheram em sua casa, pela amizade, incentivo e apoio, mas, acima de tudo, por cuidarem tão bem do meu amor, Bruno, durante minha ausência.

Aos meus familiares, em especial ao vô Osvino, à vó Valmi e afilhada Nathália, pela torcida e apoio.

À minha querida orientadora, professora Liliana May, a quem admiro e respeito muito. Obrigada pela delicadeza com que conduziu a orientação dessa tese, por todo o tempo e atenção a mim dirigidos e pelas oportunidades de crescimento profissional e pessoal. Enfim Profe, obrigada por acreditar em mim, e por me incentivar sempre!!!

Ao meu supervisor estrangeiro, professor Cornelis Johannes Kleverlaan, pela hospitalidade e paciência, bem como por compreender minhas limitações e me ajudar a superá-las. Aos colegas e amigos do departamento de materiais dentários da Academisch Centrum Tandhelkunde Amsterdam (ACTA) pela convivência leve e por todo o aprendizado que me proporcionaram.

À Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e ao Programa de Pós-Guaduação em Ciências Odontológicas (PPGCO) pelo ensino de qualidade e pelas diversas oportunidades de qualificação profissional.

Ao professor Luiz Felipe Valandro por me oportunizar a realização do doutorado sanduíche. Obrigada pela confiança depositada em meu trabalho.

Aos professores do PPGCO e do curso de graduação em Odontologia da UFSM que muito contribuiram para minha formação acadêmica e pessoal.

Ao Programa de Educação Tutorial (PET), do qual participei durante a graduação, e em especial, às professoras Katia Braun e Beatriz Unfer, que fizeram despertar em mim o encantamento pela carreira docente.

À querida Jéssica Dalcin, secretária do PPGCO, que não mede esforços para ajudar alunos e professores, sendo sempre muito paciente e atenciosa.

Aos colegas do curso de doutorado pela amizade e incentivo. Tenho muito orgulho de nossa turma, e desejo sucesso a todos!

Ao grupo de pesquisa em prótese, em especial aos professores Luiz Felipe Valandro, Liliana May e Marília Rippe, e aos colegas Ana Maria Marchionatti, Iana Aurélio, Camila Rodrigues, Vinicius Wandscher, Gabriel Pereira, Andressa Venturini, Catina Prochnow, Luis Felipe Guilardi e Camila Zucuni. Agradeço todos os momentos de trocas de conhecimento e confraternização que compartilhamos ao longo desses anos de pós-graduação.

Um agradecimento especial aos colegas de doutorado sanduiche, Sara Cioccari, Danilo Dutra, Gabriel Pereira, Rafael Pilar e Fernanda Campos, por tornarem minha estatia na Holanda mais tranquila, amenizando a saudade de casa.

Às queridas amigas Juliana Padilha, Patrícia Henke, Jociana Boligon, Ticiane Mário, Tatiana Militz, Renata Schlesner, Raquel Bicca, Aura Manfio e Deise Osmari!! Obrigada pela amizade, pelo carinho e por compreenderem minha ausência em tantas ocasiões.

À Marina Amaral, Mariana Freitas e Gabriel Pereira pelo auxílio na fase laboratorial dos trabalhos que compõem essa tese.

Às professoras da comissão examinadora: Letícia Jacques, Marília Rippe, Magáli Guimarães, Márcia Borba, Marina Kaizer e Anelise Montagner. Obrigada pela disponibilidade em contribuir para o aprimoramento dessa tese.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e ao NUFFIC (Netherlands Organisation for International Cooperation in Higher Education) pela concessão de suporte financeiro.

RESUMO

COMPORTAMENTO À FADIGA DE MATERIAIS CERÂMICOS

AUTORA: SARA FRAGA
ORIENTADORA: LILIANA GRESSLER MAY

A presente tese é composta por dois artigos científicos, cujo tema principal é fadiga em materiais cerâmicos. Artigo 1: Impacto da usinagem CAD/CAM no comportamento à fadiga de cerâmicas vítreas e policristalinas. Esse trabalho objetivou investigar o efeito da usinagem CAD/CAM na resistência à fadiga e na rugosidade superficial de cerâmicas vítreas e policristalinas, por meio da comparação entre corpos de prova usinados e corpos de prova totalmente polidos após a usinagem. Blocos de zirconia, dissilicato de lítio e cerâmica vítrea reforçada por leucita foram usinados em sistema CAD/CAM no formato de discos, e divididos em dois grupos: usinagem (U); e usinagem seguida de polimento (UP). A rugosidade superficial (Ra e Rz) foi avaliada em perfilômetro de contato e a resistência à fadiga flexural determinada pelo método *step-test* (n = 20), utilizando dispositivo de flexão biaxial *piston-on-three ball* (ISO 6872:2008). O protocolo de carregamento variou de acordo com o tipo de cerâmica, e foi estabelecido com base em ensaio monotônico prévio (n = 5). Dez mil ciclos foram aplicados em cada *step*, a uma frequência de 1,4 Hz. Estatística de Weibull foi utilizada para a análise dos dados de fadiga e teste não paramétrico Mann-Whitney (α = 0,05) para comparação dos valores de Ra e Rz entre as condições U e UP de cada material. Os resultados mostraram que a usinagem resultou em maior rugosidade superficial e menores valores de resistência característica à fadiga, quando comparada aos grupos totalmente polidos após a usinagem. Maior redução na resistência característica à fadiga de UP para U foi observada na zircônia (40%; U = 536,48 MPa; UP = 894,50 MPa), seguida pelo dissilicato de lítio (33%; U = 187,71 MPa; UP = 278,93 MPa) e leucita (29%; U = 72,61 MPa; UP = 102,55 MPa). Sendo assim, concluiu-se que a usinagem CAD/CAM afeta negativamente a resistência à fadiga flexural de cerâmicas com diferentes microestruturas. Os resultados sugerem que a usinagem de materiais parcialmente sinterizados pode ser tão deletéria quanto a usinagem de materiais totalmente sinterizados. Artigo 2: Frequências de até 20 Hz como uma alternativa para acelerar ensaios de resistência à fadiga cíclica em cerâmica Y-TZP. Esse trabalho objetivou investigar a influência da frequência de aplicação de carga na resistência à fadiga da zircônia, utilizando-se o método da escada, com número máximo de ciclos fixado em 500.000, e configuração de ensaio *piston-on-three ball* (ISO 6872:2008). As frequências investigadas foram 2 Hz (controle – simulação da atividade mastigatória; n = 20), 10 Hz (n = 20), 20 Hz (n = 20) e 40 Hz (n = 21). Os resultados foram submetidos a análise de variância e teste de Tukey (α = 0,05). A resistência à fadiga foi significativamente superior para o grupo 40 Hz (630,7 MPa) e não diferiu entre os grupos 2 Hz (550,3 MPa), 10 Hz (574,0 MPa) e 20 Hz (605,1 MPa). Portanto, o uso de frequências de até 20 Hz pode ser tido como uma alternativa para acelerar ensaios de resistência à fadiga em cerâmicas policristalinas.

Palavras-chave: Cerâmicas. Fadiga. Frequência. Resistência. Usinagem.

ABSTRACT

FATIGUE BEHAVIOR OF CERAMICS

AUTHOR: SARA FRAGA
ADVISER: LILIANA GRESSLER MAY

Two manuscripts about the fatigue behavior of ceramic materials are reported in this thesis. Manuscript 1: Impact of the CAD/CAM machining on the fatigue behavior of glass and polycrystalline ceramics. This study assessed the effect of CAD/CAM machining on the flexural fatigue strength and on the surface roughness of different ceramics by comparing machined vs. machined and polished specimens. Disc shaped specimens of Y-TZP, leucite- and lithium disilicate-based glass ceramics were prepared by CAD/CAM machining, and assigned into two groups: machining (M); and machining followed by polishing (MP). The surface roughness (Ra and Rz) was measured in a contact perfilometer and the flexural fatigue strength was evaluated by the step-test method (n = 20), using a piston-on-three ball assembly (ISO 6872:2008). A specific loading protocol, based on the results of a monotonic test (n = 5), was performed for each ceramic material. A maximum of 10,000 cycles was applied in each load step, at 1.4 Hz. Weibull probability statistics was used for the analysis of the fatigue flexural strength, and the non-parametric Mann-Whitney test ($\alpha = 0.05$) was used to compare the roughness values (Ra and Rz) between M and MP groups for each ceramic material. M resulted in higher values of roughness and lower values of characteristic fatigue strength than MP. The greatest reduction in the characteristic fatigue strength from MP to M was observed in Y-TZP (40%; M = 536.48 MPa; MP = 894.50 MPa), followed by lithium disilicate (33%; M = 187.71 MPa; MP = 278.93 MPa) and leucite glass ceramic (29%; M = 72.61 MPa; MP = 102.55 MPa). Therefore, CAD/CAM machining affected negatively the flexural fatigue strength of ceramics with different microstructures. The results suggest that the machining of partially sintered materials may be as deleterious as the machining of fully sintered materials. Manuscript 2: Loading frequencies up to 20 Hz as an alternative to accelerate fatigue strength tests in a Y-TZP ceramic. This study aimed to investigate the influence of the loading frequency on the zirconia fatigue strength, by means of the staircase approach, at a maximum lifetime of 500.000 cycles, and using a piston-on-three ball assembly (ISO 6872:2008). The frequencies investigated were 2 Hz (control - simulation of the chewing activity; n = 20), 10 Hz (n = 20), 20 Hz (n = 20), and 40 Hz (n = 21). The fatigue strength data were analyzed using one-way ANOVA and post hoc Tukey`s test ($\alpha = 0.05$). The fatigue strength was significantly higher for 40 Hz group (630.7 MPa) and did not differ among the groups 2 Hz (550.3 MPa), 10 Hz (574.0 MPa) and 20 Hz (605.1 MPa). Therefore, the use of loading frequencies up to 20 Hz seems a good alternative to expedite the cycling strength fatigue tests in polycrystalline ceramics.

Keywords: Ceramics. Fatigue. Frequency. Machining. Strength.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

As cerâmicas odontológicas são reconhecidas pela biocompatibilidade, durabilidade química e excelentes propriedades ópticas, sendo capazes de mimetizar adequadamente a estrutura dental. Em função disso, esses materiais têm ganhado papel de destaque na Odontologia Restauradora como forma de satisfazer a crescente exigência estética por parte dos pacientes (KELLY, 2004).

O desenvolvimento de cerâmicas com melhores propriedades mecânicas, aliado a implementação da tecnologia CAD/CAM (*Computer-Aided Design/Computer-Aided Machining*), viabilizou a confecção de trabalhos protéticos totalmente cerâmicos, os quais variam desde restaurações unitárias, como facetas, *inlays*, *onlays* e coroas, até complexas próteses parciais fixas envolvendo múltiplos elementos (KELLY; NISHIMURA; CAMPBELL, 1996).

Nos sistemas CAD/CAM, a usinagem de restaurações cerâmicas pode ser realizada a partir de blocos pré-fabricados densamente sinterizados, sendo denominada usinagem de corte duro, ou utilizando blocos parcialmente sinterizados, corte macio. As cerâmicas comumente disponíveis para usinagem de corte duro são feldspática, vítrea reforçada por leucita e dissilicato de lítio. Novas formulações para usinagem de corte duro têm sido introduzidas no mercado, a exemplo da cerâmica vítrea de silicato de lítio reforçada por óxido de zircônio. Cerâmicas de maior dureza, como a zircônia parcialmente estabilizada por óxido de ítrio (Y-TZP), são preferencialmente usinadas antes da completa sinterização, a fim de facilitar o processo de fresagem (DENRY; HOLLOWAY, 2010; DENRY; KELLY, 2014).

Apesar do desenvolvimento de materiais com maior resistência e tenacidade à fratura, como a zircônia e a alumina policristalina, a natureza frágil e o crescimento lento e subcrítico de trincas são características inerentes às cerâmicas, fazendo com que a resistência à fratura desses materiais seja fortemente dependente do tamanho, número e distribuição de defeitos (HONDRUM, 1992; KELLY, 1995).

As taxas de sucesso clínico reportadas para restaurações totalmente cerâmicas são promissoras, muito embora a fratura da cerâmica ainda seja um problema técnico recorrente. Recente revisão sistemática, com 67 estudos clínicos incluídos, reportou que a taxa de fratura da infraestrutura foi significativamente superior para coroas totalmente cerâmicas em comparação às coroas metalocerâmicas, para uma estimativa de cinco anos. Nas cerâmicas de menor resistência, como as feldspáticas, a taxa de fratura da infraestrutura foi de 6,7% (IC[1] 95%: 2,4% - 17,7%). Nas cerâmicas vítreas reforçadas por leucita e dissilicato de lítio, essa taxa foi de 2,3% (IC 95%: 1,0% - 5,5%), enquanto que nas cerâmicas de maior resistência, como a zircônia, essa taxa foi de apenas 0,4% (IC 95%: 0,1% - 1,7%), resultado estatisticamente similar ao obtido para coroas metalocerâmicas (0,03%; IC 95%: 0,002% - 0,3%) (SAILER et al., 2015).

A análise fractográfica de coroas que falharam clinicamente e a análise de elementos finitos indicam que a superfície de cimentação da peça cerâmica concentra grande parte das tensões de tração responsáveis pelo início da falha em coroas cerâmicas (KELLY et al., 1990; THOMPSON et al., 1994; QUINN et al., 2005; MAY et al., 2012). Desse modo, torna-se imperativo a avaliação do efeito de procedimentos que afetam diretamente regiões de concentração de tensão de tração na resistência à fratura das cerâmicas.

A redução de blocos cerâmicos, por instrumentos diamantados de corte, na anatomia da restauração desejada, é capaz de introduzir microtrincas e defeitos na superfície da cerâmica (FRAGA et al., 2015), com dimensão estimada em 9 a 15 µm para uma cerâmica vítrea reforçada por partículas (KELLY et al., 1991), e em até 60 µm para uma cerâmica feldspática (SINDEL et al., 1998). Esses defeitos serão pontos de concentração de tensões, podendo dar origem a fratura da restauração. Dessa forma, considerando-se o uso cada vez mais difundido dos sistemas CAD/CAM na Odontologia Restauradora e o potencial da usinagem de introduzir defeitos em regiões críticas de concentração de tensão de tração, a exemplo da superfície de cimentação de coroas, o estudo do efeito da usinagem CAD/CAM na resistência à fratura de cerâmicas com diferentes microestruturas faz-se necessário.

Tendo-se em vista os constantes desafios a que os materiais restauradores estão sujeitos no meio bucal, como presença de umidade, cargas mastigatórias e alterações de temperatura e pH, as restaurações tendem a falhar por um fenômeno chamado fadiga (WISKOTT; NICHOLLS; BELSER, 1995), o qual compreende a falha de um material sujeito a tensões ou deformações ao longo de um período de tempo (BARAN; BOBERICK; McCOOL, 2001). No que se refere ao estudo das propriedades mecânicas dos materiais dentários, os ensaios de fadiga cíclica se colocam como um complemento aos ensaios monotônicos tradicionais, reproduzindo uma condição mais próxima do que ocorre clinicamente (WISKOTT; NICHOLLS; BELSER, 1995).

---

[1] IC: Intervalo de Confiança.

A realização de ensaios de fadiga cíclica envolve a determinação prévia de algumas variáveis, a exemplo da frequência de aplicação da carga (número de ciclos realizados por segundo), cujo efeito na resistência à fadiga de materiais cerâmicos ainda não é totalmente compreendido (ROSENTRITT et al., 2006; KELLY et al., 2010; JOSHI et al., 2014).

Segundo Wiskott, Nicholls e Belser (1995), para apresentar relevância clínica, os ensaios de fadiga deveriam ser conduzidos com, no mínimo, 10^6 ciclos, o que simularia um ano em boca. Empregando-se uma frequência de 2 Hz (frequência do ciclo mastigatório varia de 0,94 Hz a 2,15 Hz, segundo Po et al. (2011)), seriam necessários cerca de 6 dias para concluir a ciclagem em apenas um corpo de prova. Se uma frequência de 20 Hz pudesse ser utilizada, sem prejuízos aos resultados, esse tempo se reduziria para 14 horas. A aceleração dos ensaios cíclicos viabilizaria a aplicação de um número total de ciclos com maior relevância clínica, bem como a utilização de mais espécimes, contribuindo para aumentar o grau de evidência dos estudos de fadiga dos materiais cerâmicos.

Tendo-se em vista a existência de literatura escassa, o grande tempo dispendido para a realização de ensaios cíclicos com frequências baixas e o fato de muitos trabalhos na área de materiais dentários utilizarem critérios pouco elucidativos para a determinação da frequência, aponta-se para a necessidade de se avaliar a influência da aceleração do ensaio cíclico, por meio do aumento da frequência de aplicação de carga, sobre a resistência à fadiga das cerâmicas odontológicas.

Assim, considerando-se os contextos expostos, no presente trabalho serão apresentados os artigos oriundos de duas investigações científicas. O primeiro deles, intitulado "***Impact of the CAD/CAM machining on the fatigue behavior of glass and polycrystalline ceramics***", visou avaliar o efeito da usinagem sobre a resistência à fadiga flexural de cerâmicas com diferentes microestruturas (vítrea reforçada por leucita, dissilicato de lítio e Y-TZP), a partir da comparação entre corpos de prova usinados por CAD/CAM e corpos de prova com superfície polida após usinagem. O segundo artigo, intitulado "***Loading frequencies up to 20 Hz as an alternative to accelerate fatigue strength tests in a Y-TZP ceramic***" investigou o efeito da frequência de aplicação de carga (número de ciclos por segundo) na resistência à fadiga flexural da cerâmica policristalina Y-TZP e objetivou determinar a frequência máxima para aplicação de carga que não alterasse significativamente a resistência à fadiga flexural apresentada pelas cerâmicas na frequência de 2 Hz (simulação aproximada da frequência do ciclo mastigatório).

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 AS CERÂMICAS COMO MATERIAIS ODONTOLÓGICOS RESTAURADORES

As cerâmicas são formadas por elementos metálicos e não-metálicos. No estado líquido, esses elementos movem-se livremente, enquanto que, no processo de solidificação, eles tendem a se arranjar em uma estrutura vítrea amorfa ou em uma estrutura cristalina organizada (LAWSON; BURGESS, 2014). As cerâmicas odontológicas podem ser definidas como composições de duas ou mais fases, em que uma matriz vítrea é reforçada por partículas cristalinas ou vítreas de alta fusão. Nas cerâmicas sem conteúdo vítreo, chamadas policristalinas, a matriz é constituída por óxidos de alumínio ou zircônio, sendo acrescidos átomos modificadores ou estabilizadores de fase (KELLY, 2008).

De acordo com a microestrutura, as cerâmicas podem ser classificadas como: predominantemente vítreas, vítreas reforçadas por partículas e policristalinas. As cerâmicas predominantemente vítreas são compostas por uma matriz a base de vidro, a exemplo do feldspato, na qual são impregnadas pequenas quantidades de partículas que melhoram suas propriedades térmicas e ópticas. A presença de um alto conteúdo vítreo, apesar de diminuir sua resistência à fratura, proporciona excelente estética e capacidade de mimetizar os tecidos dentais. As cerâmicas vítreas reforçadas por partículas são aquelas em que componentes cristalinos ou vítreos de alta fusão são adicionados a sua composição visando melhorar propriedades mecânicas, como resistência e expansão/contração térmicas. Esses componentes podem ser adicionados mecanicamente ou serem precipitados dentro da matriz vítrea por meio de tratamento térmico. Como exemplos de partículas, pode-se citar: leucita, óxido de alumínio, óxido de zircônio e dissilicato de lítio. As cerâmicas policristalinas não apresentam matriz vítrea e seus componentes encontram-se densamente arranjados em uma estrutura cristalina, o que lhes confere maior tenacidade à fratura e resistência. Em contrapartida, apresentam propriedades ópticas inferiores, sendo mais opacas. Como principais exemplos desses materiais podem-se citar a alumina policristalina e a zircônia parcialmente estabilizada por óxido de ítrio (Y-TZP) (KELLY, 2004, 2008; LAWSON; BURGESS, 2014).

Nas investigações científicas descritas nesse trabalho foram utilizados representantes de dois tipos de microestruturas de cerâmicas, disponíveis na forma de blocos pré-fabricados para usinagem pelo sistema CAD/CAM, a saber: cerâmica vítrea reforçada por leucita, cerâmica vítrea reforçada por dissilicato de lítio e zircônia parcialmente estabilizada por óxido de ítrio.

A cerâmica vítrea reforçada por leucita para CAD/CAM (IPS Empress CAD, Ivoclar Vivadent, Liechtenstein) é indicada pelo fabricante para confecção de facetas, *inlays*, *onlays* e coroas. Essa cerâmica caracteriza-se por uma matriz vítrea de aluminosilicato, na qual ficam impregnados cristais de leucita ($K_2O.Al_2O_3.4SiO_2$), com diâmetros de 1 a 5 µm, totalizando 35-45% de volume da fase cristalina. Esses cristais são adicionados no intuito de melhorar as propriedades mecânicas do material, uma vez que atuam nos mecanismos de tenacificação de fratura, por promoverem o desvio da trajetória de propagação da trinca (CESAR et al., 2005). A cerâmica vítrea reforçada por leucita para CAD/CAM é comercialmente disponível na forma de blocos totalmente sinterizados (IVOCLAR VIVADENT, 2006a).

A cerâmica de dissilicato de lítio para CAD/CAM (IPS e.max CAD, Ivoclar Vivadent, Liechtenstein) alia excelentes propriedades ópticas e resistência à fratura superior à cerâmica vítrea reforçada por leucita. É indicada pelo fabricante para a confecção de facetas, *inlays*, *onlays*, coroas e intermediários de implantes para restaurações unitárias (IVOCLAR VIVADENT, 2006b). Os blocos são disponibilizados na forma pré-cristalizada, conhecida como *blue stage*, a qual contém metassilicato e núcleos de dissilicato de lítio. Nessa fase, os blocos são mais facilmente usinados e, após a confecção, a restauração é submetida a um tratamento térmico, ocorrendo a completa cristalização do dissilicato de lítio (DENRY, 2013; LI; CHOW; MATINLINNA, 2014).

Uma das cerâmicas de maior resistência à fratura é a zircônia parcialmente estabilizada por óxido de ítrio (Y-TZP), cujo uso em Odontologia foi possível graças a implementação dos sistemas CAD/CAM (LI; CHOW; MATINLINNA, 2014). A zircônia pode assumir três formas cristalográficas, a depender da temperatura: monoclínica (da temperatura ambiente à 1170ºC), tetragonal (entre 1170ºC e 2370ºC) e cúbica (acima de 2370ºC). Durante o resfriamento, a passagem da fase tetragonal para a monoclínica é acompanhada por um considerável aumento no volume (aproximadamente 4,5%), o qual é suficiente para ocasionar a falha catastrófica do material. A adição de óxidos como CaO, MgO, Y_2O_3 ou CeO_2 tornou possível estabilizar a fase tetragonal a temperatura ambiente, permitindo o uso da zircônia como material estrutural (DENRY; KELLY, 2008; LI; CHOW; MATINLINNA, 2014). A zircônia estabilizada exibe um mecanismo de tenacificação da fratura por mudança de fase induzida por tensão. Quando uma tensão se concentra em torno de uma trinca, há uma mudança de fase tetragonal para monoclínica dos grãos na ponta da trinca. Essa mudança é seguida por aumento no volume dos grãos, induzindo tensões compressivas e dificultando a propagação da trinca (CHEVALIER; GREMILLARD; DEVILLE, 2007). A Y-TZP é amplamente empregada na confecção de coroas e próteses parciais fixas (DENRY; KELLY, 2008). Pode ser usada como infraestrutura, sendo recoberta com cerâmica vítrea, ou como restauração monolítica (DENRY; KELLY, 2008; TONG et al., 2016).

2.2 PROPRIEDADES MECÂNICAS DAS CERÂMICAS ODONTOLÓGICAS

As cerâmicas caracterizam-se por serem materiais frágeis, ou seja, suportam pouca ou nenhuma deformação plástica antes de fraturar. Em função disso, são sensíveis a presença de defeitos, apresentam menor resistência à tração quando comparada à compressão e fraturam de maneira repentina (catastrófica) (HONDRUM, 1992).

Os defeitos presentes no material poderão atuar como pontos de concentração de tensões, dando início a propagação de uma trinca quando a energia elástica armazenada exceder a energia requerida para a formação de uma nova superfície. Dessa forma, a resistência das cerâmicas depende do tamanho, número e distribuição de defeitos na zona de maior concentração de tensão de tração, bem como da capacidade do material de resistir à propagação rápida da trinca (tenacidade à fratura) (KELLY, 1995). Exemplos de defeitos que podem ser encontrados nas cerâmicas são: poros, trincas, inclusões, além de defeitos superficiais decorrentes de desgaste e usinagem (QUINN, 2007; QUINN; HOFFMAN; QUINN, 2012; DENRY, 2013).

Outras variáveis também podem influenciar nos valores de resistência das cerâmicas, como: espessura da camada de cimento (MAY et al., 2012), condições de carregamento do ensaio, ambiente do teste (seco; úmido) geometria e volume do corpo de prova (KELLY, 1995). Em função disso, a resistência à fratura dos materiais cerâmicos é tida como uma medida condicional.

2.3 COMPORTAMENTO CLÍNICO DAS RESTAURAÇÕES TOTALMENTE CERÂMICAS

Informações sobre cerca de 35.000 restaurações totalmente cerâmicas confeccionadas em sistema CAD/CAM foram coletadas de um banco de dados pertencente a um centro de usinagem na Alemanha. Devido ao fato das peças usinadas apresentarem garantia de cinco anos, a ocorrência de fratura era reportada pelos dentistas e registrada na base de dados do centro. Os tipos de restauração compreendiam *inlays*, *onlays*, coroas unitárias e próteses parciais fixas (de 3 a 5 elementos) cimentadas apenas em dentes posteriores. O sistema cerâmico empregado variou de acordo com o tipo de trabalho restaurador. Zircônia monolítica e infraestrutura de zircônia recoberta por dissilicato de lítio (*sistema e.max CAD on* ZrO_2) foram utilizadas na confecção de próteses parciais fixas e coroas unitárias, enquanto que zircônia recoberta com cerâmica feldspática foi utilizada apenas para a confecção de próteses parciais fixas. Dissilicato de lítio foi empregado na confecção de coroas, *onlays* e *inlays*, enquanto que cerâmica vítrea reforçada por leucita apenas foi utilizada para confecção de *onlays* e *inlays*. No período de 3,5 anos, 491 restaurações totalmente cerâmicas fraturaram (1,4%). Em relação aos tipos de cerâmica, para o período observado, o dissilicato de lítio apresentou taxa de sobrevivência inferior para as coroas unitárias (1,23% de falha) em comparação às *onlays* (0,71% de falha) e *inlays* (0,36% de falha). Em relação às próteses parciais fixas, não houve diferença na análise de sobrevivência entre a zircônia recoberta por disilicato de lítio (3,93% de falha), a zircônia recoberta por porcelana (0,82% de falha) e a zircônia monolítica (nenhuma falha). Cerâmica vítrea reforçada por leucita apresentou taxa de sobrevivência inferior para restaurações tipo *inlays* (3,08% de falha) e *onlays* (3,57% de falha) quando comparada ao dissilicato de lítio (BELLI et al., 2016).

Em recente revisão sistemática, na qual 67 estudos clínicos foram incluídos, a taxa de sobrevivência para coroas unitárias metalocerâmicas foi estimada em 94,7% (IC 95%: 94,1% - 96,9%) para um período de cinco anos. Essa taxa de sobrevivência foi similar às reportadas para coroas unitárias confeccionadas com cerâmicas vítreas reforçadas por leucita ou dissilicato de lítio (96,6%; IC 95%: 94,9% - 96,7%), alumina infiltrada por vidro (94,6%; IC 95%: 92,7% - 96,0%), alumina densamente sinterizada (96,0; IC 95%: 93,8% - 97,5%) e zircônia (91,2%, IC 95%: 82,8% - 95,6%). Entretanto, taxas de sobrevivência significativamente inferiores foram relatadas para coroas unitárias confeccionadas com cerâmicas a base de feldspato e sílica (90,7%; IC 95%: 87,5% - 93,1%). Salienta-se que, no estudo mencionado, sobrevivência foi definida como restaurações que permaneciam em boca com ou sem modificações durante o período de observação. Fratura catastrófica foi uma das complicações técnicas mais reportadas para as coroas totalmente cerâmicas. A taxa de fratura para cinco anos foi estimada em 6,7% para as cerâmicas feldspáticas, 2,3% para as cerâmicas vítreas reforçadas por leucita e dissilicato de lítio, e 0,4% para as cerâmicas policristalinas (SAILER et al. 2015).

No que se refere a próteses parciais fixas (PPFs), revisão sistemática com 40 estudos incluídos, mostrou uma taxa de fratura da cerâmica de infraestrutura superior para cerâmicas vítreas reforçadas por dissilicato de lítio (8%) e alumina infiltrada por vidro (12,9%), quando comparada a PPFs metalocerâmicas (0,6%) e de zircônia (1,9%) (PJETURSSON et al., 2015).

2.4 ANÁLISE FRACTOGRÁFICA DE RESTAURAÇÕES CERÂMICAS QUE FALHARAM CLINICAMENTE

Alguns trabalhos têm reportado a análise fractográfica de restaurações totalmente cerâmicas que falharam clinicamente, fornecendo informações importantes quanto ao modo de falha e à origem do defeito crítico. Essa análise mostra-se desafiadora, uma vez que muitos fatores podem estar associados com o início e a propagação de trincas em restaurações cerâmicas, incluindo: forma da restauração, heterogeneidades microestruturais, tamanho e distribuição de falhas superficiais, tensão residual e gradientes de tensão induzidos por polimento e/ou processamento térmico, espessura da cerâmica, módulo de elasticidade dos componentes da restauração, interface cimento/cerâmica, magnitude e orientação das cargas aplicadas (THOMPSON et al., 1994).

Kelly et al. (1990) avaliaram 12 coroas de cerâmica vítrea (Dicor, Dentsply International Inc., York, PA) e de espinélio de alumínio e magnésio (Cerestore, Ceramco Inc., East Windsor, NJ) que falharam clinicamente na consulta de prova ou após o período de 17 a 36 meses de uso. Na maioria das coroas, a falha aparentemente teve início a partir da superfície interna, indicando uma alta concentração de tensão de tração nessa região associada à presença de defeitos críticos. As falhas foram relacionadas com defeitos incorporados durante a fabricação ou a defeitos inerentes a microestrutura do material.

Thompson et al. (1994) encontraram resultados similares para nove coroas de cerâmica vítrea (Dicor, Dentsply International Inc., York, PA) e nove coroas de espinélio de alumínio e magnésio (Cerestore, Ceramco Inc., East Windsor, NJ) que falharam clinicamente no período de seis a 48 meses após cimentação com fosfato de zinco. Todas as coroas Dicor® falharam a partir de algum defeito na superfície interna. Os autores forneceram duas explicações para esse tipo de comportamento: 1) o jateamento com partículas abrasivas de alumina, antes da cimentação, poderia ter originado defeitos que atuaram como concentradores de tensões, facilitando o início da falha nesse local; 2) a falha do cimento na interface restauração/cimento poderia aumentar a flexão dentro da coroa durante carregamento na superfície oclusal, ocasionando tensão de tração suficiente para induzir o início da falha na superfície interna. Em sete das nove coroas de Cerestore®, a falha teve início na interface cerâmica de cobertura/cerâmica de infraestrutura ou dentro da cerâmica de infraestrutura.

Quinn et al. (2005) realizaram a análise fractográfica de três coroas totalmente cerâmicas que falharam clinicamente, compostas por cerâmica de infraestrutura e de cobertura. Na coroa correspondente ao primeiro molar superior direito, constatou-se que a falha teve início na cerâmica de infraestrutura de alumina densamente sinterizada (Procera AllCeram, Nobel Biocare, Suécia), próximo às margens da restauração, onde o material é mais fino e há concentração de tensões. Mecanismo de falha semelhante foi observado na coroa de espinélio de alumínio e magnésio (Cerestore, Coors Biomedical, Lakewood, CO), em primeiro molar inferior esquerdo, onde a fratura pareceu iniciar na cerâmica de infraestrutura, na vizinhança da área marginal. Ambas as coroas continham *cone cracks* (trincas que resultam do contato brusco de forças aplicadas em superfícies relativamente planas) na superfície oclusal. Na coroa de incisivo central superior direito de dissilicato de lítio injetável (Empress 2, Ivoclar Vivadent, Liechtenstein), *wake hackles* partindo diretamente da infraestrutura em direção a superfície indicavam que a falha teve início na cerâmica de infraestrutura, na face lingual do dente.

Øilo e Gjerdet (2013) analisaram a superfície de fratura de 27 coroas de alumina revestida por cerâmica vítrea que falharam clinicamente, compreendendo 13 incisivos, 3 pré-molares e 11 molares. Em todos os casos, a falha iniciou na cerâmica de infraestrutura na margem cervical da coroa. Muitas das restaurações apresentavam fratura por dano de contato na face oclusal da cerâmica de cobertura. Entretanto, todas essas falhas foram consideradas secundárias, não sendo responsáveis pela falha catastrófica das coroas. Em recente estudo (ØILO; QUINN, 2016), essas coroas foram re-avaliadas e a origem da fratura identificada. A maioria das falhas teve início a partir de defeitos localizados nas margens das restaurações usinadas por CAD/CAM, as quais se mostravam muito finas, irregulares e com excesso de cerâmica de cobertura na porção interna. Em alguns casos, as marcas da usinagem eram bem evidentes e correspondiam a trincas e lascamentos responsáveis pelo início da falha.

2.5 EMPREGO DA TECNOLOGIA CAD/CAM NA CONFECÇÃO DE RESTAURAÇÕES CERÂMICAS

A tecnologia CAD/CAM se coloca como uma alternativa aos métodos tradicionais de confecção de restaurações cerâmicas, os quais tendem a ser mais demorados e dependentes da habilidade manual do técnico em prótese dentária (MIYAZAKI et al., 2009). Os sistemas CAD/CAM empregam blocos cerâmicos pré-fabricados, os quais são obtidos por um processo controlado e padronizado, resultando em uma cerâmica mais homogênea e com menores chances de incorporação de defeitos (GIORDANO, 2006; LI; CHOW; MATINLINNA, 2014).

De forma geral, a confecção de uma restauração cerâmica completa ou de sua infraestrutura por tecnologia CAD/CAM abrange três momentos: (1) digitalização do preparo, por meio do uso de câmeras intraorais ou escaneamento do modelo de trabalho; (2) desenho digital da restauração e (3) usinagem da peça a partir do desgaste de um bloco cerâmico com instrumentos diamantados de corte (BEUER; SCHWEIGER; EDELHOFF, 2008).

Vários sistemas CAD/CAM são comercializados para a usinagem das cerâmicas odontológicas, sendo o CEREC (Sirona Dental Systems Gmbh, Alemanha) um dos mais amplamente difundidos e estudados (LEBON et al., 2016). Inicialmente, esse sistema permitia apenas a confecção de restaurações do tipo *inlay* por meio do desgaste de blocos cerâmicos por discos diamantados. Atualmente, utiliza pontas diamantadas específicas para a usinagem de blocos de resina composta, materiais híbridos, cerâmicas vítreas e blocos parcialmente sinterizados de Y-TZP, permitindo a confecção dos mais variados tipos de restaurações indiretas como *inlays*, *onlays*, coroas e próteses parciais fixas (MÖRMANN, 2006).

2.5.1 Impacto da usinagem na resistência à fratura e na rugosidade superficial de cerâmicas CAD/CAM

A usinagem pode ser realizada a partir de blocos cerâmicos totalmente sinterizados (corte duro), ou utilizando-se blocos parcialmente sinterizados (corte macio). Cerâmicas feldspática, vítrea reforçada por leucita, dissilicato de lítio e cerâmicas vítreas de silicato de lítio reforçadas por óxido de zircônio são alguns dos materiais disponíveis para confecção de restaurações a partir de fresagem de corte duro (DENRY, 2013; DENRY; KELLY, 2014). Já a zircônia tetragonal parcialmente estabilizada com óxido de ítrio pode ser usinada por fresagem de corte macio, a partir de blocos parcialmente sinterizados, ou por meio de fresagem de corte duro, utilizando-se blocos densamente sinterizados (DENRY, 2013; DENRY; KELLY, 2014).

De uma forma geral, a usinagem da cerâmica por instrumentos diamantados de corte compreende cinco estágios. Primeiramente tem-se a indução de um campo de concentração de tensões na cerâmica, em função do impacto gerado pelo primeiro contato entre o instrumento de corte e a cerâmica. Em um segundo momento, a movimentação do instrumento provoca o acúmulo de energia e o início da formação de trincas nas regiões de alta concentração de tensão. O terceiro estágio compreende a propagação das trincas em função do progresso da usinagem. O processo de propagação de trincas é completado em um quarto estágio, quando múltiplas microtrincas se fundem e promovem a remoção do material cerâmico, culminando com o alívio da energia armazenada. Por fim, ter-se-á, em um quinto momento, a formação de uma nova textura de superfície na cerâmica usinada, a qual contará com a presença de danos superficiais e sub-superficiais (ZHANG; SATISH; KO, 1994), cuja extensão foi estimada em até 60 µm para uma cerâmica feldspática usinada pelo sistema CEREC1® (SINDEL et al., 1998).

Fraga et al. (2015) mostraram que a usinagem de corte duro reduziu em cerca de 27% a resistência flexural biaxial de uma cerâmica vítrea reforçada por leucita (128,20 MPa), quando comparada à usinagem seguida de polimento (177,2 MPa). Por meio de imagens em microscopia eletrônica de varredura (MEV) da secção transversal dos discos, observou-se que a usinagem foi capaz de introduzir defeitos na superfície da cerâmica, os quais foram removidos com a realização do polimento. A rugosidade média (Ra) do grupo usinado foi de 1,37 µm, enquanto do grupo usinado e polido foi de 0,04 µm.

A análise fractográfica de barras de cerâmica feldspática e vítrea reforçada por partículas, submetidas a ensaio de flexão três pontos, mostraram que todas as 72 barras analisadas falharam devido a defeito introduzido pela usinagem. O tamanho médio da falha que deu origem à fratura foi estimado em 9-15 µm para a cerâmica vítrea reforçada por partículas e 15-30 µm para a cerâmica feldspática (KELLY et al.,1991).

Em ensaio de flexão uniaxial, barras de Y-TZP obtidas por usinagem pelo sistema Cercon (Degudent GmbH, Alemanha) apresentaram resistência característica de 820,65 MPa e o módulo de Weibull de 3,99, valores inferiores ao grupo que recebeu apenas polimento, os quais mostraram uma resistência característica de 1244,17 MPa e módulo de Weibull de 7,26. O valor médio de Ra após usinagem foi de 1,91 µm, enquanto para os corpos de prova polidos foi de 0,04 µm (WANG; ABOUSHELIB; FEILZER, 2008).

Tem sido relatado na literatura que a usinagem poderia gerar uma fina faixa de tensão compressiva sobre a superfície da cerâmica, dificultando a propagação de trincas e promovendo melhoria na resistência do material (MARSHALL et al., 1983).

No que se refere ao impacto de variáveis relacionadas à usinagem sobre as propriedades mecânicas dos materiais cerâmicos, nos trabalhos de Addison et al. (2012) e Fraga et al. (2015) observou-se que a rugosidade superficial e a resistência flexural de discos obtidos por usinagem de corte duro em sistema CEREC MC XL® foi influenciada pelo par de brocas usado. Mesmo sendo idênticas em composição e geometria, diferenças na distribuição e orientação das partículas de diamante impregnadas na superfície das brocas podem explicar tais resultados. Fraga et al. (2015) relataram moderada e significativa correlação entre ordem de usinagem e rugosidade, sendo que, à medida que a ordem de usinagem aumentou, os valores de rugosidade tenderam a diminuir. Tais achados foram contrários ao estudo de Addison et al. (2012), onde não se encontrou correlação. Esta contradição entre os resultados, pode ser devido ao menor número de discos produzidos por broca no trabalho de Adisson et al. (2012) (n=14) em comparação ao de Fraga et al. (2015) (n=28).

Corazza et al. (2015) investigaram a influência da deterioração das brocas CAD/CAM na rugosidade e na carga máxima para falha de infraestruturas de Y-TZP recobertas com porcelana feldspática. A rugosidade dos corpos de prova variou entre os dois pares de brocas usados na fresagem. Entretanto, essa diferença não se refletiu nos valores de carga para fratura. Apesar de significativa, a correlação entre ordem de usinagem e rugosidade foi moderada.

Salienta-se que, apesar da expansão na utilização de sistemas CAD/CAM, não foram encontrados estudos de fadiga que tenham avaliado o efeito a longo prazo da usinagem na resistência à fratura das cerâmicas. Portanto, este efeito permanece desconhecido.

2.6 FADIGA EM CERÂMICAS

O termo fadiga designa um processo progressivo de dano ocorrido em um material sujeito a tensões ou deformações ao longo de um período de tempo, resultando na propagação de trincas e na falha do material (BONFANTE; COELHO, 2016). O modo de aplicação da tensão ou deformação pode ser: estático, dinâmico ou cíclico (BARAN; BOBERICK; McCOOL, 2001). A fadiga estática refere-se ao crescimento de trincas sob a aplicação de uma tensão estática constante em um ambiente químico de fragilização (SURESH, 1998). Nos ensaios de fadiga dinâmica, a susceptibilidade do material ao crescimento subcrítico de trincas é determinada por meio de testes de resistência em que a tensão é aplicada interruptamente, sob uma taxa constante (exemplo: 10^{-2}, 10^{-1}, 10^{0}, 10^{1} e 10^{2} MPa/s) (THOMPSON, 2004). Já a fadiga cíclica refere-se a perda de resistência do material sob carregamento cíclico, podendo levar a falhas sob tensões inferiores a resistência nominal do material (BONFANTE; COELHO, 2016).

Em função de sua natureza frágil, a falha por fadiga das cerâmicas ocorre de maneira súbita (catastrófica), sem ser precedida de qualquer deformação plástica visível, abrangendo três estágios distintos: 1) nucleação da trinca; 2) propagação; 3) coalescência (CALLISTER, 1991; BARAN; BOBERICK; McCOOL, 2001).

O primeiro estágio, nucleação da trinca, refere-se à formação da trinca a partir de um ponto de alta concentração de tensão, como poros, danos superficiais, ângulos agudos, inclusões e agregados (QUINN, 2007). O processo de nucleação é seguido por um rápido crescimento da trinca. No segundo estágio, a trinca tende a se propagar com velocidade inferior e proporcional a tensão recebida, sendo a propagação perpendicular ao eixo de tração (BARAN; BOBERICK; McCOOL, 2001). O estágio três de coalescência caracteriza-se pela falha final, que ocorre muito rapidamente após a trinca ter atingido um tamanho crítico (CALLISTER, 1991).

Os materiais cerâmicos são suscetíveis ao fenômeno de crescimento lento e subcrítico de trincas (*Slow Crack Growth* – SCG). O SCG ocorre por uma interação química entre a cerâmica e o ambiente, na presença de umidade e tensões, em que a trinca se propaga de modo estável a partir de um valor de intensidade de tensão abaixo do nível crítico (K_{I0}), culminando na diminuição da resistência do material em função do tempo (GONZAGA et al., 2011).

Diante dos constantes desafios a que os materiais restauradores estão sujeitos no ambiente oral, a exemplo de presença de umidade, forças mastigatórias, forças imprimidas pelos lábios, língua e bochechas, além de variações de temperatura e pH, torna-se fácil compreender o porquê de a fadiga ser a principal causa de falhas clínicas de trabalhos protéticos (WISKOTT; NICHOLLS; BELSER, 1995). Desse modo, a compreensão de como esse fenômeno ocorre é de fundamental importância para que se possa fazer inferências sobre a probabilidade de falha dos materiais restauradores (LOHBAUER et al., 2008).

2.6.1 Ensaios de fadiga

Tendo-se em vista os altos custos, as considerações éticas, e o tempo dispendido na realização de trabalhos clínicos (KELLY, 2016), nos últimos anos, tem-se observado um interesse crescente por parte da comunidade científica no estudo do comportamento à fadiga dos materiais cerâmicos (ROSENTRITT; BEHR; PREIS, 2016; BONFANTE; COELHO, 2016; BARAN; BOBERICK; McCOOL, 2001). Os ensaios de fadiga têm se colocado como uma alternativa para aproximar os testes laboratoriais da realidade clínica a que os materiais restauradores são submetidos, sendo utilizados para a comparação entre materiais e realização de análises de sobrevivência.

O comportamento à fadiga dos materiais cerâmicos pode ser avaliado por meio de diferentes metodologias, sendo que a escolha do tipo de ensaio recai na informação que se deseja obter. Cargas mecânicas cíclicas têm sido comumente aplicadas sob condições de umidade para simular os desafios enfrentados pelas restaurações cerâmicas em uso e o dano acumulado que ocorre clinicamente (ROSENTRITT; BEHR; PREIS, 2016). Cargas estáticas ou dinâmicas podem ser vistas em metodologias que visam informações acerca do comportamento de crescimento de trincas dos materiais cerâmicos (GONZAGA et al., 2011; THOMPSON, 2004).

De acordo com Collins (1993), o termo resistência à fadiga compreende o valor de tensão em que a falha ocorrerá após um período pré-determinado. Já o termo limite de fadiga compreende o valor de tensão abaixo do qual o material resistiria a um número infinito de ciclos.

Alguns dos métodos que têm sido usados para a investigação da resistência à fadiga cíclica das cerâmicas são o *staircase* e o *step-test*.

No método *staircase*, também conhecido como *up and down approach*, as amostras são testadas sequencialmente para determinação da média e do desvio padrão da resistência à fadiga. Nessa abordagem, o número máximo de ciclos é previamente estabelecido, tendo-se por base a experiência do pesquisador e uma estimativa do número de ciclos a que o componente será sujeito ao longo de seu uso. A primeira amostra é testada com valor de tensão inferior a resistência nominal máxima do material em teste estático correspondente. Se a amostra falhar, o próximo espécime é testado com incremento de carga inferior; se a amostra sobreviver, o próximo espécime é testado com incremento de carga superior. Portanto, cada teste é dependente dos resultados do teste anterior. Como o ensaio é sequencial, tende a ser centrado no valor médio de resistência à fadiga para o número de ciclos determinado, o qual será calculado com base no evento menos frequente (falha ou sobrevivência). No mínimo 15 corpos de prova devem ser testados após o início do ensaio, sendo este representado pela ocorrência da primeira inversão de eventos (fratura seguida de sobrevivência, ou vice-versa) (COLLINS, 1993).

O método *step-test* consiste em aplicar, no mesmo espécime, níveis crescentes de carga (*steps*) por um número fixo de ciclos (exemplo 10.000 ciclos) até a ocorrência de falha do material. O ensaio inicia-se com a aplicação de uma carga inferior a resistência máxima do material, por um número fixo de ciclos. Se o espécime sobreviver, aumenta-se a carga em um incremento fixo e o espécime é ciclado novamente. Esse procedimento é repetido até a fratura da amostra, momento em que se registra a carga para fratura e o número de ciclos (COLLINS, 1993). Os dados são então analisados por meio de análise de sobrevivência de Kaplan Meier (COLLINS, 1993; NICOLAISEN et al., 2014; MAGNE et al., 2015) ou estatística de Weibull (COLLINS, 1993; ANAMI et al., 2016). O método de aplicação de carga em *steps* crescentes também tem sido utilizado para obtenção de informações sobre a confiabilidade de um tratamento restaurador em ensaios com menor tempo de duração (BASSO et al., 2016; SHEMBISH et al., 2016). Nesses estudos, três perfis de tensão (suave, moderado e agressivo) são geralmente empregados para distribuir as falhas entre os diferentes *steps* de carga, permitindo uma melhor predição clínica (BONFANTE; COELHO, 2016).

No cenário atual, diversos estudos têm utilizado os métodos *staircase* e *step-test* para investigar o comportamento à fadiga das cerâmicas, com variações no tempo de vida (número máximo de ciclos) e na frequência de aplicação de carga. A descrição de alguns desses estudos pode ser encontrada nas Tabelas 1 e 2.

Tabela 1 – Descrição de estudos que avaliaram o comportamento à fadiga dos materiais cerâmicos pelo método *staircase*.

(continua)

<table>
<tr><th>Autores (ano)</th><th>Objetivo</th><th>Frequência</th><th>Número de ciclos</th><th>Desfecho (resistência à fadiga; carga para falha em fadiga) - Média (desvio-padrão)</th></tr>
<tr><td>Polli et al. (2016)</td><td>Avaliar o efeito do desgaste (com e sem refrigeração) na resistência à fadiga de barras de Y-TZP (ensaio de flexão quatro pontos).</td><td>10 Hz</td><td>500.000</td><td>Y-TZP controle (apenas sinterizada): 448 (56) MPa
Y-TZP desgaste sem refrigeração: 520 (34) MPa
Y-TZP desgaste com refrigeração: 510 (27) MPa</td></tr>
<tr><td>Amaral et al. (2016)</td><td>Avaliar o efeito do jateamento e da aplicação de glaze na resistência à fadiga de discos de Y-TZP (ensaio de flexão biaxial).</td><td>0,5 Hz</td><td>100
1.000
10.000
100.000</td><td><table>
<tr><th></th><th>100 ciclos</th><th>1.000 ciclos</th><th>10.000 ciclos</th><th>100.000 ciclos</th></tr>
<tr><td>Y-TZP (controle)</td><td>817 (59) MPa</td><td>784 (52) MPa</td><td>769 (79) MPa</td><td>777 (26) MPa</td></tr>
<tr><td>Y-TZP jateada</td><td>1147(19) MPa</td><td>1096(39) MPa</td><td>1072(27) MPa</td><td>1023(122) MPa</td></tr>
<tr><td>Y-TZP glaze</td><td>921 (47) MPa</td><td>835 (29) MPa</td><td>826 (64) MPa</td><td>799 (14) MPa</td></tr>
</table></td></tr>
<tr><td>Dibner e Kelly (2016)</td><td>Avaliar o efeito de diferentes espessuras de cerâmica de infraestrutura (dissilicato de lítio) e de cobertura (cerâmica vítrea de nano-fluorapatita) na carga para fadiga de discos cimentados em bases de resina epóxica.</td><td>20 Hz</td><td>500.000</td><td>Apenas dissilicato (1,5 mm): 501 (70) N
Dissilicato (1 mm) e cobertura (0,5 mm): 538 (42) N
Dissilicato (0,75 mm) e cobertura (0,75 mm): 600 (133) N
Dissilicato (0,5 mm) e cobertura (1 mm): 611 (130) N</td></tr>
<tr><td>Pereira et al. (2016)</td><td>Avaliar o efeito do desgaste com brocas diamantadas na resistência à fadiga de discos Y-TZP (ensaio de flexão biaxial).</td><td>6 Hz</td><td>20.000</td><td>Y-TZP (Lava Frame) apenas sinterizada: 577 (57) MPa
Y-TZP (Lava Frame) desgastada: 706 (62) MPa
Y-TZP (Zirlux FC) apenas sinterizada: 542 (25) MPa
Y-TZP (Zirlux FC) desgastada: 652 (83) MPa</td></tr>
<tr><td>May et al. (2015)</td><td>Avaliar o efeito da espessura oclusal de cimento resinoso na carga para a fadiga de coroas feldspáticas confeccionadas por CAD/CAM.</td><td>20 Hz</td><td>500.000</td><td>Coroa feldspática, 50 µm de cimento: 246 (23) N
Coroa feldspática, 500 µm de cimento: 159 (23) N</td></tr>
</table>

(conclusão)

Autores (ano)	Objetivo	Frequência	Número de ciclos	Desfecho (resistência à fadiga; carga para falha em fadiga) - Média (desvio-padrão)
Belli et al. (2014)	Comparar a resistência à fadiga entre diferentes materiais cerâmicos e resinas compostas (ensaio de flexão quatro pontos).	0,5 Hz	20.000	Y-TZP: 440 (51) MPa Dissilicato de lítio para CAD/CAM: 121 (15) MPa Feldspática para CAD/CAM: 38 (2) MPa Resina composta CAD/CAM: 64 (6) MPa

Tabela 2 – Descrição de estudos que avaliaram o comportamento à fadiga dos materiais cerâmicos pelo método *step-test*.

Autores (ano)	Objetivo	Frequência	Protocolo de *steps*	Desfecho (resistência à fadiga; carga para falha em fadiga; número de ciclos) Média (desvio-padrão)
Anami et al. (2016)	Investigar o efeito de tratamentos de superfície na carga para fratura em fadiga de coroas Y-TZP recobertas por cerâmica feldspática cimentadas a resina epóxica.	1,4 Hz	200 N – 5.000 ciclos 800 N – 10.000 ciclos 1000 N – 10.000 ciclos 1200 N – 10.000 ciclos 1400 N – 10.000 ciclos Máximo: 45.000 ciclos	Y-TZP sem tratamento: 1093 (237) N Y-TZP jateamento com 125 µm Al_2O_3: 973 (198) N Y-TZP jateamento com 30 µm SiO_3: 920 (147) N Y-TZP glaze: 867 (180) N
Magne et al. (2015)	Avaliar a carga para fadiga de coroas ultrafinas (0,7 mm de espessura no sulco central) confeccionadas por usinagem CAD/CAM e cimentadas adesivamente a dentes molares.	10 Hz	200 N – 5.000 ciclos 400 N – 30.000 ciclos 600 N – 30.000 ciclos 800 N – 30.000 ciclos 1000 N – 30.000 ciclos 1200 N – 30.000 ciclos 1400 N – 30.000 ciclos Máximo: 185.000 ciclos	Dissilicato de lítio: 1123 (130) N Feldspática: 987 (200) N Resina composta: 1014 (146) N
Nicolaisen et al. (2014)	Comparar a resistência à fadiga de coroas metalocerâmicas e coroas de Y-TZP recobertas com cerâmica vítrea.	12 Hz	400 N – 600.000 ciclos 600 N – 200.000 ciclos 800 N – 200.000 ciclos 1000 N – 200.000 ciclos Máximo: 1.200.000 ciclos	Coroa metalocerâmica: 772.000 (133.000) ciclos Coroa totalmente cerâmica: 785.000 (202.000) ciclos

2.6.1.1 Variáveis envolvidas em ensaios de fadiga cíclica

A condução de ensaios de fadiga cíclica envolve a determinação prévia de algumas variáveis, como o número máximo de ciclos e a frequência de aplicação de carga (número de ciclos realizados por segundo).

Até o momento, não há um consenso sobre o número de ciclos empregado no ensaio de fadiga e o tempo em serviço correspondente. Segundo Wiskott, Nicholls e Belser (1995), para apresentar relevância clínica, os testes de fadiga deveriam ser realizados com, no mínimo, 10^6 ciclos, valor equivalente a um ano em boca. Para chegar a esse número, os autores assumiram 3 períodos de 15 minutos de mastigação por dia, a uma taxa de 60 ciclos por minuto (1 Hz). Assim, em um dia, ter-se-iam 2700 ciclos, resultando em aproximadamente 10^6 ciclos por ano. Entretanto, salienta-se que esses achados são baseados em uma simplificação matemática, não sendo suportados por evidência clínica.

Muitos testes de resistência à fadiga de materiais cerâmicos têm sido conduzidos com frequências entre 1 Hz e 2 Hz, tendo-se em vista que essa é uma aproximação da frequência do ciclo mastigatório (PO et al., 2011). Entretanto, a utilização de frequências baixas pode tornar a coleta dos dados muito lenta. Conduzindo-se o teste de fadiga a uma frequência de 2 Hz e utilizando-se 10^6 ciclos, seriam necessários, para um único corpo de prova, aproximadamente 6 dias para se concluir a ciclagem mecânica. Caso uma frequência superior, como 20 Hz, fosse utilizada, esse tempo se reduziria para 14 horas, o que otimizaria a coleta dos dados.

Estudos têm sido realizados para se verificar o efeito do aumento da frequência na resistência e nos parâmetros de fadiga de diferentes materiais.

Rosentritt et al. (2006) avaliaram a carga para fratura de próteses parciais fixas de três elementos confeccionadas de dissilicato de lítio após envelhecimento com ciclagem mecânica realizada com frequência de 1,6 Hz e 3 Hz, empregando-se 1.200.000 ciclos e 50 N de carga. Não houve diferença significativa na carga para fratura após ciclagem com 1,6 Hz (1300 N ± 557 N) e 3 Hz (1350 N ± 487 N).

Kelly et al. (2010) investigaram o efeito da frequência (2, 10 e 20 Hz) na carga para fratura em fadiga de discos de cerâmica aluminizada infiltrada por vidro cimentados com fosfato de zinco a bases de um material compósito análogo a dentina, utilizando o método da escada. As cargas de fratura para as frequências de 2 Hz, 10 Hz e 20 Hz foram 569,64 N, 603,13 N e 602,5 N, respectivamente. Esses resultados apontam para um pequeno aumento na carga para fratura em fadiga quando utilizada frequência de 20 Hz, em comparação aos resultados obtidos com frequência de 2 Hz.

Joshi et al. (2014) avaliaram o efeito da frequência no tempo para falha em uma cerâmica vítrea de fluorapatita. O ensaio foi realizado em configuração de flexão uniaxial quatro pontos, na presença de água deionizada a 37ºC e carregamento sinusoidal com aplicação de tensão máxima entre 45 MPa e 60 MPa. As frequências investigadas foram 2 Hz e 10 Hz. O tempo de vida característico para os corpos de prova ensaiados a 2 Hz foi de 10.800 segundos (IC 95%: 2.800 - 40.300 segundos), enquanto para o grupo de 10 Hz foi de 11.600 segundos (IC 95%: 1.800 - 87.900 segundos). Desse modo, a aceleração do ensaio, por meio do emprego de maior frequência, não resultou em economia de tempo.

Fukushima (2015) não encontrou diferenças significativas no tempo de vida característico obtido para a uma cerâmica Y-TZP quando da realização do ensaio de fadiga cíclica com 2 Hz (967.602 segundos; IC 95%: 19.105 - 49.000.000 segundos) e 10 Hz (4.068 segundos; IC 95%: 290 - 56.980 segundos). O parâmetro de crescimento subcrítico de trinca (n) foi de 48 para 2 Hz e 40 para 10 Hz.

O efeito da frequência de aplicação de carga na resistência à fadiga pode ser influenciado pelo ambiente de realização do ensaio. Segundo Souza (1982), para materiais metálicos, os valores de resistência à fadiga obtidos em ensaios realizados em ambientes corrosivos, ao contrário dos ensaios ao ar, são dependentes da velocidade do ensaio, sendo que quanto mais alta for essa velocidade, menor será a redução do limite de fadiga devido a corrosão.

3 ARTIGO 1 – *IMPACT OF THE CAD/CAM MACHINING ON THE FATIGUE BEHAVIOR OF GLASS AND POLYCRYSTALLINE CERAMICS*

Este artigo será submetido ao periódico *Dental Materials*, *Elsevier*, ISSN: 0109-5641, Fator de impacto = 3.931; Qualis A1. As normas para publicação estão descritas no Anexo A.

Impact of the CAD/CAM machining on the fatigue behavior of glass and polycrystalline ceramics

Sara Fraga[a]; Marina Amaral[b]; Luiz Felipe Valandro[c]; Cornelis Johannes Kleverlaan[d]; Liliana Gressler May[e]*

[a]Post-Graduate Program in Dental Science, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil. E-mail address: sara.odonto@yahoo.com.br

[b]Post-Graduate Program in Dentistry, Universidade de Taubaté, Taubaté, São Paulo, Brazil. E-mail address: marinamaral_85@yahoo.com.br

[c]Department of Restorative Dentistry, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil. E-mail address: lfvalandro@gmail.com

[d]Department of Dental Materials, Academic Centre for Dentistry Amsterdam (ACTA), University of Amsterdam and Vrije University Amsterdam, Amsterdam, The Netherlands. E-mail address: c.kleverlaan@acta.nl

[e]Department of Restorative Dentistry, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil. E-mail address: liligmay@gmail.com

***Corresponding author:**

Liliana Gressler May

Marechal Floriano Peixoto St., 1184, 97015-372, Santa Maria, RS, Brazil
Tel.: +55 55 3220 9276
Fax: +55 55 3220 9272
E-mail address: liligmay@gmail.com

ABSTRACT

Objective: to assess the effect of CAD/CAM machining on the biaxial flexural fatigue strength and on the surface roughness of different ceramics by comparing machined vs. machined and polished specimens.

Methods: disc shaped specimens of Y-TZP, leucite- and lithium disilicate-based glass ceramics were prepared by CAD/CAM machining, and assigned into two groups: machining (M); and machining followed by polishing (MP). The surface roughness was measured and the biaxial flexural fatigue strength was evaluated by the step-test method (n=20). The initial load and the load increment for each ceramic material were based on a monotonic test (n=5). A maximum of 10,000 cycles was applied in each load step, at 1.4 Hz. Weibull probability statistics was used for the analysis of the biaxial flexural fatigue strength, and Mann-Whitney test (α=5%) to compare roughness between M and MP condition.

Results: M resulted in lower values of characteristic flexural fatigue strength (FFS) than MP. The greatest reduction in the FFS from MP to M was observed in Y-TZP (40%; M=536.48 MPa; MP=894.50 MPa), followed by lithium disilicate (33%; M=187.71 MPa; MP=278.93 MPa) and leucite glass ceramic (29%; M=72.61 MPa; MP=102.55 MPa). Significantly higher values of roughness (Ra) were observed for M than for MP (leucite: M=1.59 µm and MP=0.08 µm; lithium disilicate: M=1.84 µm and MP=0.13 µm; Y-TZP: M=1.79 µm and MP=0.18 µm).

Significance: machining affected negatively the biaxial flexural fatigue strength of CAD/CAM ceramics. The results suggest that machining of partially sintered ceramics may be as deleterious as machining of fully sintered ceramics.

KEYWORDS: Computer-Aided Design; Computer-Aided Machining; Fatigue; Biaxial Flexural Strength; Roughness; Zirconia; Leucite Glass Ceramic; Lithium Disilicate.

HIGHLIGHTS

1) The effect of machining on flexural fatigue strength of CAD/CAM ceramics was evaluated.
2) Machining reduces the fatigue strength of CAD/CAM ceramics.
3) Y-TZP showed the greatest reduction in the fatigue strength due machining.
4) Soft machining may be as deleterious as hard machining.
5) Higher values of roughness may be expected after machining.

1 Introduction

The improvements on the mechanical properties of dental ceramic systems and the implementation of CAD/CAM (Computer-Aided Design; Computer-Aided Machining) technology in restorative dentistry have been contributing to widely increase the use of all-ceramic restorations as an alternative to satisfy the high esthetic demand of the patients [1].

A great variety of ceramic materials are available for CAD/CAM, which differ in terms of microstructure, mechanical behavior and also regarding machining mode [2,3]. Feldspar-, leucite- and lithium disilicate-based ceramics are commonly available in a full sintered stage for hard machining [4]. These materials contain a high volume of glassy phase and, consequently, lower fracture toughness than polycrystalline ceramics [5,6]. In lithium disilicate glass ceramics, the presence of lithium disilicate crystals promote crack deflection, improving its fracture strength [7]. Therefore, this material is indicated for the manufacture of veneers, inlays, onlays, anterior and posterior crowns, such as leucite glass ceramics [8], but also for implant superstructures of single-tooth restorations [9].

Yttria-stabilized polycrystalline tetragonal zirconia (Y-TZP) is commonly milled in a partially sintered stage, in a process called soft machining, and after that, it is subjected to high temperature for full sintering [4]. Y-TZP ceramics exhibit a transformation toughening mechanism that acts to resist crack propagation. It involves the transformation of metastable tetragonal crystallites to the monoclinic phase at the crack tip, which, accompanied by a volumetric expansion, induces compressive stresses, hindering further crack propagation [10]. It may be used as infrastructure for fixed partial dentures (FDPs) covered by glass-ceramic [3] or as monolithic full-contour restorations [11,12], besides being indicated for implant abutments [3].

Despite of promising clinical success rates, framework fracture of all-ceramic restorations is still a technical problem [13–15], which may demand the replacement of the restoration with additional costs to the patient and to the dentist. In a recent systematic review, with the inclusion of 67 clinical studies, 5-year framework fracture rates of up to 18.4%, 5.5% and 1.7% were reported for single crowns made of feldspathic ceramic, reinforced glass ceramic and densely sintered zirconia, respectively [14]. When multiple-unit fixed dental prostheses were considered, these rates increased up to 15.3% for reinforced glass ceramic and up to 3.2% for densely sintered zirconia [15].

Due to the brittle nature of ceramics, their fracture strength is strongly influenced by the presence of defects, which can be considered especially critical when located at zones of tensile stress concentration [16,17]. The fractography analysis of clinically failed all-ceramic restorations [16,18,19] and the finite element analysis [20,21] showed that the cementation surface of all-ceramic crowns concentrates tensile stress and that defects on this surface may be the origin of fracture in failed restorations [16,18,19]. Therefore, procedures that affect the intaglio surface of all-ceramic restorations must be investigated regarding their impact on the ceramic strength.

In spite of reducing processing defects, once the CAD/CAM blocks are produced in a standard process, the machining induces a complex network of events in the ceramic, resulting in radial and lateral cracks, chipping, subsurface damage, residual stresses and even plastic deformation [22–24]. Hard machining reduced in around 27% the biaxial flexural strength of a leucite glass ceramic, inducing damage on the ceramic surface [25]. Soft machining resulted in surface damage and significantly reduced the strength of zirconia, which may result in unexpected failures at stresses much lower than the ideal strength of the material [26]. Kelly et al. (1991) [27] reported that the defects introduced by the CEREC® CAD/CAM system seemed to be the origin of the failure in ceramics subjected to a uniaxial bending test.

Besides, it is important to consider that in the oral environment all-ceramic restorations are subjected to many challenges, such as cyclic loads, humidity, pH and temperature variations. Consequently, they trend to fail due fatigue [28]. Ceramics are susceptible to a slow and stable crack growth (SCG) when subjected to stresses below the critical value, especially in the presence of water. This phenomenon can eventually lead to strength degradation over time, decreasing the lifetime of dental prostheses and seems to be most related to the ceramic microstructure [29].

Therefore, considering the increasing use of CAD/CAM technology in restorative dentistry, in which machining may introduce new features to the cementation surface of ceramic restorations, and the susceptibility of ceramic materials to the fatigue process, this study aimed to assess the effect of CAD/CAM machining in the biaxial flexural fatigue strength and in the surface roughness of a leucite-based glass ceramic, a lithium disilicate-based glass ceramic and a yttria-stabilized polycrystalline tetragonal zirconia (Y-TZP). The experimental hypothesis tested was that, for all ceramics investigated, machining would result in lower values of biaxial flexural fatigue strength and in higher values of roughness when compared to polishing after machining.

2 Materials and methods

Table 1 describes the materials used in this study.

2.1 Machining of ceramic discs by CAD/CAM

Disc-shaped ceramic specimens were prepared by machining in a CEREC inLab MC XL milling unit (Sirona Dental Systems Gmbh, Germany), according to the methodology described by Fraga et al. (2015) [25] (Fig. 1), using three different ceramic materials: leucite-based glass ceramic (IPS Empress CAD, C14, Ivoclar Vivadent AG, Liechtenstein), milled in a fully-sintered stage; lithium disilicate-based glass ceramic (IPS e.max CAD, LT, C14, Ivoclar Vivadent AG, Liechtenstein), milled in a pre-crystallized stage ("blue stage"); and Y-TZP (Vita In-Ceram YZ, Vita Zahnfabrik, Germany), milled in a partially-sintered stage.

Two pairs of diamond burs, each one containing one cylindrical (Cylinder Pointed Bur 12S and Cylinder Pointed Bur 20, Sirona Dental Systems Gmbh, Germany) and one stepped pattern bur (Step Bur 12S and Step Bur 20, Sirona Dental Systems Gmbh, Germany) were used in the machining process of each type of ceramic material (Table 1). Fifty discs were obtained from lithium disilicate and from Y-TZP blocks, and the set of burs was changed after the machining of 25th disc. Forty discs were obtained from leucite-based glass ceramic material, and the set of burs was changed after the machining of the 20th disc. The machining order and the pair of bur used were recorded for each individual disc and the effect of these variables on the surface roughness and on the flexural fatigue strength was evaluated afterwards.

Each block of leucite (12.0 mm X 14.0 mm X 18.0 mm) and lithium disilicate (12.4 mm X 14.5 mm X 18.0 mm) resulted in one disc, while each block of Y-TZP (15.5 mm X 19 mm X 39 mm) resulted in two discs. Immediately after machining, leucite and lithium disilicate discs had about 13.5 mm diameter and 1.4 mm thickness, while no-sintering Y-TZP discs had about 18 mm diameter and 1.8 mm thickness. The Y-TZP discs were bigger than the others because the software used in the machining process (CEREC inLab 3D, version 4.0, Sirona Dental Systems Gmbh, Germany) automatically compensated the sintering shrinkage expected for zirconia materials (approximately 20-25%).

2.2 Experimental groups

After machining, the discs of each ceramic material were randomly assigned into two groups, using the software Random Allocator (www.random.org): 1) machining (M), and 2) machining followed by polishing (MP). Therefore, the present study consisted in six experimental groups, assigned according to the material (leucite glass ceramic, lithium disilicate and Y-TZP) and the treatment performed on the bottom surface of the discs (machining - M, and machining followed by polishing - MP).

In the MP groups, polishing was performed manually under water cooling, on the bottom surface of the discs, using 400, 600 and 1200 grit silicon carbide paper for leucite and lithium disilicate and 1200 grit silicon carbide paper for Y-TZP. It was removed a thickness of 80 µm of the machined surface, in order to eliminate the irregularities introduced by machining [24,25]. A micrometer (210 MAP, Starrett, USA) was used to control the depth of removal.

The final thickness of all the specimens was adjusted on the upper surface of the discs, using 240, 400, 600 and 1200 grit silicon carbide paper for leucite and lithium disilicate glass ceramics, and 1200 grit silicon carbide paper for Y-TZP.

After these procedures, lithium disilicate specimens were submitted to heat treatment in a Vita Vacumat 6000 MP furnace (Vita Zahnfabrik, Germany) to promote full crystallization and Y-TZP specimens were densely sintered in Vita Zyrcomat furnace, following the protocols indicated by the manufacturers. The final diameter of the discs was 13.5 mm, and the final thickness was 1.31 ± 0.01 mm for leucite glass ceramic, 1.30 ± 0.01 mm for lithium disilicate, and 1.29 ± 0.01 for Y-TZP discs.

2.3 Measurement of the surface roughness

The roughness of the bottom surface of each disc was measured prior the mechanical tests, using a contact stylus profilometer (SJ-410, Mitutoyo, Japan).

The Ra (average surface roughness; µm) and Rz (the arithmetic mean peak-to-valley height; µm) values were determined using the average of three measurements, transversal to the machining path. The sampling length was equivalent to five times the cut-off value (λc), as defined according to ISO 4287:1997 [30], using the Ra values recorded at a first reading as a reference. Thereafter, the roughness of the MP leucite glass ceramic specimens was evaluated using λc=0.25 mm (tabulated value for 0.02<Ra≤0.1 mm), resulting in a sampling length of 1.25 mm. The roughness of the other groups was measured using λc=0.8 mm (tabulated value for 0.1<Ra≤2.0 mm), resulting in a sampling length of 4 mm. In addition to the use of the correct cut-off value, a Gaussian filter was employed to differentiate between shape defects and roughness profile.

2.4 Monotonic biaxial flexural strength

Prior to fatigue test, the monotonic biaxial flexural strength was determined for lithium disilicate and Y-TZP specimens, in both conditions: machining (M) and machining followed by polishing (MP) (n=5). For the leucite groups (M and MP), the data regarding the monotonic biaxial flexural strength were taken from Fraga et al. (2015) [25].

The test was performed using a piston-on-three ball assembly, according to the ISO 6872:2008 [31], in a universal testing machine (DL-1000 Emic, Brazil). The bottom surface of the disc – refers to the M or MP surface – was positioned on the top of three steel spheres (2.5 mm in diameter, 120º apart, and forming a circle of 10 mm diameter), with a load applied at a rate of 1 mm/min, perpendicular to the center of the top surface of the disc, by a circular cylinder steel piston with a 1.4 mm diameter flat tip. The fracture strength, in MPa, was calculated using Eqs. (1)–(3) [31].

$$\sigma_m = -0.2387P(X - Y)/b^2 \quad \text{Eq. (1)}$$

$$X = (1 + \nu)\ln(B/C)^2 + [(1 - \nu)/2](B/C)^2 \quad \text{Eq. (2)}$$

$$Y = (1 + \nu)\left[1 + \ln A/C^2\right] + (1 - \nu)(A/C)^2 \quad \text{Eq. (3)}$$

where P is the load at fracture (N), b is the disc thickness (mm), A is the support ball radius (5 mm), B is the radius of the tip of the piston (0.7 mm), and C is the specimen radius (6.75 mm). A specific Poisson ratio (ν) was used for each ceramic material (0.20 for the leucite glass-ceramic; 0.21 for the lithium disilicate glass-ceramic; 0.26 for the Y-TZP), based on the mean values obtained in the Resonant Ultrasound Spectroscopy (RUS) methodology described by Belli et al. (2016) [32].

2.5 Flexural fatigue test

The biaxial flexural fatigue strength of the groups (n=20) was evaluated by means of the step-test method in an adapted fatigue tester (Fatigue Tester, ACTA, The Netherlands) using the same piston-on-three ball configuration [31] in water.

The step-test consists in to subject the specimen to a prescribed number of cycles at each of a series of increasing stress levels, until the failure of the specimen. To start a step-test, a stress level below to the expected material fatigue strength is selected. The specimen is then tested at that stress level until either failure occurs or the run-out at a previously set number of cycles is achieved. If failure occurs, the stress level and the number of cycles are recorded. If run-out occurs, the stress level is increased by a preselected stress increment and the same specimen is run again at the new stress level. Again, if the specimen fails, the data are recorded; and if run-out occurs, the stress level is again increased for a new run using the same specimen. This procedure is continued until the specimen does fail [33].

Cyclic load was applied at a frequency of 1.4 Hz. The maximum number of cycles at each load step was set in 10,000 cycles. If the specimen survived the 10,000 cycles, the stress level was increased by a fixed load increment in the same specimen. An individual loading protocol was established for each type of ceramic based on the results of the monotonic test. For leucite glass ceramic groups, the cycling started with 30 N. If the specimen survived the 10,000 cycles, the load was increased a step of 10 N and, then, successively until the failure of the specimen. In lithium disilicate groups, it was applied an initial load of 60 N and a step of 20 N, while for Y-TZP specimens it was used an initial load of 300 N and a step of 50 N. The cycling was continued until the failure of the specimen.

The software was adjusted to register the load and the number of cycles corresponded to the fracture of the specimen.

The maximum biaxial flexural fatigue load (L_E) supported by each specimen was calculated according to the equation described by Nicholas (2006) [34] (Eq. 4):

$$L_E = L_0 + \Delta L \left(\frac{N_{fail}}{N_{life}} \right) \quad \text{Eq. (4)}$$

where L_0 is the previous maximum biaxial flexural fatigue load that did not result in failure, ΔL is the load step increase, N_{fail} is the number of cycles to failure at the failure load step ($L_0 + \Delta L$), and N_{life} is the defined cyclic fatigue life (10,000 cycles). The linear interpolation concept embodied in Eq. (4) considers that damage accumulation might be a linear function of cycles [34]. Equations (1) – (3) were used to calculate the biaxial flexural fatigue strength value, in MPa, correspondent to L_E for each specimen.

2.6 Field emission scanning electron microscopy analysis (FESEM)

To evaluate the effectiveness of the polishing protocols in removing the machining damage, one extra disc of each group was analyzed in a field emission scanning electron microscope (FESEM) (Inspect F50, FEI, USA). To assess the cross-sectional surface of the machined discs (M groups) and of the machined and polished discs (MP groups), the extra samples were included in acrylic resin and cut, perpendicularly to the M and MP surfaces, using a diamond saw at low speed (Isomet 1000, Buehler, Lake Buff, USA). After cutting, the samples were detached from the acrylic resin and had their cross-sectional surfaces polished (400, 600, 800, and 1200 grit silicon carbide paper) and sputter-coated with gold-palladium for FESEM.

2.7 Statistical analysis

Weibull probability statistics [35,36] was used for the analysis of the biaxial flexural fatigue strength, as indicated by the characteristic flexural fatigue strength (σ_0), which is the flexural fatigue strength occurring at a probability of failure of 63.2% for a particular test specimen, and Weibull modulus (m), which represents the reliability of the fracture strength. The basic form of the Weibull distribution is shown in Eq. (5) [37]:

$$P_f = 1 - \exp[-(\sigma/\sigma_0)^m] \qquad \text{Eq. (5)}$$

where P_f is the probability of failure and σ is the failure stress. The biaxial flexural fatigue strength data were ranked in ascending order and the probability of failure for each failure stress ($P_f(\sigma_i)$) was calculated by Eq. (6), where i is the rank order (1, 2, 3…N) and N is the number of specimens per group (n = 20) [37].

$$P_{f\sigma i} = (i - 0.5)/N \qquad \text{Eq. (6)}$$

A rank regression was performed on the biaxial flexural fatigue strength data to estimate the Weibull parameters (σ_0 and m) [31]. The upper and lower limits of the 95% confidence intervals for σ_0 and m were calculated according to ENV 843-5:1996 [38]. Differences were considered significant when confidence intervals failed to overlap.

The non-parametric Mann-Whitney test ($\alpha = 0.05$) was used to compare the roughness values (Ra and Rz) between M and MP groups for each ceramic material, since data presented heterogeneity of variances ($p<0.05$ on the Levene test).

Using the data of the M groups (n = 20), the roughness and the biaxial flexural fatigue strength obtained for each set of burs were compared by means of the Student's t-tests ($\alpha = 0.05$). Spearman correlation coefficients (r_s) ($\alpha = 0.05$) were calculated to investigate the influence of the machining order in the roughness surface and in the biaxial flexural fatigue strength for each type of ceramic material, considering the set of burs separately.

3 Results

The step-load profiles of all ceramic materials showed MP groups failing under higher load ranges than M groups, as indicated in Fig. 2. The machining (M) resulted in significantly higher values of roughness and lower values of characteristic flexural fatigue strength when compared to the machining followed by polishing groups (MP) (Table 2). The greatest reduction in the characteristic flexural fatigue strength from MP to M was observed in Y-TZP (40%), followed by lithium disilicate (33%) and leucite glass ceramic (29%). Polishing reduced the roughness in approximately 94%, 92% and 85% for leucite, lithium disilicate and Y-TZP, respectively. The Weibull modulus was similar for the conditions M and MP in all ceramics investigated.

The FESEM images indicate that machining induced defects in all ceramics investigated and that polishing was effective in removing these defects (Fig. 3).

Regarding the pair of burs used in the machining, Student's t-test showed differences in the roughness values between the two set of diamond burs used in the machining of leucite glass-ceramic and Y-TZP discs. The fatigue strength of Y-TZP samples was also significantly influenced by the pair of burs (Table 3).

The correlation between machining order and roughness/flexural fatigue strength depending on the ceramic material and on the set of burs (Table 3). For leucite and lithium disilicate specimens, Spearman coefficient indicated a significant and high [39] correlation between machining order and Ra just for one of the two set of burs used in the machining. Regarding machining order and flexural fatigue strength, a significant and high [39] correlation was found in leucite and Y-TZP specimens for just one of the set of burs.

4 Discussion

In the present study, CAD/CAM machining (M groups) introduced defects in the ceramic surface (Fig. 3), increasing surface roughness and significantly reducing the characteristic flexural fatigue strength of all ceramics investigated, when compared to the groups where surface defects were removed by polishing (MP groups). Therefore, the experimental hypothesis was accepted.

The knowledge about how much CAD/CAM machining affects the mechanical behavior of ceramics with different microstructures is very important since the fracture strength of these materials is sensitive to the presence of defects [17]. These defects can be considered especially critical when located at the cementation surface of a ceramic crown due to the concentration of tensile stress in this area, which may contribute to initiate the clinical fracture of an all-ceramic restoration [16]. The cervical margin of a crown may also be considered a critical zone. As it usually presents a thinner structure, difficult for bur access, defects may be introduced by machining contributing to initiate the failure [40]. Concerning authors knowledge, despite CAD/CAM technology has been widely used in restorative dentistry, this is the first study that assessed the effects of CAD/CAM machining on the fatigue behavior of ceramics with different microstructures.

Leucite- and lithium disilicate-based glass ceramics are available for hard machining process, which implies that the restoration is milled from an industrial densely sintered block [1], and may require higher removal forces in machining [41]. Lithium disilicate ceramics are machined in the “blue stage”, prior to full crystallization, which contains lithium metasilicate (Li_2SiO_3) crystals. In this stage, the ceramic is easy to machine [1] and exhibits moderate biaxial strength (130 MPa) [42]. After machining, the restorations are submitted to a heat treatment to ensure final crystallization into lithium disilicate, and to have its flexural strength improved (360 MPa) [42]. This heat treatment is likely to reduce the extend of the residual stresses from machining and ensures the development of a microstructure composed of interlocked lithium disilicate crystals [4]. However, the damage introduced by machining was still present after the heat treatment, as seen in FESEM images (Fig.3), negatively affecting the characteristic fatigue strength of the material.

Y-TZP restorations are commonly milled from partially sintered blocks, in a process called soft machining, and then sintered at high temperature. The restoration is milled in a bigger size to compensate the volume shrinkage that will occur during sintering (about 25%) [43]. In the present study, the greatest difference between MP and M groups was seen in Y-

TZP ceramic, milled in a partially sintered stage, where machining reduced in 40% the material characteristic flexural fatigue strength. The reduction in the characteristic fatigue strength was around 33% for lithium disilicate and 29% for leucite glass ceramic. Therefore, an important finding of this study was that, in spite of partially sintered blocks been softer and easier to mill, soft machining may also introduce damage in the ceramic surface, being as deleterious for the material's flexural fatigue strength as hard machining. Besides of this, the heat treatment performed in Y-TZP to complete sintering seemed not to be able to eliminate all the machining defects, which agrees with Kelly and Rungruanganunt (2016) [44], which found severe machining damage in zirconia implant abutments.

To assess the effect of the machining in the fatigue behavior of ceramics with different microstructures, one group of each material (MP group) was submitted to a polishing procedure after machining, which removed 80 µm from the machined surface, ensuring that defects from machining were removed. Few studies have investigated the deep of the damage introduced by machining in the ceramic surface, and the reported values ranged from 9 µm [27] to 60 µm [24] in glass ceramics. Therefore, we believe that the polishing protocol adopted in the present study, with a reduction of 80 µm of the machined surface, was effective in removing the defects introduced by machining, as it can be seen in the FESEM and in the roughness analysis (Fig.3, Table 2).

The literature reports Ra values after machining in a CEREC inLab unit of 1.37 µm [25] and 1.47 µm [45] for a leucite-based glass ceramic, and of 1.53 µm and 1.20 µm for Y-TZP samples [46]. Roughness after machining may be influenced by the material hardness and by the grit size of the tool [47]. The pattern of peaks and valleys introduced by machining with diamond burs was reported to be deeper for a soft material (a resin nanoceramic composite) than for hard materials (fine particle feldspar ceramic; resin-infiltrated ceramic)

[47]. Special care should be given to selecting tool grit size when soft materials are milled to optimize the peaks and valleys of the milled surface.

Weibull modulus, a shape parameter that describes the relative spread of strength values in the asymmetrical distribution [37], did not differ significantly between M and MP conditions for each ceramic (Table 2). However, in the step-load profile graphs (Fig.2) is possible to notice that polishing resulted in a greater scatter of the data. A possible explanation for this finding is that polishing was performed manually, without load and speed control, which may contribute increase the variability in the flexural fatigue values of the MP groups.

The step-test method can be considered a versatile fatigue test. It consists in a time-varying load test, in which the specimens are subjected to successively higher stress levels in a predetermined number of cycles [48]. This methodology has been employed to investigate the fatigue resistance of restorative treatments, and the data are submitted to survival analysis, such as Kaplan Meier [49–51]. According to Collins (1993) [33], when the step-test data have been acquired, they may be plotted on a probability plot, from which the mean fatigue strength and the standard deviation may be determined for the defined cyclic fatigue life (number of cycles in an individual load step). Considering that strength data of brittle materials typically fit in the Weibull distribution [37], in the present study, the step-test data where plotted on a Weibull probability paper, and the values of characteristic fatigue strength and Weibull modulus calculated for a life time of 10,000 cycles. The disadvantage of this method lies on the unknown effects of latent damage that may be incurred while stepping up through the series of stress levels to reach the failure stress levels [33]. More recently, step-test has also been used to obtain reliability information (e.g., mean life, probability of failure at a specific time) about a restorative treatment in a shorter time [52,53]. In these studies, three stress profiles (mild, moderate, and aggressive) are usually employed to distribute failure across different step loads and to allow better statistic predictions [54].

The comparison of the mean strength values obtained in the monotonic and in the fatigue test (Table 2) showed that fatigue test resulted in lower values of flexural strength. The reduction on the material strength trended to be higher for glass-ceramic groups (around 33% to 44%) than for Y-TZP groups (around 15%). Despite of showing the lowest strength degradation when compared to monotonic results, Y-TZP ceramic was the most affected by machining. A previous study [55] indicated a strength degradation (difference between monotonic and fatigue strength) of about 42.7% for Y-TZP, 53.4% for a CAD/CAM lithium disilicate, and 45.5% for a feldspathic ceramic. The microstructure significantly influenced the slow crack growth behavior of the dental ceramics [6,56]. Polycrystalline ceramics presented low susceptibility to slow crack growth and low degradation over time, while porcelains showed the lowest values of resistance to crack propagation, resulting in high strength degradation over time [6]. These findings support the trend evidenced in the present study.

Regarding the burs used for machining, in the present study significant differences were found in terms of roughness and fatigue strength between the two set of burs used in the machining of Y-TZP specimens (Table 3). Differences in the Ra values and in the biaxial flexural strength were reported in a study that employed six pair of burs to machining feldspathic ceramic discs in a CEREC inLab MC XL® unit [57]. Different set of burs also influenced que roughness of Y-TZP specimens, but did not affect the reliability of the Y-TZP restorations [46]. The correlation between machining order and roughness/flexural fatigue strength was also dependent on the set of burs used in the machining. Therefore, considering that the set of burs may influence the roughness and the strength of the ceramic, special care should be taken in future studies involving CAD/CAM machining to randomly distribute among the experimental groups specimens milled by different set of burs, avoiding any possible interference related to the diamond milling tools on the results.

For leucite and Y-TZP materials, Spearman correlation coefficients indicated that, for a maximum of 20 machined specimens, a possible deterioration of the machining burs may have no deleterious effect on the ceramic fatigue strength, since a positive correlation between machining order vs. fatigue strength means that increasing machining order may increase the flexural fatigue strength. The correlation between machining order vs. roughness was significant and negative for leucite, which means a trend for decreasing roughness with increasing machining order. However, for lithium disilicate a positive correlation was found, which means that increasing machining order may increase the roughness surface. Nevertheless, the increased roughness did not impact in the fatigue strength, since no significant correlation was found between machining order and fatigue strength for lithium disilicate.

One of the limitation of the present study is that the effect of the cementation procedures on the fatigue flexural strength of machined ceramic specimens, such as hydrofluoric acid etching and airborne sandblasting, was not evaluated. The effect of these variables in a CAD/CAM machined surface should be evaluated in future studies.

Finally, it is important to highlight that the polishing protocol adopted in the present study had just methodological purposes. This polishing protocol should not be extrapolated to the clinical practice, since the polishing of the intaglio surface of an all-ceramic restoration, with a reduction of 80 μm thickness, would increase cement thickness and result in fit problems. Actually, the present study points out the need of improving machining systems, developing milling protocols that induce less damage to the ceramic surface. Other machining variables, such as grit size and feed rate should be investigated to understand their effect on the machined surface.

5 Conclusions

CAD/CAM machining affected negatively the biaxial flexural fatigue strength of ceramics with different microstructures. The greatest reduction on the fatigue strength due to machining was observed in Y-TZP (40%), followed by lithium disilicate (33%) and leucite glass ceramic (29%), suggesting that soft machining may be as deleterious for the material's fatigue strength as hard machining. Higher values of roughness may be expected after machining.

Acknowledgements:

The authors are thankful to Ivoclar Vivadent for donating some ceramic blocks used in this study; Arie Werner for manufacturing the test devices; CAPES/NUFFIC by the PhD scholarship.

REFERENCES

[1] Denry I, Holloway JA. Ceramics for Dental Applications: A Review. Materials (Basel) 2010;3:351–68.

[2] Li RWK, Chow TW, Matinlinna JP. Ceramic dental biomaterials and CAD/CAM technology: State of the art. J Prosthodont Res 2014;58:208–16.

[3] Denry I, Kelly JR. Emerging Ceramic-based Materials for Dentistry. J Dent Res 2014;93:1235–42.

[4] Denry I. How and when does fabrication damage adversely affect the clinical performance of ceramic restorations? Dent Mater 2013;29:85–96.

[5] Quinn JB, Sundar V, Lloyd IK. Influence of microstructure and chemistry on the fracture toughness of dental ceramics. Dent Mater 2003;19:603–11.

[6] Borba M, de Araújo MD, Fukushima KA, Yoshimura HN, Cesar PF, Griggs JA, et al. Effect of the microstructure on the lifetime of dental ceramics. Dent Mater 2011;27:710–21.

[7] Apel E, Deubener J, Bernard A, Höland M, Müller R, Kappert H, et al. Phenomena and mechanisms of crack propagation in glass-ceramics. J Mech Behav Biomed Mater 2008;1:313–25.

[8] Ivoclar Vivadent. IPS Empress® CAD: instructions for use labside 2006.

[9] Ivoclar Vivadent. IPS e.max® CAD: instructions for use labside 2009.

[10] Chevalier J, Gremillard L, Deville S. Low-Temperature Degradation of Zirconia and Implications for Biomedical Implants. Annu Rev Mater Res 2007;37:1–32.

[11] Beuer F, Stimmelmayr M, Gueth JF, Edelhoff D, Naumann M. In vitro performance of full-contour zirconia single crowns. Dent Mater 2012;28:449–56.

[12] Nakamura K, Harada A, Kanno T, Inagaki R, Niwano Y, Milleding P, et al. The influence of low-temperature degradation and cyclic loading on the fracture resistance of monolithic zirconia molar crowns. J Mech Behav Biomed Mater 2015;47:49–56.

[13] Belli R, Petschelt A, Hofner B, Hajto J, Scherrer SS, Lohbauer U. Fracture Rates and Lifetime Estimations of CAD/CAM All-ceramic Restorations. J Dent Res 2016;95:67–73.

[14] Sailer I, Makarov NA, Thoma DS, Zwahlen M, Pjetursson BE. All-ceramic or metal-ceramic tooth-supported fixed dental prostheses (FDPs)? A systematic review of the survival and complication rates. Part I: Single crowns (SCs). Dent Mater 2015;31:603–23.

[15] Pjetursson BE, Sailer I, Makarov NA, Zwahlen M, Thoma DS. All-ceramic or metal-ceramic tooth-supported fixed dental prostheses (FDPs)? A systematic review of the survival and complication rates. Part II: Multiple-unit FDPs. Dent Mater 2015;31:624–39.

[16] Kelly JR, Giordano R, Pober R, Cima MJ. Fracture surface analysis of dental ceramics: clinically failed restorations. Int J Prosthodont 1990;3:430–40.

[17] Kelly JR. Perspectives on strength. Dent Mater 1995;11:103–10.

[18] Quinn JB, Quinn GD, Kelly JR, Scherrer SS. Fractographic analyses of three ceramic whole crown restoration failures. Dent Mater 2005;21:920–9.

[19] Thompson JY, Anusavice KJ, Naman A, Morris HF. Fracture surface characterization of clinically failed all-ceramic crowns. J Dent Res 1994;73:1824–32.

[20] May LG, Kelly JR, Bottino MA, Hill T. Effects of cement thickness and bonding on the failure loads of CAD/CAM ceramic crowns: Multi-physics FEA modeling and monotonic testing. Dent Mater 2012;28:e99–109.

[21] Kelly JR. Clinically relevant approach to failure testing of all-ceramic restorations. J Prosthet Dent 1999;81:652–61. doi:10.1016/S0022-3913(99)70103-4.

[22] Marshall DB, Evans AG, Khuri Yakub TB, Tien JW, Kino GS. The Nature of Machining Damage in Brittle Materials. Proc R Soc Lond A Math Phys Sci 1983;385:461–75.

[23] Zhang GM, Satish KG, Ko WF. The mechanics of material removal mechanisms in machining ceramics. Tech Rep TR 94-22rl Inst Syst Res 1994.

[24] Sindel J, Petschelt A, Grellner F, Dierken C, Greil P. Evaluation of subsurface damage in CAD/CAM machined dental ceramics. J Mater Sci Mater Med 1998;9:291–5.

[25] Fraga S, Valandro LF, Bottino MA, May LG. Hard machining, glaze firing and hydrofluoric acid etching: Do these procedures affect the flexural strength of a leucite glass-ceramic? Dent Mater 2015;31:e131–40.

[26] Wang H, Aboushelib MN, Feilzer AJ. Strength influencing variables on CAD/CAM zirconia frameworks. Dent Mater 2008;24:633–8.

[27] Kelly JR, Lüthy H, Gougoulakis A, Pober RL, Mörmann WR. Machining effects on feldspathic porcelain and glass ceramic: fractographic analysis. In: Mörmann WH, editor. Int. Symp. Comput. Restorations, Quintessence Publishing; 1991, p. 253–73.

[28] Wiskott HW, Nicholls JI, Belser UC. Stress fatigue: basic principles and prosthodontic implications. Int J Prosthodont 1995;8:105–16.

[29] Gonzaga CC, Cesar PF, Miranda WG, Yoshimura HN. Slow crack growth and reliability of dental ceramics. Dent Mater 2011;27:394–406.

[30] INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. ISO 4287: Geometrical product specifications (GPS) - surface texture: profile method, terms, definitions and surface texture parameters 1997.

[31] INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. ISO 6872: Dentistry - ceramic materials 2008.

[32] Belli R, Wendler M, de Ligny D, Cicconi MR, Petschelt A, Peterlik H, et al. Chairside CAD/CAM materials. Part 1: Measurement of elastic constants and microstructural characterization. Dent Mater 2016:1–15. doi:10.1016/j.dental.2016.10.009.

[33] Collins JA. Fatigue testing pocedures and statistical interpretations of data. Fail. Mater. Mech. Des. 2nd ed., John Wiley & Sons; 1993, p. 374–92.

[34] Nicholas T. Accelerated Test Techniques. High Cycle Fatigue A Mech. Mater. Perspect., Oxford: Elsevier Ltd; 2006, p. 70–134.

[35] Weibull W. A statistical theory of the strength of materials. R Swedish Inst Eng Res 1939;151:1–45.

[36] Weibull W. A statistical distribution function of wide applicability. J Appl Mech 1951;18:293–7.

[37] Quinn JB, Quinn GD. A practical and systematic review of Weibull statistics for reporting strengths of dental materials. Dent Mater 2010;26:135–47.

[38] ENV 843-4. Advanced technical ceramics – monolithic ceramics – mechanical tests at room temperature – Part 5: Statistical analysis. European Standards 1996.

[39] Mukaka MM. Statistics corner: A guide to appropriate use of correlation coefficient in

medical research. Malawi Med J 2012;24:69–71.

[40] Øilo M, Quinn GD. Fracture origins in twenty-two dental alumina crowns. J Mech Behav Biomed Mater 2016;53:93–103.

[41] Song X, Ren H, Yin L. Machinability of lithium disilicate glass ceramic in in vitro dental diamond bur adjusting process. J Mech Behav Biomed Mater 2016;53:78–92.

[42] Ivoclar Vivadent. IPS e.max® CAD: scientific documentation 2009.

[43] Denry I, Kelly JR. State of the art of zirconia for dental applications. Dent Mater 2008;24:299–307.

[44] Kelly JR, Rungruanganunt P. Fatigue Behavior of Computer-Aided Design/Computer-Assisted Manufacture Ceramic Abutments as a Function of Design and Ceramics Processing. Int J Oral Maxillofac Implants 2016;31:601–9.

[45] Aurélio IL, Fraga S, Dorneles LS, Bottino MA, May LG. Extended glaze firing improves flexural strength of a glass ceramic. Dent Mater 2015;31:e316–24.

[46] Corazza PH, de Castro HL, Feitosa SA, Kimpara ET, Della Bona A. Influence of CAD-CAM diamond bur deterioration on surface roughness and maximum failure load of Y-TZP-based restorations Influence of CAD-CAM diamond bur deterioration on surface roughness and maximum failure load of Y-TZP-based restorations. Am J Dent 2015;28:95–9.

[47] Lebon N, Tapie L, Vennat E, Mawussi B. Influence of CAD/CAM tool and material on tool wear and roughness of dental prostheses after milling. J Prosthet Dent 2015;114:236–47.

[48] Mettas A, Vassiliou P. Modeling and analysis of time-dependent stress acccelerated life data. Proc. Annu. Reliab. Maintainab. Symp., 2002, p. 343–8.

[49] Batalha-Silva S, De Andrada MAC, Maia HP, Magne P. Fatigue resistance and crack propensity of large MOD composite resin restorations: Direct versus CAD/CAM

inlays. Dent Mater 2013;29:324–31.

[50] Güth J-F, Edelhoff D, Goldberg J, Magne P. CAD/CAM Polymer vs Direct Composite Resin Core Buildups for Endodontically Treated Molars Without Ferrule. Oper Dent 2016;41:53–63.

[51] Magne P, Carvalho AO, Bruzi G, Giannini M. Fatigue resistance of ultrathin CAD/CAM complete crowns with a simplified cementation process. J Prosthet Dent 2015;114:574–9.

[52] Basso GRR, Moraes RRR, Borba M, Duan Y, Griggs JAA, Bona A Della. Reliability and failure behavior of CAD-on fixed partial dentures. Dent Mater 2016;32:624–30.

[53] Shembish FA, Tong H, Kaizer M, Janal MN, Thompson VP, Opdam NJ, et al. Fatigue resistance of CAD/CAM resin composite molar crowns. Dent Mater 2016;32:499–509.

[54] Bonfante EA, Coelho PG. A Critical Perspective on Mechanical Testing of Implants and Prostheses. Adv Dent Res 2016;28:18–27.

[55] Belli R, Geinzer E, Muschweck A, Petschelt A, Lohbauer U. Mechanical fatigue degradation of ceramics versus resin composites for dental restorations. Dent Mater 2014;30:424–32.

[56] Ramos N de C, Campos TMB, Paz IS de La, Machado JPB, Bottino MA, Cesar PF, et al. Microstructure characterization and SCG of newly engineered dental ceramics. Dent Mater 2016;32:870–8.

[57] Addison O, Cao X, Sunnar P, Fleming GJP. Machining variability impacts on the strength of a 'chair-side' CAD-CAM ceramic. Dent Mater 2012;28:880–7.

Table 1 – Ceramics used in the study with manufacturers data for chemical and physical characteristics.

Ceramic	Brand name; Manufacturer	Chemical composition	Vickers hardness (GPa)	Fracture toughness (MPa√m)	Machining	
					Set of bur	Manufacturer
Leucite-based glass ceramic	IPS Empress CAD; IvoclarVivadent	SiO_2 60-65 wt% Al_2O_3 16-20 wt% K_2O 10-14 wt% Na_2O 3.5-6.5 wt% other oxides 0.5-7 wt% pigments 0.2-1 wt%	6.2 fully sintered	1.3	Step bur 12 S (left side of the Cerec machine) Cylinder pointed bur 12 S (right side of the Cerec machine)	Sirona Dental Systems
Lithium disilicate-based glass ceramic	IPS e.max CAD; IvoclarVivadent	SiO_2 57-80 wt% Li_2O 11-19 wt% K_2O 0-13 wt% P_2O_5 0-11 wt% ZrO_2 0-8 wt% ZnO 0-8 wt% other and colouring oxides 0-12 wt%	5.4 partially crystallized 5.8 fully crystallized	2.0 - 2.5	Step bur 12 S (left side of the Cerec machine) Cylinder pointed bur 12 S (right side of the Cerec machine)	Sirona Dental Systems
Yttria-stabilized polycrystalline tetragonal zirconia (Y-TZP)	Vita In-Ceram 2000 YZ for inLab; Vita Zahnfabrik	ZrO_2 91-94 wt% Y_2O_3 4-6 wt% HfO_2 2-4 wt% Al_2O_3< 0.1 wt% SiO_2< 0.1 wt% Na_2O < 0.1 wt%	11.77 fully sintered	5.9	Step bur 20 (left side of the Cerec machine) Cylinder pointed bur 20 (right side of the Cerec machine)	Sirona Dental Systems

Table 2 - Mean and standard deviation (MPa) of the monotonic and of the flexural fatigue strength; Weibull analysis of the fatigue data (characteristic flexural fatigue strength – σ_0; Weibull modulus – m; 95% confidence intervals); and roughness values (Ra and Rz) for the ceramics investigated, in both conditions: M – machining; MP – machining followed by polishing.

Ceramic	Surface condition	Monotonic flexural strength Mean (SD) (MPa)	Fatigue flexural strength Mean (SD) (MPa)	Weibull analysis of the fatigue data		Roughness	
				Characteristic fatigue strength [95% CI] (MPa)	Weibull modulus [95% CI]	Ra Mean (SD) (µm)	Rz Mean (SD) (µm)
Leucite	M	122.12 (14.11)*	69.50 (7.15)	72.61 [A] [69.28 – 76.04]	11.71 [A] [7.41 - 15.76]	1.59 [C] (0.17)	9.83 [C] (0.90)
	MP	166.48 (25.81)*	96.02 (14.72)	102.55 [B] [95.00 – 110.56]	7.18 [A] [4.48 - 9.71]	0.08 [D] (0.03)	0.51 [D] (0.17)
Lithium disilicate	M	269.52 (26.27)	180.71 (15.61)	187.71 [A] [180.30 - 195.30]	13.62 [A] [8.63 - 18.34]	1.84 [C] (0.18)	11.07 [C] (1.00)
	MP	479.39 (58.88)	267.10 (26.87)	278.93 [B] [266.04 - 292.22]	11.61 [A] [7.35 - 15.62]	0.13 [D] (0.06)	0.73 [D] (0.32)
Y-TZP	M	596.59 (57.18)	505.39 (75.88)	536.48 [A] [500.94 - 573.89]	8.01 [A] [5.07 - 10.78]	1.79 [C] (0.16)	11.21 [C] (1.07)
	MP	954.71 (104.29)	843.42 (117.00)	894.50 [B] [836.52 - 955.45]	8.19 [A] [5.19 - 11.03]	0.18 [D] (0.03)	1.71 [D] (0.37)

**results taken from Fraga et al. (2015)*

Different letters indicate statistically significant differences between M and MP conditions for each ceramic material (95% CI fail in overlapping for σ_0 and m; $p<0.05$ in Mann-Whitney test for Ra and Rz).

Table 3 – Mean and standard deviation (SD) of roughness (Ra) and flexural fatigue strength for each set of burs used in the machining of leucite, lithium disilicate and Y-TZP M groups. Spearman correlation coefficient (r_s) between machining order and Ra; and between machining order and flexural fatigue strength.

Ceramic	**Bur**	**Ra**			**Fatigue strength**		
		Mean (SD) - µm	***p-Value***	**r_s** ***p-Value***	**Mean (SD) - MPa**	***p-Value***	**r_s** ***p-Value***
Leucite	Set of Bur 1 n = 10	1.73 (0.86)	*0.000*	-0.88 *0.001*	69.91 (7.35)	*0.241*	0.74 *0.013*
	Set of Bur 2 n = 10	1.45 (0.81)		-0.21 *0.556*	73.88 (7.25)		0.44 *0.200*
Lithium disilicate	Set of Bur 1 n = 9	1.78 (0.18)	*0.450*	0.32 *0.406*	179.36 (13.16)	*0.114*	-0.07 *0.865*
	Set of Bur 2 n = 11	1.84 (0.18)		0.91 *0.000*	190.82 (16.88)		-0.21 0.537
Y-TZP	Set of Bur 1 n = 9	1.67 (0.10)	*0.001*	-0.63 *0.067*	554.25 (60.29)	*0.002*	0.73 *0.025*
	Set of Bur 2 n = 11	1.90 (0.15)		-0.47 *0.142*	459.31 (58.52)		0.50 *0.117*

* p<0.05 indicates significant difference.

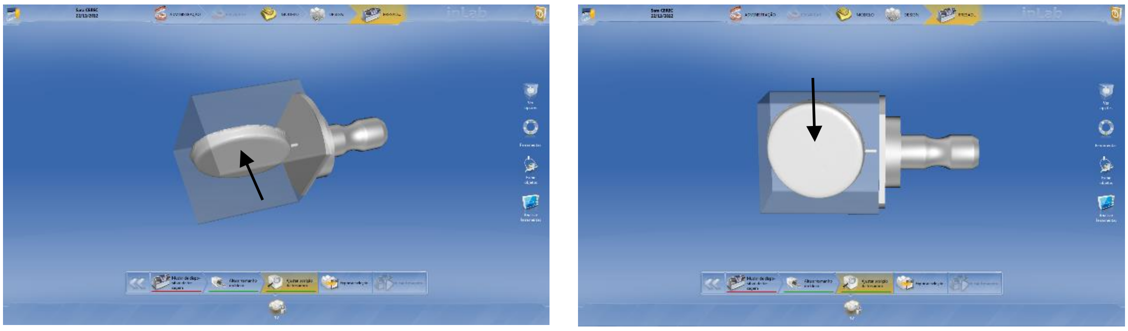
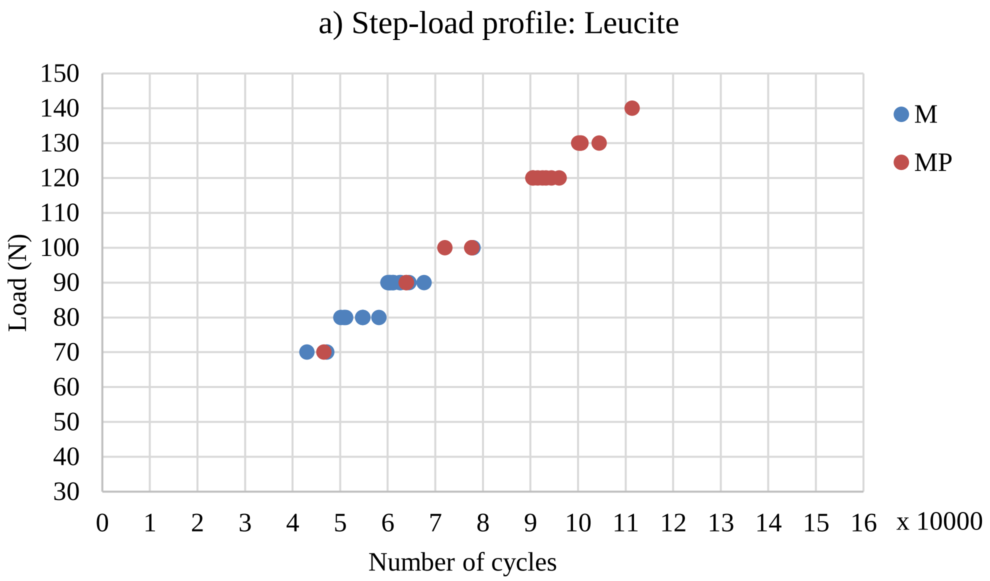
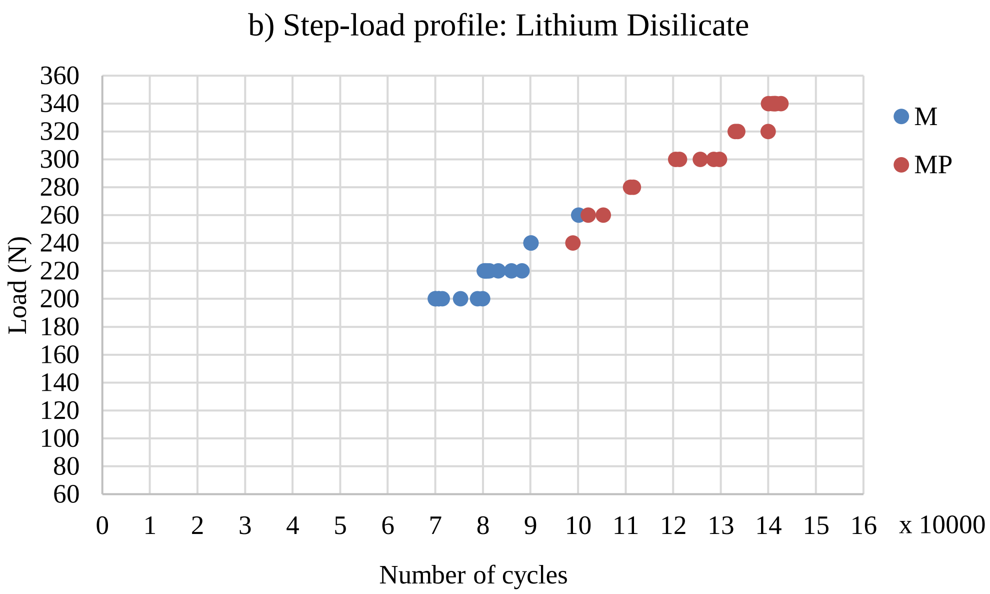


Fig. 1 – CEREC inLab 3D® software interface (version 4.0) showing a disc-shaped specimen, inside the ceramic block, ready for machining. The bottom surface of the disc (indicated by the black arrow) corresponded to the inner surface of a machined crown.


a) Step-load profile: Leucite
Load (N)
150
140
130
120
110
100
90
80
70
60
50
40
30
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 x 10000
Number of cycles
M
MP


b) Step-load profile: Lithium Disilicate
Load (N)
360
340
320
300
280
260
240
220
200
180
160
140
120
100
80
60
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 x 10000
Number of cycles
M
MP

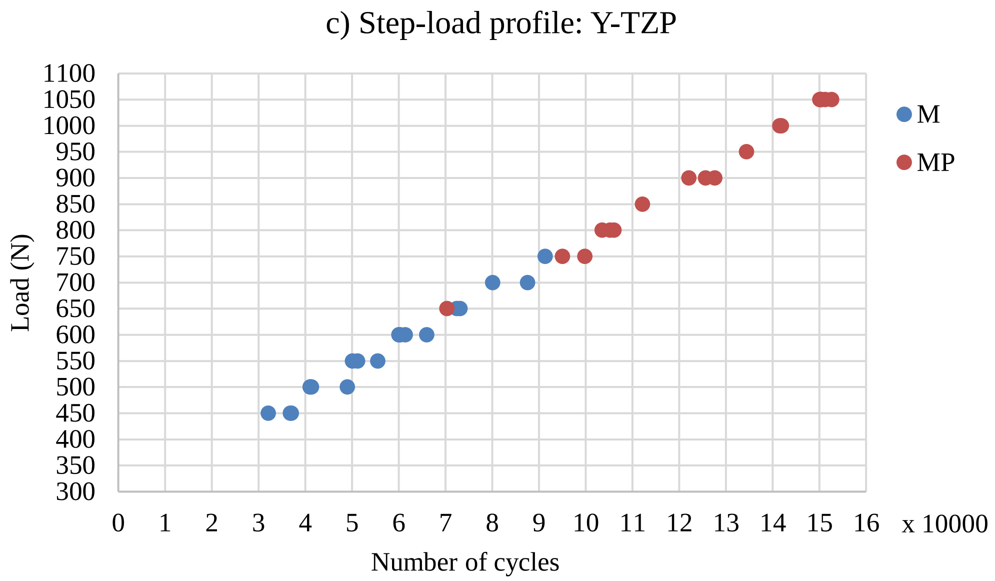
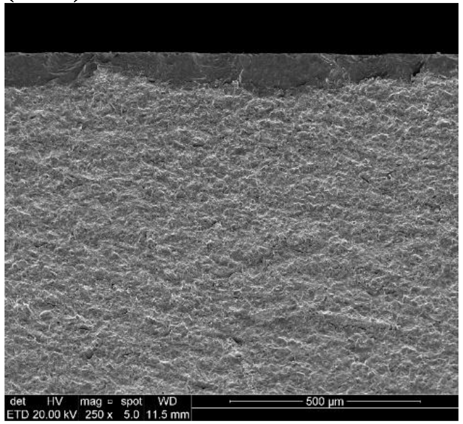
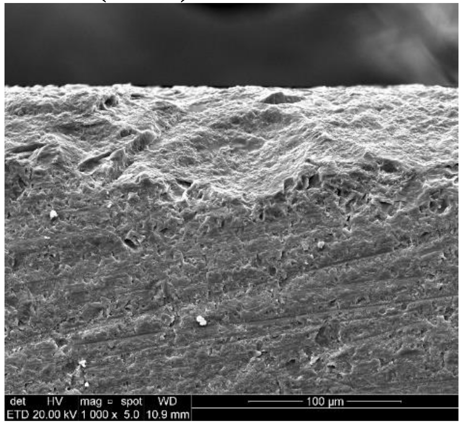


Fig. 2 – Step-load profile of leucite (a), lithium disilicate (b) and Y-TZP groups (c). The blue circles represent the fractured specimens of the M groups; the red circles represent the fractured specimens of the MP groups.

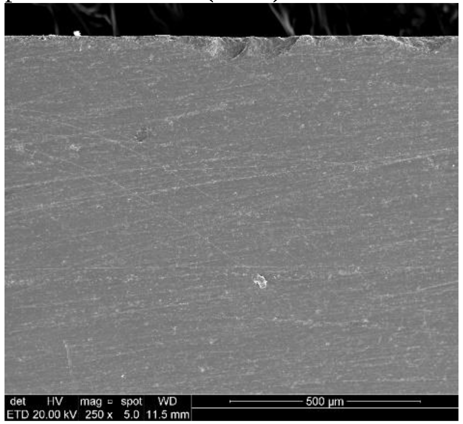
a1) Leucite – M – machined surface (250x)



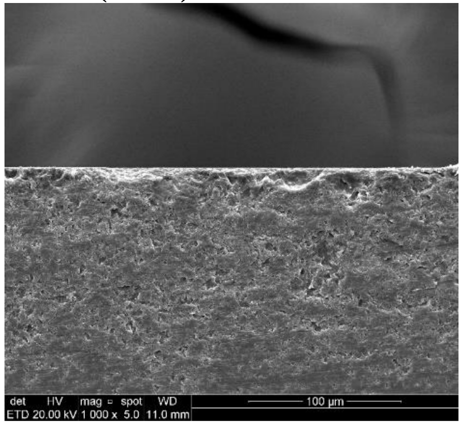
a2) Leucite – M – cross sectional surface (1000x)



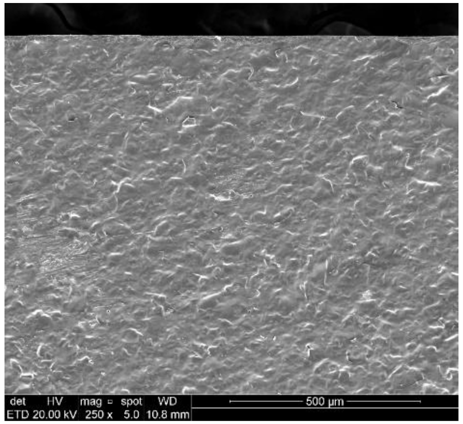
a3) Leucite – MP – machined and polished surface (250x)



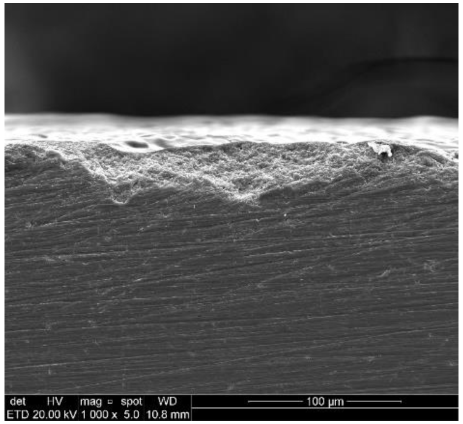
a4) Leucite – MP – cross sectional surface (1000x)



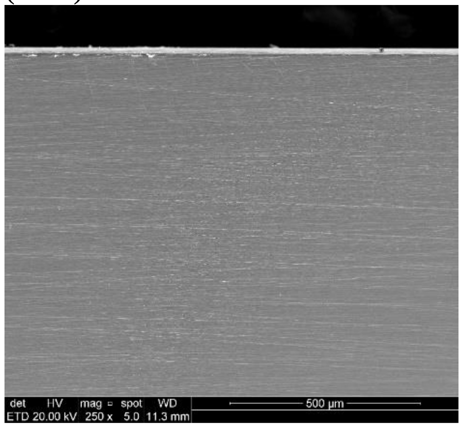
b1) Lithium disilicate – M – machined surface (250x)



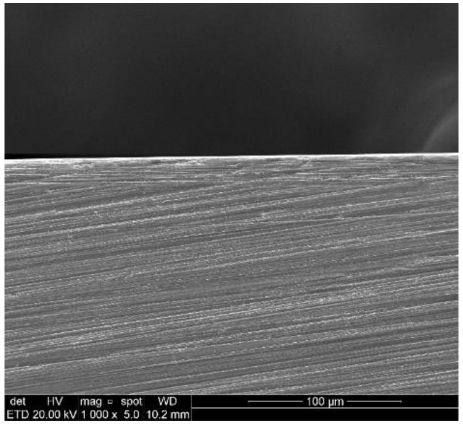
b2) Lithium disilicate – M – cross sectional surface (1000x)



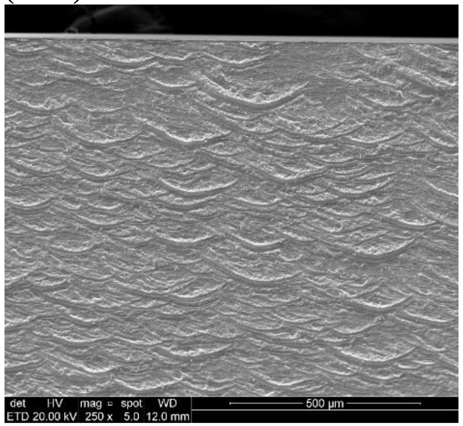
b3) Lithium disilicate – MP – machined and polished surface (250x)



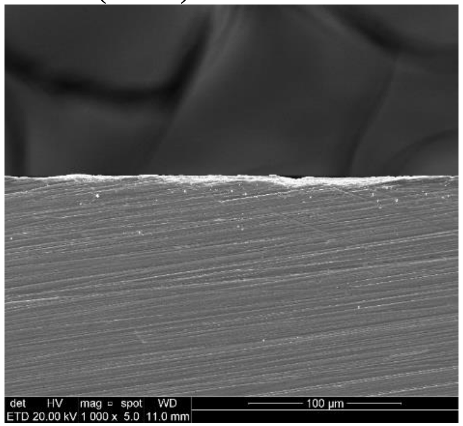
b4) Lithium disilicate – MP – cross sectional surface (1000x)



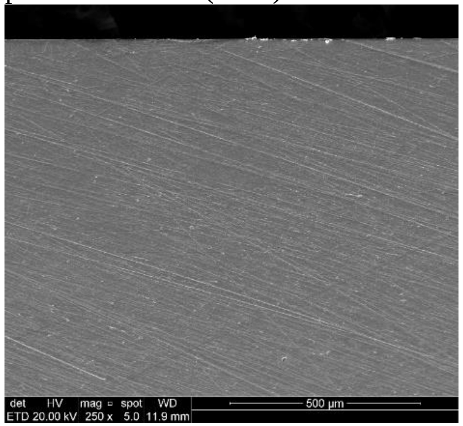
c1) Y-TZP – M – machined surface (250x)



c2) Y-TZP – M – cross sectional surface (1000x)



c3) Y-TZP – MP – machined and polished surface (250x)



c4) Y-TZP – MP – cross sectional surface (1000x)

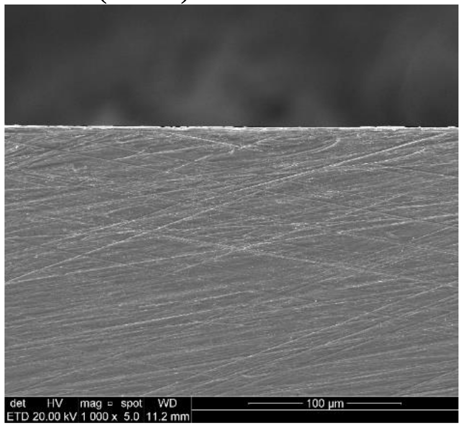


Fig. 3 – FESEM images of the M and MP surface for each ceramic material. It is possible to notice that M resulted in a rough surface, with the introduction of surface defects. Polishing seemed effective in removing these defects.

4 ARTIGO 2 – *LOADING FREQUENCIES UP TO 20 HZ AS AN ALTERNATIVE TO ACCELERATE FATIGUE STRENGTH TESTS IN A Y-TZP CERAMIC*

Este artigo foi publicado no periódico *Journal of the Mechanical Behavior of Biomedical Materials*, ISSN: 1751-6161, Fator de impacto = 2.876, Qualis A2, volume 61, páginas 79-86, ano 2016. As normas para publicação estão descritas no Anexo B.

Loading frequencies up to 20 Hz as an alternative to accelerate fatigue strength tests in a Y-TZP ceramic

Sara Fraga[a] - *sara.odonto@yahoo.com.br*

Gabriel Kalil Rocha Pereira[a] - *gabrielkrpereira@hotmail.com*

Mariana Freitas[b] - *m4riana.freitas@gmail.com*

Cornelis Johannes Kleverlaan[c] - *c.kleverlaan@acta.nl*

Luiz Felipe Valandro[a] - *lfvalandro@gmail.com*

Liliana Gressler May[a*] - *liligmay@gmail.com*

[a] Post Graduate Program in Dental Science (Prosthodontics Unit), Federal University of Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil

[b] Dentistry College, Federal University of Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil

[c] Department of Dental Materials Science, Academic Centre for Dentistry Amsterdam (ACTA), Universiteit van Amsterdam and Vrije Universiteit, Amsterdam, The Netherlands

*Corresponding Author:
Liliana Gressler May, D.D.S., M.Sci.D., Ph.D.
Federal University of Santa Maria
R. Floriano Peixoto, 1184, 97015-372,
Rio Grande do Sul, Santa Maria, Brazil.
Phone: +55-55-3220-9276, Fax: +55-55-3220-9272
E-mail: liligmay@gmail.com

ABSTRACT

Considering the interest of the research community in the fatigue behavior of all-ceramic restorations and the time consumed in low-frequency cyclic fatigue tests, this study aimed to investigate the influence of the loading frequency on the zirconia fatigue strength. The biaxial flexural fatigue strength of Y-TZP discs was determined by the staircase approach after 500,000 cycles. The investigated frequencies were 2 Hz (control - simulation of the chewing activity; n = 20), 10 Hz (n = 20), 20 Hz (n = 20), and 40 Hz (n = 21). The fatigue strength data were analyzed using one-way ANOVA and *post hoc* Tukey`s test ($\alpha = 0.05$). Pearson coefficient (r) was calculated to assess the existence of a correlation between fatigue strength and loading frequency. X-ray diffraction analysis was used to determine the relative amount of monoclinic phase under each fatigue test condition. The fatigue strength was significantly higher for 40 Hz group (630.7 ± 62.1 MPa) and did not differ among the groups 2 Hz (550.3 ± 89.7 MPa), 10 Hz (574.0 ± 47 MPa) and 20 Hz (605.1 ± 30.7 MPa). Pearson correlation coefficient indicated a significantly moderate correlation (r = 0.57) between fatigue strength and loading frequency. The percentage of monoclinic phase was similar among the groups. Therefore, the use of loading frequencies up to 20 Hz seems a good alternative to expedite the cycling strength fatigue tests in polycrystalline ceramics without significantly changing the fatigue behavior showed by zirconia in tests employing the frequency of the masticatory cycle.

Keywords: fatigue; mechanical cycling; load frequency; zirconium oxide partially stabilized by yttrium.

1 INTRODUCTION

Despite the advances in dental materials science, including the introduction of Computer-Aided Design/Computer-Aided Machining (CAD/CAM) systems and the development of high-strength ceramics such as zirconia, dental ceramics still exhibit a brittle nature. As a result, these materials support little or no plastic deformation and suffer catastrophic failures, while their strength is sensitive to the presence of defects (Kelly, 1995, 2004).

In the oral environment, ceramic restorations are susceptible to fatigue failure, mainly due to the presence of cyclic masticatory forces and moisture (Zhang et al., 2013). Fatigue failure may be defined as the fracture of the material due to progressive brittle cracking under repeated cyclic stresses with intensity below the material normal strength (Wiskott et al., 1995).

Owing to high costs and ethical considerations, many issues related to restorative dental materials are difficult to evaluate in clinical studies (Kelly, 2006). Laboratory fatigue tests involving the application of a cyclic loading have been employed to partly reproduce the clinical conditions to which restorative materials are subjected during function. Analyses of *in vitro* fatigue experiments allow inferring on the survival probability of ceramic restorations (Lohbauer et al., 2008). Considering the high costs involved in the replacement of all-ceramic failed restorations, the evaluation of the ceramic fatigue strength in laboratory tests is strongly desired by clinicians and researchers, contributing thus to increase the number of studies on this subject (Baran et al., 2001).

Cyclic fatigue tests require the determination of some variables such as the loading frequency (number of loading cycles per second). Frequencies between 1 Hz and 2 Hz have been employed in many cyclic fatigue studies, considering that the chewing activity mainly occurs in the range of 0.94–2.17 Hz (Po et al., 2011). However, at low frequencies, the data collection becomes very time consuming. According to Wiskott et al. (1995), fatigue tests should be conducted with at least 10^6 cycles to provide clinical relevance. This number of cycles would be equivalent to one year of function.

Performing a cyclic fatigue test of 10^6 cycles at a frequency of 2 Hz (two load cycles per second) with a single station fatigue machine, approximately six days would be necessary to conclude the mechanical cycling for one specimen. At a higher frequency of 20 Hz, this time would be reduced to 14 h, clearly optimizing the data collection.

The effect of the load frequency on the cyclic fatigue behavior of ceramic materials is still not completely understood. Kelly et al. (2010) reported a slight increase in the cyclic fatigue load of a glass-infiltrated alumina when a frequency of 20 Hz was used (602.5 N), compared with the results obtained at 2 Hz (569.64 N). In the study of Joshi et al. (2014), no difference in terms of characteristic lifetimes was found for a glass-ceramic fluorapatite when the cyclic test was performed at frequencies of 2 Hz (10,800 seconds) and 10 Hz (11,600 seconds).

The excellent mechanical properties of yttria-stabilized polycrystalline tetragonal zirconia (Y-TZP) ceramics can be attributed to the transformation toughening mechanism that acts to resist crack propagation. Under stress, the Y-TZP tetragonal phase may transform into monoclinic state, resulting in 3-4% volume expansion, which induces compressive stress in the area of the crack, hindering further crack propagation. However, this phenomenon can also alter the phase integrity of the material, increasing its susceptibility to aging (Denry and Kelly, 2008). Mechanical and thermo-mechanical cycling are some of the methods that have been employed to promote low temperature degradation (LTD) in zirconia (Cotes et al., 2014), a phenomenon that is exacerbated by the presence of water (Chevalier et al., 2007). It is important to highlight that there is no data on literature regarding the influence of load frequency on cyclic fatigue behavior of Y-TZP ceramics.

Therefore, considering the increasing interest in the fatigue behavior of restorative materials, the extensive time consumed in low-frequency cyclic fatigue tests, and the lack of knowledge about the effect of the load frequency on the ceramic fatigue strength, this study aimed to investigate the influence of the frequency (2 Hz, control; 10 Hz; 20 Hz; 40 Hz) on the fatigue strength of a Y-TZP ceramic. The hypothesis was that the test frequency up to 40 Hz would not affect the fatigue strength of the Y-TZP ceramic at a lifetime of 500,000 cycles.

2 MATERIALS AND METHODS

2.1 Specimen preparation

Presintered zirconia blocks (IPS e.max ZirCAD, Ivoclar Vivadent, Liechtenstein, lot nº RX0008) were ground into cylinders in a polishing machine (EcoMet/AutoMet 250, Buehler, United States) using a 400 grit silicon carbide paper under water refrigeration. The cylinders were then cut with a diamond saw (Labcut 1010, Extec Corporation, United States) under water cooling to obtain disc shaped Y-TZP specimens with initial dimensions of 18 mm in diameter and 1.7 mm in thickness (Fig. 1). In order to standardize the surface condition and to remove the irregularities introduced by cutting, the discs were hand-polished under water cooling, with a 1200 grit silicon carbide paper until the thickness of 1.5 mm. Then, the samples were cleaned in an isopropyl alcohol ultrasonic bath for 10 min, and sintered in a Vita Zyrcomat (Vita Zahnfabrik, Germany) furnace at a temperature of 1530 °C for 120 min. The final dimensions of the discs were 14.5 mm in diameter and 1.21 ± 0.03 mm in thickness.

After sintering, the discs were randomly divided into four groups according to the frequency applied in the fatigue test (2, 10, 20, and 40 Hz). Three additional discs were employed in a monotonic test.

The aim of the polishing protocol and of the randomization procedure was to ensure that the surface flaw population would be equally distributed among the groups.

2.2 Monotonic biaxial flexural strength

Prior to fatigue testing, the monotonic biaxial flexural strength was determined from three Y-TZP discs, using a piston-on-three ball assembly, according to ISO 6872:2008, in a universal testing machine (DL-1000 Emic, Brazil). The disc was positioned on the top of three steel spheres (2.5 mm in diameter, 120^o apart and forming a circle of 10 mm diameter), with a load applied at a rate of 1 mm/min, perpendicular to the center of the top surface of the disc, by a circular cylinder steel piston with a 1.4 mm diameter flat tip (Fig. 2). The monotonic fracture strength (σ_m), in MPa, was calculated using Eqs. (1), (2) and (3) (ISO 6872, 2008):

$$\sigma_m = -0.2387P(X - Y)/b^2 \qquad \text{Eq. (1)}$$

$$X = (1 + \nu)\ln(B/C)^2 + [(1 - \nu)/2](B/C)^2 \qquad \text{Eq. (2)}$$

$$Y = (1 + \nu)\left[1 + \ln A/C^2\right] + (1 - \nu)(A/C)^2 \qquad \text{Eq. (3)}$$

where P is the load at fracture (N), b is the disc thickness (mm), ν is Poisson's ratio (0.25), A is the support ball radius (5 mm), B is the radius of the tip of the piston (0.7 mm), and C is the specimen radius (7.25 mm).

2.3 Biaxial flexural fatigue strength

The fatigue test was conducted in an electric machine (Instron ElectroPuls E3000, Instron Corporation, United States) using the same piston-on-three ball configuration (ISO 6872, 2008) in water.

The flexural fatigue strength was determined for 500,000 cycles, using the staircase approach method described by Collins (1993). Sinusoidal loading was applied with amplitude ranging from a minimum of 10 MPa to the maximum tensile stress. Four different frequencies were tested: 2 Hz (control group), 10 Hz, 20 Hz, and 40 Hz.

To perform the staircase test, the number of cycles is previously set. The first specimen is tested at a stress lower than the maximum stress supported by the material in a corresponding static test. If the specimen fails before reaching the desired lifespan, the stress level is decreased by a preselected increment and the second specimen is tested at a new lower stress level. If the first specimen reaches the desired lifespan, the stress level is increased by the preselected increment and the second specimen is tested at this new higher stress level. The test is continued in this manner, with each succeeding specimen being tested at a stress level that is one increment above or below its predecessor, depending on whether the predecessor succeeded or failed.

Based on the results of the monotonic test (n = 3; mean monotonic biaxial flexural strength = 758.53 MPa; standard deviation = 134.67 MPa), the step size adopted was 38 MPa (equivalent to 10% of 0.5 σ_m). The first specimen of each group was tested with a maximum tensile stress of 455.26 MPa (equivalent to 0.5 σ_m plus two step sizes). If the specimen failed before reaching the life of interest (500,000 cycles), the stress level was decreased by one step size (38 MPa) and the next specimen was tested at this new lower stress level. If the specimen survived the 500,000 cycles, the stress level was increased by one step size (38 MPa) and the next specimen was tested at this new higher stress level. The test was continued in this manner in sequence, with each succeeding specimen being tested at a stress level that was one increment above or below its predecessor.

The sample size was 20 discs per group, except for the 40 Hz group, in which 21 discs were tested to provide at least 15 specimens after the beginning of the up-and-down character (point where the first reversal occurs) (Collins, 1993).

The load required to achieve the desired tensile stress was calculated from Eqs. (1), (2) and (3) (ISO 6872, 2008), considering the thickness of each disc. Thus, all fatigue tests were controlled by tension.

The mean fatigue flexural strength (σ_f) and the standard deviation (s) were calculated based on the data of the least frequent event (survival or failure), using the method described by Collins, 1993 (Eqs. 4 and 5):

$$\sigma_f = \sigma_{f0} + d[{}^{\sum in_i}/_{\sum n_i} \pm {}^{1}/_{2}] \quad \text{Eq. (4)}$$

$$s = 1{,}62d\ \{[(\sum n_i \sum i^2 n_i - (\sum in_i)^2)/(\sum n_i)^2] + 0{,}029\} \quad \text{Eq. (5)}$$

If: $[(\sum n_i \sum i^2 n_i - (\sum in_i)^2)/(\sum n_i)^2] \geq 0.3$

where σ_{f0} is the lowest stress level considered in the analysis and d is the step size. In Eq. (4), the negative sign is used if the least frequent event is failure; otherwise the positive sign is used. The lowest stress level considered is designated as i = 0, the next level as i = 1, etc.; n_i is the number of failures or survivals at the given stress level.

The test machine was adjusted to stop running (by displacement control) every time the specimen failed. Then, the number of cycles until fracture was registered.

2.4 Phase analysis by x-ray diffraction (XRD)

Quantitative analysis of phase transformation was conducted (n = 2) to determine the relative amount of monoclinic phase and depth of the transformed layer under each fatigue test condition (2 Hz, control; 10 Hz; 20 Hz; 40 Hz), using an x-ray diffractometer (D8 Advanced XRD, Bruker AXS GmbH, Germany) at a wavelength of 1.5416 Å (Cu K_α); the diffraction data were collected within a 2θ range of 25°-35° at a step interval of 1s and step size of 0.03°.

The amount (X_m) and the volumetric fraction (F_m) of the monoclinic phase were calculated based on the method introduced by Garvie and Nicholson (1972), modified by Toraya et al. (1984) (Eqs. 6 and 7):

$$X_m = \frac{(-111)_M + (111)_M}{(-111)_M + (111)_M + (101)_T} \quad \text{Eq. (6)}$$

$$F_m = \frac{1.311 X_m}{1 + 0.311 X_m} \quad \text{Eq. (7)}$$

where $(-111)_M$ and $(111)_M$ represent the intensity of the monoclinic peaks (2θ = 28° and 2θ = 31.2°, respectively) and $(101)_T$ indicates the intensity of the respective tetragonal peak (2θ = 30°).

The depth of the transformed layer (PZT) was calculated based on the amount of monoclinic phase, considering that a constant fraction of grains had symmetrically transformed to the monoclinic phase along the surface, as described by Kosmac et al. (1981) (Eq. 8):

$$PZT = \left(\frac{sen\theta}{2\mu}\right)\left[ln\left(\frac{1}{1-F_m}\right)\right] \quad \text{Eq. (8)}$$

where θ = 15° (angle of reflection), μ = 0.0642 is the absorption coefficient, and F_m is the amount of monoclinic phase obtained by Eqs. (6) and (7).

2.5 Fractographic analysis

After the mechanical tests, the specimens were analyzed in a light microscope (Stereo Discovery V20; Carl Zeiss, Gottingen, Germany) and then representative discs from each evaluated condition were submitted to scanning electron microscopy (SEM) aiming to identify the surface where the fracture initiate.

2.6 Statistical analysis

Fatigue strength values were analyzed using one-way ANOVA and *post hoc* Tukey`s test ($\alpha = 0.05$), since the data presented homogeneity of variances ($p > 0.05$ based on the Levene test) and normal distribution ($p > 0.05$ based on the Shapiro-Wilk test). Pearson coefficient (r) was calculated to assess the existence of a correlation between fatigue strength and load frequency.

3 RESULTS

The biaxial fatigue strength was significantly higher for 40 Hz (630.7 ± 62.1 MPa, $p \leq 0.026$) and did not differ among the groups 2 Hz (550.3 ± 89.7 MPa), 10 Hz (574.0 ± 47 MPa) and 20 Hz (605.1 ± 30.7 MPa) ($p \geq 0.823$) (Table 1). Pearson correlation coefficient demonstrated a significantly ($p = 0.001$) moderate correlation ($r = 0.57$) between fatigue strength and load frequency (Crespo, 1997). The percentage of monoclinic phase and the depth of the transformed layer were similar among the groups (Table 1).

The pattern of runouts and failures for each group is described in Fig. 3.

The number of cycles until fracture ranged from 170 to 42,583 at 2 Hz, from 69 to 34,319 at 10 Hz, from 654 to 84,546 at 20 Hz, and from 202 to 35,383 at 40 Hz.

In all specimens, as expected, failures seem to initiate on the surface subjected to tensile stress during the flexural test. A similar failure pattern may be identified among the groups in the SEM images (Fig. 4).

4 DISCUSSION

The main scientific contribution of the present study is to support researchers in the selection of an adequate load frequency to optimize future cyclic fatigue strength tests, as the use of higher frequencies reduces considerably the time necessary to conclude the mechanical cycling. The hyphothesis that the frequency would not affect the fatigue strength of the Y-TZP ceramic at a lifetime of 500,000 cycles was partially rejected. The Y-TZP fatigue strength was significantly higher when a load frequency of 40 Hz was applied (630.7 ± 62.1), in comparison with 2 Hz (550.3 ± 89.7), 10 Hz (574.0 ± 47.0) and 20 Hz (605.1 ± 30.7). Therefore, these results suggest that the cyclic fatigue strength tests at a maximum lifetime of 500,000 cycles can be expedited by using frequencies up to 20 Hz without statistically changing the fatigue strength of Y-TZP, compared to the frequency of the masticatory cycle (2 Hz).

The microstructure of the material and its sensitivity to the environment seem to affect how the load frequency influences the material fatigue strength. Some engineering material studies have shown that an increase of loading frequency has practically no effect on the fatigue limit of metals in air (Nonaka et al., 2014). However, in corrosive media, increasing the loading frequency usually results in an increase of the fatigue limit. As corrosion is time dependent, slow cycling rates will cause greater life reductions than accelerated fatigue cycling (ASM, 2008).

Joshi et al. (2014) reported that cyclic fatigue did not have a significant effect on the subcritical crack growth parameters of fluorapatite glass-ceramic. Only stress corrosion had a significant effect on the ceramic lifetime. Cyclic loading tests were performed at frequencies of 2 Hz and 10 Hz. Similar characteristic lifetimes were found at both frequencies (10,800 seconds at 2 Hz and 11,600 seconds at 10 Hz), indicating that specimens tested at 10 Hz (10 cycles per second) survived for a higher number of cycles than the specimens tested at 2 Hz (2 cycles per second). Thus, for predominantly glassy ceramics, in lifetime studies, the use of higher frequencies did not reduce the testing time.

Kelly et al. (2010) investigated the influence of frequency load (2 Hz, 10 Hz and 20 Hz) in the mean failure loads of veneered glass-infiltrated alumina discs cemented to flat dentin analog bases. A slightly positive relationship ($r = 0.68$) between cycling frequency and failure loads was reported. A small difference (approximately 5%) was found in the fatigue strength at 20 Hz (602.5 N) and 2 Hz (569.64 N). These results are in agreement with the present study, in which a moderate positive correlation ($r = 0.57$) was found between fatigue strength and load frequency. However, the fatigue strength mean was not significantly different among the groups 2 Hz, 10 Hz and 20 Hz.

The significant reduction in the mechanical cycling time (69 h per specimen to load 500,000 cycles at 2 Hz; 7 h per specimen to load 500,000 cycles at 20 Hz) did not influence the zirconia fatigue strength, which may suggest that Y-TZP has a high resistance to stress corrosion, a time-dependent phenomenon. However, a detailed study about the influence of the stress corrosion and cyclic degradation on the zirconia slow crack growth (SCG) parameters is necessary to confirm this hypothesis.

Zirconia is usually retained in a tetragonal form at room temperature by the addiction of stabilizing oxides, such as Y_2O_3, CaO, MgO or CeO_2. The tetragonal crystallographic form is metastable. When the material is subjected to a stress, the tetragonal phase may transform into monoclinic state, resulting in 3-4% volume expansion which induces compressive stresses, thereby closing the crack tip and hindering further crack propagation (Denry and Kelly, 2008). Phase analysis of partially stabilized zirconia by x-ray diffraction (XRD) has permitted the quantitative determination of monoclinic contents present in the material (Paterson and Stevens, 1986). The relative amount of monoclinic phase and depth of the transformed layer occurred in a very similar way in all the investigated frequencies (Table 1).

One of the phenomenon involved in the cyclic fatigue strength of ceramic materials is the crack closure. This mechanism happens when the stress concentrated in the crack tip changes from tension to compression, during the cyclic loading. During crack closure can be observed attrition between crack walls, grain pull-out and grain crushing (which will create debris and enhance even more this mechanism), resulting in important microstructural changes and additional damage, reducing the material fatigue strength (Jian et al., 1993). The higher fatigue strength observed at the 40 Hz group may be explained as this increased frequency would not allow enough time to the occurrence of the crack closure mechanism, decreasing its effect on the Y-TZP fatigue strength.

Aiming to achieve a feasible testing time, the fatigue test was performed with a maximum of 500,000 cycles. The maximum number of cycles registered until fracture was 84,546 (20 Hz); thus, failures tended to occur at the beginning of the test, which indicate that 500,000 cycles may be considered suitable for the purpose of the present study. However, it is important to highlight that cyclic studies, aiming to simulate clinical conditions, should be performed with a higher number of cycles. According to Wiskott et al. (1997), one million cycles would represent one year in function. This number was reached assuming 3 periods of

15 minutes of chewing per day, at a chewing rate of 60 cycles per minute (1 Hz) (Wiskott et al., 1997).

The pattern of failure was similar for all groups, as illustrated in Fig. 4. The SEM images show some typical features of brittle material failures, such as the presence of hackles pointing to the failure origin, on the surface subjected to tensile stresses during the test (Quinn, 2007), indicating that the fractures did not occur due to possible high stresses concentration at the contact surface between the disc and the piston.

In the present study, a piston-on-three ball setup was used, in agreement with ISO 6872:2008, since biaxial strength testing of brittle materials have some advantages in comparison with uniaxial testing, such as: a simpler specimen preparation, as it did not require a chamfer; avoiding the effect of edge fracture, since the maximum tensile stress will be located at the center of the disc (Sadighpour et al., 2006).

Regarding the fatigue test, the staircase approach may be considered a useful testing method for determining the fatigue strength at any specified life (Collins, 1993). Fifteen to thirty specimens, after the beginning of the up-and-down character (point where the first reversal occurs), are required to adequately perform the test (Collins, 1993). Because of this, a sample size of 20 and 21 specimens was used in the present study.

Notably, the results reported in the present study are valid for cycling tests aiming to investigate the Y-TZP fatigue strength at a maximum lifetime of 500,000 cycles. For the extrapolation of these results and the indication of higher frequencies in general mechanical cycling tests, additional studies employing different fatigue methodologies, such as lifetime studies considering a longer time of the exposition of the material to the water, should be performed to better clarify the effect of the loading frequency on the fatigue behavior of Y-TZP.

5 CONCLUSIONS

There is a positive moderate correlation between fatigue strength and load frequency. However, the use of loading frequencies up to 20 Hz did not significantly affect the fatigue strength of Y-TZP at a lifetime of 500,000 cycles. Therefore, it appears to be a valid approach to accelerate the cyclic fatigue strength tests performed on this material at a maximum lifetime of 500,000 cycles.

Acknowledgments

The authors would like to thank Ivoclar Vivadent for donating the Y-TZP ceramic blocks used in this study.

REFERENCES

ASM International, 2008. Fatigue (Chapter 14), in: Campbell, F.C., (Ed.), Elements of Metallurgy and Engineering Alloys. ASM International: United States, pp. 243–264.

Baran, G., Boberick, K., McCool, J., 2001. Fatigue of restorative materials. Crit. Rev. Oral Biol. Med. 12, 350–360.

Chevalier, J., Gremillard, L., Deville, S., 2007. Low-temperature degradation of zirconia and implications for biomedical implants. Annu. Rev. Mater. Res. 37, 1–32

Collins, J.A., 1993. Staircase or up-and-down methods, in: Failure of Materials in Mechanical Design. 2. Ed. John Wiley & Sons, 383–390.

Cotes, C., Arata, A., Melo, R.M., Bottino, M.A., Machado, J.P., Souza, R.O., 2014. Effects of aging procedures on the topographic surface, structural stability, and mechanical strength of a ZrO_2-based dental ceramic. Dent. Mater. 30, e396–e404.

Crespo AA. Estatística fácil. fifth ed. São Paulo: Saraiva; 1997.

Danzer, R., Lube, T., Supancic P., Rajiv, D., 2008. Fracture of ceramics. Adv. Eng. Mater. 10, 275–297.

Denry, I., Kelly, J.R., 2008. State of the art of zirconia for dental applications. Dent. Mater. 24, 299–307.

ENV 843-5. Advanced technical ceramics—monolithicceramics—mechanical tests at room temperature—Part 5: Statistical analysis, in: European Standards; 1996.

Garvie, R.C., Nicholson, P.S., 1972. Phase analysis in zirconia systems. J. Am. Ceram. Soc. 55, 303–305.

ISO 6872:2008. Dentistry—ceramic materials. 3rd ed. Geneva: International Organization for Standardization; 2008.

Jian, W., Zhihao, J., Xiaotian, W., 1993. A comparison of failure predictions by dynamic bending and cyclic bending fatigue techniques for Y_2O_3-ZrO_2 ceramics. Int. J. Fatigue. 15, 37–40.

Joshi, G.V., Duan, Y., Della Bona, A., Hill, T.J., St John, K., Griggs, J.A., 2014. Contributions of stress corrosion and cyclic fatigue to subcritical crack growth in a dental glass-ceramic. Dent. Mater. 30, 884–890.

Kelly, J.R., 1995. Perspectives on strength. Dent. Mater. 11, 103–110.

Kelly, J.R., 2004. Dental ceramics: current thinking and trends. Dent. Clin. North Am. 48, 513–530.

Kelly, J.R., 2006. Evidence-based decision making: guide to reading the dental materials literature. J. Prosthet. Dent. 95, 152–160.

Kelly, J.R., Rungruanganunt, P., Hunter, B., Vailati, F., 2010. Development of clinically validated bulk failure test for ceramic crowns. J. Prosthet. Dent. 104, 228–238.

Kosmac, T., Wagner, R., Claussen, N., 1981. X-Ray determination of transformation depths in ceramics containing tetragonal ZrO_2. J. Am. Ceram. Soc. 64, c72–c73.

Lohbauer, U., Krämer, N., Petschelt, A., Frankenberger, R., 2008. Correlation of in vitro fatigue data and in vivo clinical performance of a glassceramic material. Dent Mater. 24, 39–44.

Nonaka, I., Setowaki, S., Ichikawa, Y., 2014. Effect of load frequency on high cycle strength of bullet train axle steel. Int. J. Fatigue. 60, 43–47.

Paterson, A., Stevens, R., 1986. Phase analysis of sintered yttria-zirconia ceramics by x-ray diffraction. J. Mater. Res. 1, 295–299.

Po, J.M.C., Kieser, J.A., Gallo, L.M., Tésenyi, A.J., Herbison, P., Farella, M., 2011. Time-frequency analysis of chewing activity in the natural environment. J. Dent. Res. 90, 1206–1210.

Quinn. G.D., 2007. Fractography of ceramics and glasses. Washington: National Institute of Standards and Technology.

Sadighpour, L., Geramipanah, F., Raeesi, B., 2006. In vitro mechanical tests for modern dental ceramics. J. Dent. (Tehran). 3, 143–152.

Toraya, H, Yoshimura, M., Somiya, S., 1984. Calibration curve for quantitative analysis of the monoclinic tetragonal ZrO_2 system by x-rays diffraction. J. Am. Ceram. Soc. 67, 119–121.

Weibull, W., 1939. A statistical theory of the strength of materials. Swed. Inst. Eng. Res. 151, 1–45.

Weibull, W., 1951. A statistical distribution of wide applicability. J. Appl. Mech. 18, 293–297.

Wiskott, H.W., Nicholls, J.I., Belser, U.C., 1995. Stress fatigue: basic principles and prosthodontic implications. Int. J. Prosthodont. 8, 105–116.

Zhang. Y., Sailer, I., Lawn, B.R., 2013. Fatigue of dental ceramics. J. Dent. 41, 1135–1147.

Table 1 – Fatigue strength, monoclinic phase content, depth of the transformed layer, and testing time per specimen for 500,000 mechanical cycles at different load frequencies (2 Hz, control; 10 Hz; 20 Hz; 40 Hz).

Load frequency	Time per specimen/ 500,000 cycles	Mean fatigue strength (standard deviation) - MPa	Monoclinic phase (standard deviation) - %	Depth of transformed layer (standard deviation) - µm
2 Hz (control)	69 h	550.3^{A} (89.7)	3.16 (0.11)	0.16 (0.006)
10 Hz	14 h	574.0^{A} (47.0)	3.76 (0.02)	0.19 (0.001)
20 Hz	7 h	605.1^{A} (30.7)	3.51 (0.33)	0.18 (0.017)
40 Hz	3 h	630.7^{B} (62.1)	4.66 (0.27)	0.24 (0.014)

Different letters indicate statistically significant differences ($p < 0.05$ in Tukey`s test)
**Monotonic biaxial flexural strength: 758.53 ± 134.67 MPa*

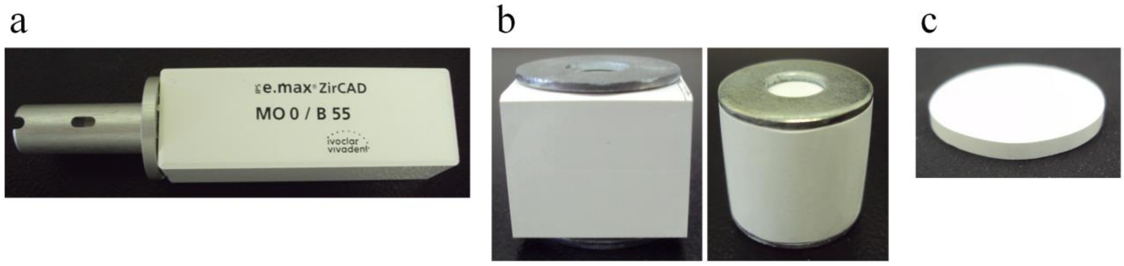


Fig. 1 – Specimen preparation: pre-sintered Y-TZP block (a); Y-TZP cylinder prepared by grinding with a 400 grit silicon carbide paper under water refrigeration in a polishing machine (b); pre-sintered Y-TZP disc (c). After that, the discs were polished and, then, sintered.

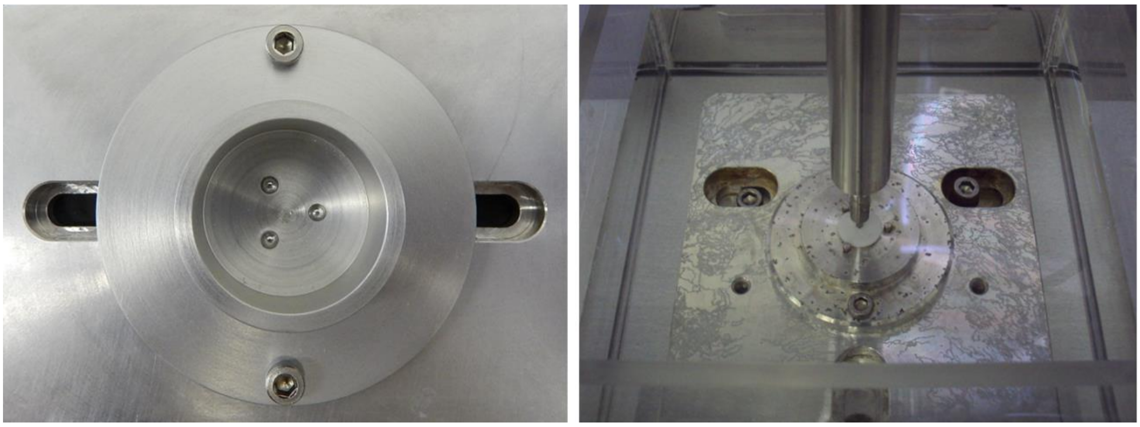
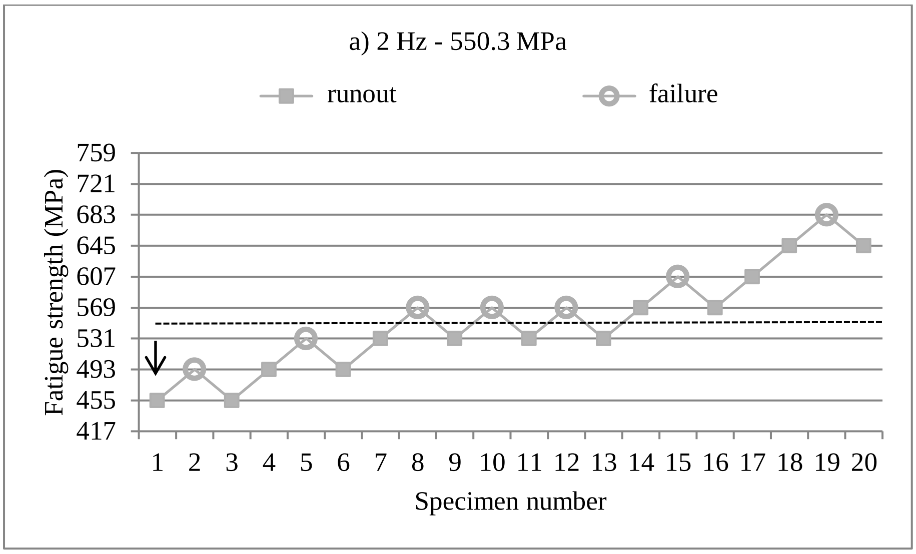
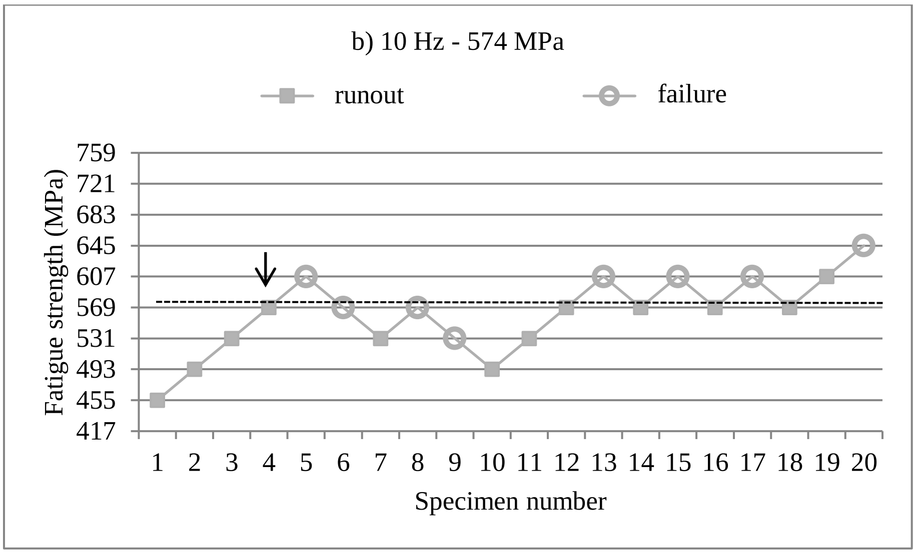
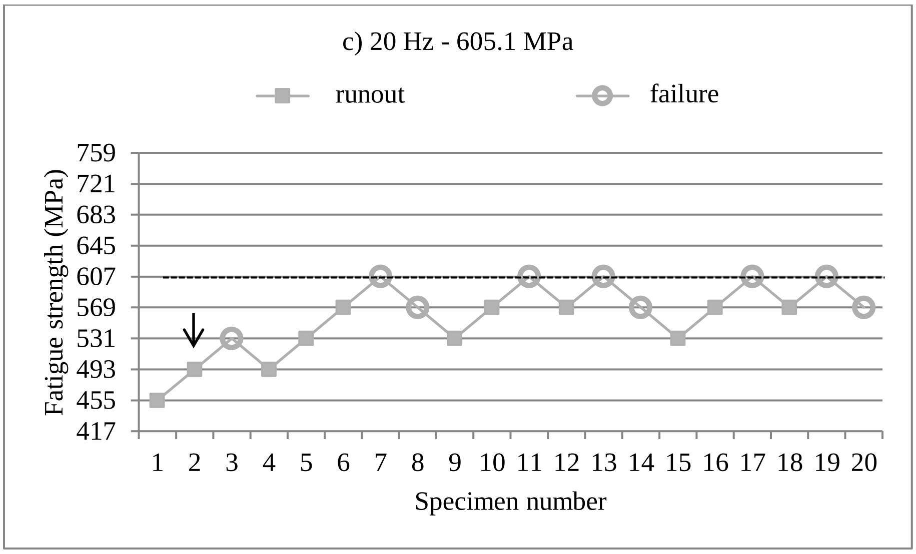


Fig. 2 – Piston-on-three ball device, according to ISO 6872:2008. The disc was positioned on the top of three steel spheres (2.5 mm in diameter, 120° apart and forming a circle of 10 mm diameter), with a load applied perpendicular to the center of the top surface of the disc, by a circular cylinder steel piston with a 1.4 mm diameter flat tip.


a) 2 Hz - 550.3 MPa
runout
failure
Fatigue strength (MPa)
759
721
683
645
607
569
531
493
455
417
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20
Specimen number


b) 10 Hz - 574 MPa
runout
failure
Fatigue strength (MPa)
759
721
683
645
607
569
531
493
455
417
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20
Specimen number


c) 20 Hz - 605.1 MPa
runout
failure
Fatigue strength (MPa)
759
721
683
645
607
569
531
493
455
417
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20
Specimen number

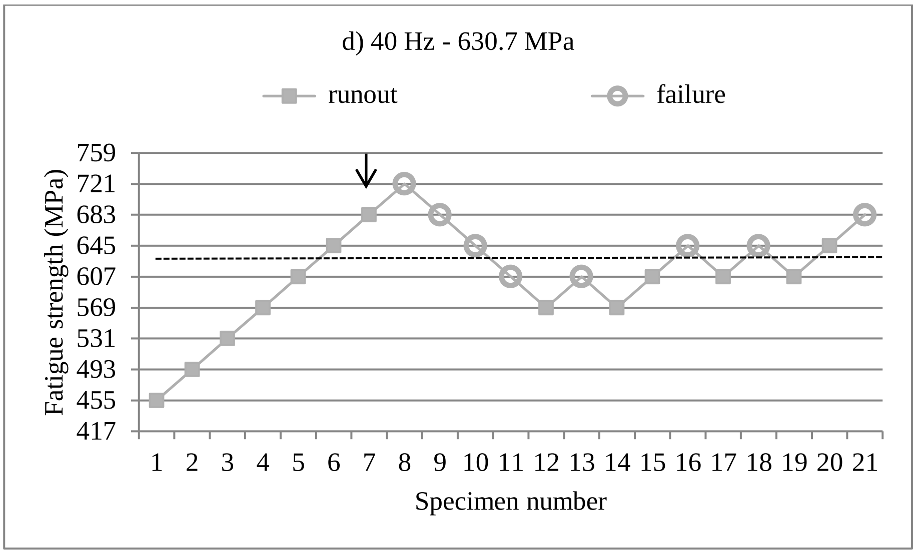
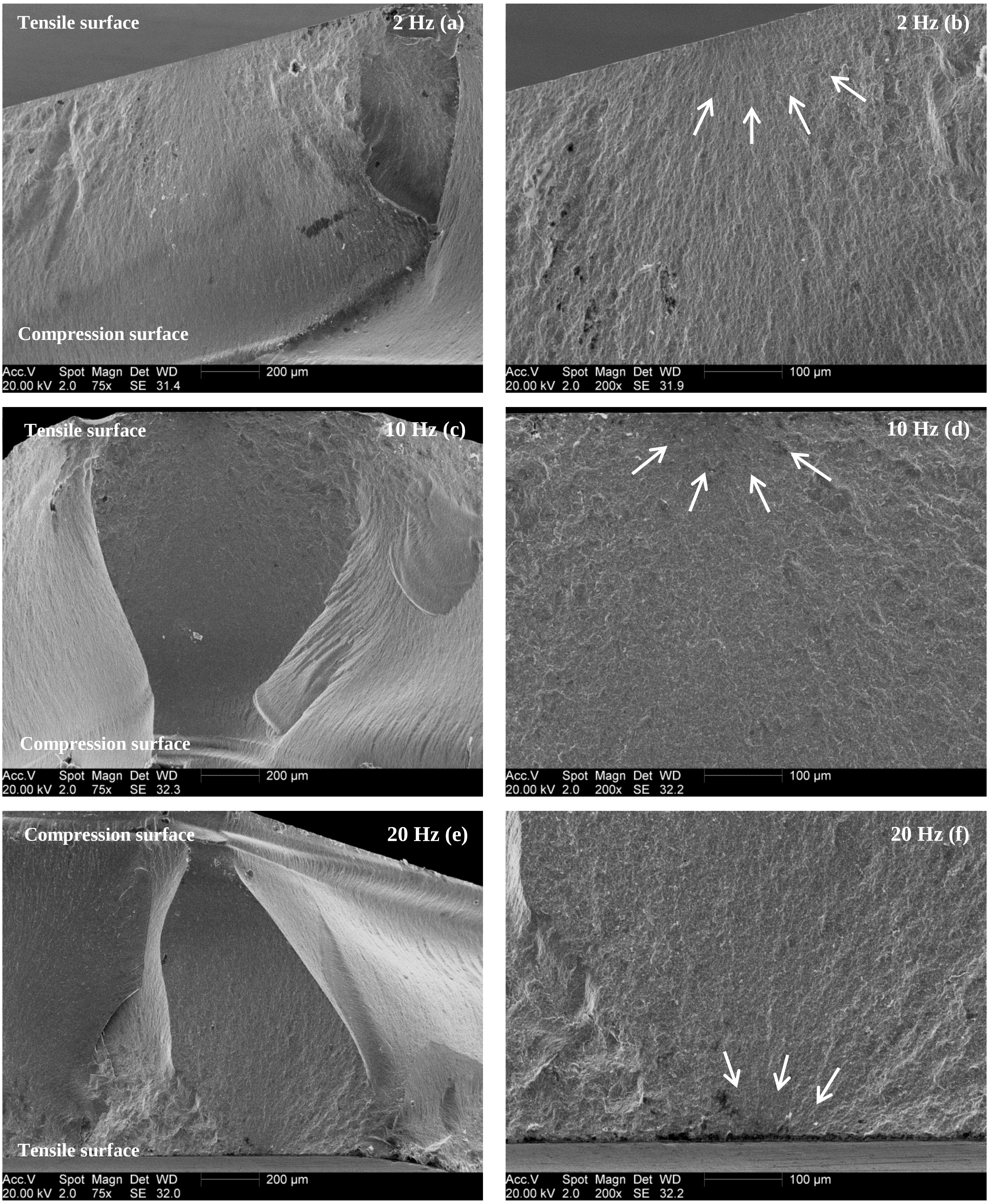


Fig. 3 – Staircase sensitivity test results during mechanical cycling (500,000 cycles) at 2 Hz (a), 10 Hz (b), 20 Hz (c), and 40 Hz (d). The arrows indicate the stress level at which the up-and-down character started. The dashed lines indicate the fatigue strength mean.


Tensile surface
2 Hz (a)
Compression surface
Acc.V Spot Magn Det WD 200 µm
20.00 kV 2.0 75x SE 31.4
2 Hz (b)
Acc.V Spot Magn Det WD 100 µm
20.00 kV 2.0 200x SE 31.9
Tensile surface
10 Hz (c)
Compression surface
Acc.V Spot Magn Det WD 200 µm
20.00 kV 2.0 75x SE 32.3
10 Hz (d)
Acc.V Spot Magn Det WD 100 µm
20.00 kV 2.0 200x SE 32.2
Compression surface
20 Hz (e)
Tensile surface
Acc.V Spot Magn Det WD 200 µm
20.00 kV 2.0 75x SE 32.0
20 Hz (f)
Acc.V Spot Magn Det WD 100 µm
20.00 kV 2.0 200x SE 32.2

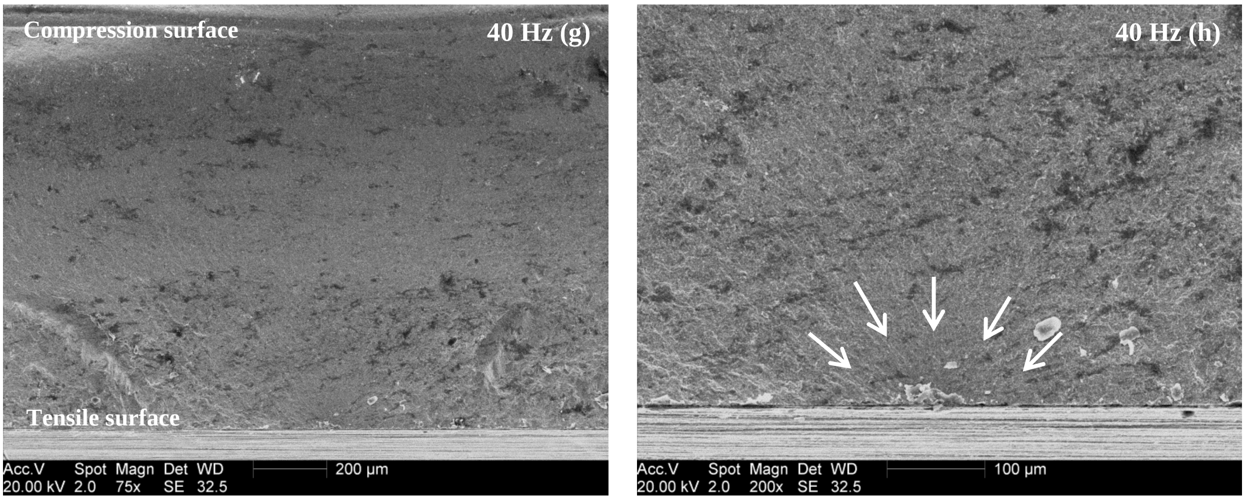


Fig. 4 – Scanning electron microscopy images of the fracture surface of the discs subjected to fatigue at 2 Hz (a, b), 10 Hz (c, d), 20 Hz (e, f), and 40 Hz (g, h). Hackles pointing to the failure origin on the tensile surface can be observed (white arrows).

5 DISCUSSÃO

O uso da tecnologia CAD/CAM na Odontologia Restauradora tem se tornado cada vez mais difundido, abrangendo desde a confecção de restaurações simples até a realização de trabalhos reabilitadores complexos. Nesses sistemas, cerâmicas policristalinas são usinadas no estágio parcialmente sinterizado, com dimensões superiores ao trabalho final, a fim de compensar a contração esperada após a sinterização. Blocos de cerâmicas vítreas são fresadas nas dimensões finais do trabalho restaurador, com precisão de micrômetros. Novos produtos, como câmeras intraorais para moldagem digital e materiais para usinagem, são regularmente lançados no mercado. Todos os fatos mencionados exemplificam o grande investimento e a alta tecnologia envolvida nos sistemas CAD/CAM (KELLY, 2006; LEBLON et al., 2016). Entretanto, limitações e necessidade de melhorias ainda se fazem presentes.

Os resultados apresentados no artigo ***"Impact of the CAD/CAM machining on the fatigue behavior of glass and polycrystalline ceramics"*** indicam que a usinagem é capaz de introduzir defeitos na superfície de cerâmicas com diferentes microestruturas, com efeito deletério na resistência à fadiga flexural. Esses achados são corroborados pela análise clínica de coroas que falharam clinicamente, em que irregularidades decorrentes da fresagem foram bastante nítidas e, em muitos casos, correspondiam ao ponto de origem da falha (ØILO; QUINN, 2016).

Diferenças em termos de rugosidade superficial e resistência à fadiga flexural encontradas para os pares de brocas usados na usinagem de um mesmo material cerâmico sugerem uma deficiência na padronização dos instrumentos diamantados de corte, com possível efeito negativo na previsibilidade clínica das restaurações totalmente cerâmicas.

Considerando-se o exposto, fica clara a necessidade de se buscar alternativas que resultem em menor introdução de defeitos superficiais durante o processo de usinagem de cerâmicas parcialmente e totalmente sinterizadas. Nesse contexto, o estudo do efeito de outras variáveis, a exemplo do tamanho das partículas de diamante presentes nas brocas e da velocidade de desgaste, é fundamental para o aprimoramento dos sistemas de usinagem.

Tendo-se em vista que as cerâmicas são materiais frágeis (KELLY, 1995), sujeitas ao fenômeno de crescimento lento e subcrítico de trincas (GONZAGA et al., 2011), é imperativo que o efeito de procedimentos capazes de introduzir defeitos superficiais seja investigado sob condições de fadiga. Em função disso, no primeiro estudo apresentado nessa tese, ensaio de fadiga cíclica foi empregado para avaliar o impacto da usinagem na resistência de cerâmicas com diferentes microestruturas.

Como comentado na revisão de literatura, ensaios cíclicos envolvem a determinação prévia de alguns parâmetros, como a frequência de aplicação de carga. O uso de frequências muito baixas pode tornar a coleta dos dados muito lenta e, até mesmo, inviabilizar a realização do estudo. Por outro lado, o uso de frequências muito altas pode produzir resultados equivocados, por não haver tempo hábil para o material reagir adequadamente à carga aplicada (ROSENTRITT; BEHR; PREIS, 2016).

Os resultados apresentados no artigo ***"Loading frequencies up to 20 Hz as an alternative to accelerate fatigue strength tests in a Y-TZP ceramic"*** mostraram que é possível acelerar os ensaios de resistência à fadiga cíclica em cerâmicas policristalinas em até 20 Hz, sem alteração dos resultados obtidos com frequência de 2 Hz. Tal estudo reveste-se de importância à medida que poderá ser usado para embasar a utilização de frequências superiores em ensaios de resistência à fadiga, além de viabilizar o desenvolvimento de trabalhos que avaliem o comportamento à fadiga em um maior número de ciclos.

Faz-se importante enfatizar que os resultados mencionados são válidos apenas para cerâmicas policristalinas, e não devem ser extrapolados para cerâmicas com conteúdo vítreo. As cerâmicas vítreas caracterizam-se por serem mais susceptíveis do fenômeno de SCG (BORBA et al., 2011), fazendo com que o meio úmido exerça um maior efeito na sua resistência. Portanto, a aceleração do ensaio cíclico, por meio do uso de frequências mais altas, poderia acarretar em valores de resistência superiores quando comparados aos obtidos em baixas frequências. Entretanto, tal hipótese só poderá ser avaliada por meio da condução de um ensaio in vitro adequadamente delineado.

Na presente tese, dois métodos de avaliação da resistência à fadiga cíclica foram apresentados: *staircase* e *step-test*. Ambos os ensaios permitem a obtenção de valores de média e de desvio padrão para a resistência à fadiga. Entretanto, algumas considerações devem ser feitas. No método *staircase*, apesar de ser simples e de natureza sequencial, os testes são normalmente conduzidos em uma faixa de cargas muito estreita, ou seja, valores extremos não são considerados, fato que poderia mascarar a performance do material sob condições mais extremas (BONFANTE; COELHO, 2016). No método *step-test*, o tempo de vida, para o qual o valor de resistência à fadiga será calculado, corresponderá ao número de ciclos empregado no *step*, e não ao somatório total de ciclos suportado pelo material. Na realização dos cálculos de resistência, assume-se que o dano acumulado e o número de ciclos empregados se relacionem de forma linear (NICHOLAS, 2006). A grande limitação desse ensaio reside no fato de que o efeito do dano acumulado em cada *step* é desconhecido (COLLINS, 1993). Dessa forma, é importante que as peculiaridades e limitações de cada metodologia sejam consideradas a fim de evitar equívocos na interpretação dos resultados obtidos.

6 CONCLUSÃO

Com base nas investigações científicas apresentadas nessa tese, conclui-se que:

- A usinagem CAD/CAM apresenta um significativo efeito deletério no comportamento mecânico de materiais cerâmicos, reduzindo a resistência à fadiga em cerca de 40% para a Y-TZP, 33% para o dissilicato de lítio e 29% para a cerâmica vítrea reforçada por leucita. Assim, usinagem de materiais parcialmente sinterizados mostra-se tão deletéria quanto a usinagem de materiais totalmente sinterizados. Alternativas devem ser buscadas no sentindo de reduzir o dano ocasionado pela usinagem. Para tanto, é essencial que o impacto de outras variáveis, a exemplo do tamanho e da qualidade da partícula de diamante presente nas brocas, bem como da velocidade de desgaste, seja investigado.
- A determinação da frequência de aplicação de carga é um ponto bastante crítico no delineamento de estudos de fadiga cíclica. A utilização de frequências de até 20 Hz (20 ciclos por segundo) representa uma alternativa para acelerar os ensaios de resistência à fadiga em cerâmicas policristalinas, otimizando a coleta dos dados sem alterar significativamente os resultados.

REFERÊNCIAS

ADDISON, O. et al. Machining variability impacts on the strength of a ‘chair-side’ CAD-CAM ceramic. **Dental Materials**, v.28, n.8, p.880-7, 2012.

AMARAL, M. et al. Fatigue behavior of Y-TZP ceramic after surface treatments. **Journal of the Mechanical Behavior of Biomedical Materials**, v.57, p.149-156, 2016.

ANAMI, L.C. et al. Fatigue resistance of Y-TZP/porcelain crowns is not influenced by the conditioning of the intaglio surface. **Operative Dentistry**, v.41, n.1, p.E1-E12, 2016.

BARAN, G.; BOBERICK, K.; McCOOL, J. Fatigue of restorative materials. **Critical Reviews in Oral Biology & Medicine**, v.12, n.4, p.350-360, 2001.

BASSO, G.R., et al. Reliability and failure behavior of CAD-on fixed partial dentures. **Dental Materials**, v.32, n.5, p.624-630, 2016.

BELLI, R. et al. Fracture rates and lifetime estimations of CAD/CAM all-ceramic restorations. **Journal of Dental Research**, v.95, n.1, p.67-73, 2016.

BELLI, R. et al. Mechanical fatigue degradation of ceramics versus resin composites for dental restorations. **Dental Materials**, v.30, n.4, p.424-432, 2014.

BEUER, F.; SCHWEIGER, J.; EDELHOFF, D. Digital dentistry: an overview of recent developments for CAD/CAM generated restorations. **British Dental Journal**, v.204, n.9, p.505-11, 2008.

BONFANTE, E.A.; COELHO, P.G. A critical perspective on mechanical testing of implants and prostheses. **Advances in Dental Research**, v.28, n.1, p.18-27, 2016.

BORBA, M. et al. Effect of the microstructure on the lifetime of dental ceramics. **Dental Materials**, v.27, n.7, p.710-721, 2011.

CALLISTER, W.D. **Materials science and engineering: an introduction.** 2 Ed. New York: John Wilei & Sons, 1991.

CESAR, P.F. et al. Correlation between fracture toughness and leucite content in dental porcelains. **Journal of Dentistry**, v.33, n.9, p.721-9, 2005.

CHEVALIER, J.; GREMILLARD, L.; DEVILLE, S. Low-temperature degradation of zirconia and implications for biomedical implants. **Annual Review of Materials Research**, v.37, p.1-32, 2007.

COLLINS, J.A. Fatigue testing procedures and statistical interpretations of data. In: COLLINS, J.A. **Failure of Materials in Mechanical Design.** 2. Ed. New York: John Wiley & sons, 1993. cap.10, p. 374-392.

CORAZZA, P.H. et al. Influence of CAD-CAM diamond bur deterioration on surface roughness and maximum failure load of Y-TZP-based restorations. **American Journal of Dentistry**, v.28, n.2, p.95-99, 2015.

DENRY, I. How and when does fabrication damage adversely affect the clinical performance of ceramic restorations? **Dental Materials**, v.29, n.1, p.85-96, 2013.

DENRY, I.; HOLLOWAY, J.A. Ceramics for dental applications: a review. **Materials**, v.3, n.1, p.351-368, 2010.

DENRY, I.; KELLY, J. R. Emerging ceramic-based materials for dentistry. **Journal of Dental Research**, v.93, n.12, p.1235–1242, 2014

DENRY, I.; KELLY, J.R. State of the art of zirconia for dental applications. **Dental Materials**, v.24, n.3, p.299-307, 2008.

DIBNER, A.C.; KELLY, J.R. Fatigue strength of bilayered ceramics under cyclic loading as a function of core veneer thickness ratios. **The Journal of Prosthetic Dentistry**, v.115, n.3, p.335-340, 2016.

FRAGA, S. et al. Hard machining, glaze firing and hydrofluoric acid etching: do these procedures affect the flexural strength of a leucite glass-ceramic? **Dental Materials**, v.31, n.7, p.e131-e140, 2015.

FUKUSHIMA, K.A. **Comportamento de fadiga e perfis de tensões residuais de cerâmicas odontológicas**. 2015. 110 f. Tese (Doutorado em Biomateriais e Biologia Oral)-Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2015.

GIORDANO, R. Materials for chairside CAD/CAM-produced restorations. **JADA**, v.137, n.9, p.14S-21S, 2006.

GONZAGA, C.C. et al. Slow crack growth and reliability of dental ceramics. **Dental Materials**, v.27, n.4, p.394-406, 2011.

HONDRUM, S.O. A review of the strength properties of dental ceramics. **The Journal of Prosthetic Dentistry**, v.67, n.6, p.859-65, 1992.

IVOCLAR VIVADENT. IPS Empress® CAD: Instructions for use labside, 2006a. (pdf file) [homepage na internet]. Disponível em: <www.ivoclarvivadent.com/en/products/all-ceramics/ips-empress-system-technicians/ips-empress-cad>. Acesso em: 29 de outubro de 2016.

IVOCLAR VIVADENT. IPS e.max CAD®: Instruções de uso no laboratório, 2006b. (pdf file) [homepage na internet]. Disponível em: <www.ivoclarvivadent.com.br/zoolu-website/media/document/5398/IPS+e-max+CAD+Laboratorio>. Acesso em: 29 de outubro de 2016.

JOSHI, G.V. et al. Contributions of stress corrosion and cyclic fatigue to subcritical crack growth in a dental glass-ceramic. **Dental Materials**, v.30, n.8, p.884-890, 2014.

KELLY, J.R. Ceramics 101: what is this stuff anyway? In: KELLY, J.R. **Ceramics in Dentistry: Principles and Practice**. 1.ed. Hanover Park, IL: Quintessence Publishing Co, Inc, 2016. Cap. 2, p. 9-23.

KELLY, J.R. Dental ceramics: current thinking and trends. **The Dental Clinics of North America**, v.48, n.2, p.513-30, 2004.

KELLY, J.R. Dental ceramics: what is this stuff anyway? **JADA**, v.139, n.4, p.4S-7S, 2008.

KELLY, J.R. et al. Development of clinically validated bulk failure test for ceramic crowns. **The Journal of Prosthetic Dentistry**, v.104, n.4, p.228-238, 2010.

KELLY, J.R. et al. Fracture surface analysis of dental ceramics: clinically failed restorations. **The International Journal of Prosthodontics**, v.3, n.5, p.430-40, 1990.

KELLY, J.R. Perspectives on strength. **Dental Materials**, v.11, n.2, p.103-10, 1995.

KELLY, J.R.; LÜTHY, H.; GOUGOULAKIS, A.; POBER, R.L.; MÖRMANN, W.R Machining effects on feldspathic porcelain and glass ceramic: fractographic analysis. p. 253-273. In: **International Symposium on computer restorations (Switzerland**). Editor: Mörmann WH. Quintessence Publishing: Berlim, 1991.

KELLY, J.R.; NISHIMURA, I.; CAMPBELL, S.D. Ceramics in dentistry: historical roots and current perspectives. **The Journal of Prosthetic Dentistry**, v.75, n.1, p.18-32, 1996.

LAWSON, N.C.; BURGESS, J.O. Dental ceramics: a current review. **Compendium of Continuing Education in Dentistry**, v.35, n.3, p.161-166, 2014.

LEBON, N. et al. Understanding dental CAD/CAM for restorations – dental milling machines from a mechanical engineering viewpoint. Part A: chairside milling machines. **International Journal of Computerized Dentistry**, v.19, n.1, p.45-62, 2016.

LI, R.W.K.; CHOW, T.W.; MATINLINNA, J.P. Ceramic dental biomaterials and CAD/CAM technology: state of art. **Journal of Prosthodontic Research**, v.58, n.4, p.208-216, 2014.

LOHBAUER, U. et al. Correlation of in vitro fatigue data and in vivo clinical performance of a glass-ceramic material. **Dental Materials**, v.24, n.1, p.39-44, 2008.

MAGNE, P. et al. Fatigue resistance of ultrathin CAD/CAM complete crowns with a simplified cementation process. **The Journal of Prosthetic Dentistry**, v.114, n.4, p.574-579, 2015.

MARSHALL, D.B. et al. The nature of machining damage in brittle materials. **Proceedings the Royal of Society A**, v.385, n.1789, p.461-75, 1983.

MAY, L.G. et al. Effects of cement thickness and bonding on the failure loads of CAD/CAM ceramic crowns: multi-physics FEA modeling and monotonic testing. **Dental Materials**, v.28, n.8, p.e99-e109, 2012.

MAY, L.G. et al. Influence of the resin cement thickness on the fatigue failure loads of CAD/CAM feldspathic crowns. **Dental Materials**, v.31, n.8, p.895-900, 2015.

MIYAZAKI, T. et al. A review of dental CAD/CAM: current status and future perspectives from 20 years of experience. **Dental Materials Journal**, v.28, n.1, p.44-56, 2009.

MÖRMANN, W.H. The evolution of the CEREC system. **JADA**, v.137, n.9, p.7S-13S, 2006.

NICOLAISEN, M.H. et al. Comparison of fatigue resistance and failure modes between metal-ceramic and all-ceramic crowns by cyclic loading in water. **Journal of Dentistry**, v.42, n.12, p.1613-1620, 204.

NICHOLAS, T. Accelerated Test Techniques. **High Cycle Fatigue A Mechanics of Materials Perspective**, Oxford: Elsevier Ltd; 2006, p. 70–134.

ØILO, M.; GJERDET, N.R. Fractographic analyses of all-ceramic crowns: a study of 27 clinically fractured crowns. **Dental Materials**, v.29, n.6, p. e78-e84, 2013.

ØILO, M.; QUINN, G.D. Fracture origins in twenty-two dental alumina crowns. **Journal of Mechanical Behavior of Biomedical Materials**, v.53, p.93-103, 2016.

PEREIRA, G.K.R. et al. Fatigue limit of polycrystalline zirconium oxide ceramics: Effect of grinding and low-temperature aging. **Journal of the Mechanical Behavior of Biomedical Materials**, v.61, p.45-54, 2016.

PJETURSSON, B.E. et al. All-ceramic or metal-ceramic tooth-supported fixed dental prostheses (FDPs)? A systematic review of the survival and complication rates. Part II: Multiple-unit FDPs. **Dental Materials**, v.31, n.6, p.624-639, 2015.

PO, J.M.C. et al. Time-frequency analysis of chewing activity in the natural environment. **Journal of Dental Research**, v.90, n.10, p.1206-1210, 2011.

POLLI, G.S. et al. Effect of grinding and resintering on the fatigue limit and surface characterization of a Y-TZP ceramic. **Brazilian Dental Journal**, v.27, n.4, p.468-475, 2016.

QUINN, G.D.; HOFFMAN, K.; QUINN, J.B. Strength and fracture origins of a feldspathic porcelain. **Dental Materials**, v.28, n.5, p.502-511, 2012.

QUINN, J.B. et al. Fractographic analyses of three ceramic whole crown restoration failures. **Dental Materials**, v.21, n.10, p.920-929, 2005.

QUINN. G.D. **Fractography of ceramics and glasses**. Washington: National Institute of Standards and Technology, 2007.

ROSENTRITT, M. et al. Influence of stress simulation parameters on the fracture strength of all-ceramic fixed-partial dentures. **Dental Materials**, v.22, n.2, p.176-182, 2006.

ROSENTRITT, M.; BEHR, M.; PREIS, V. A critical evaluation of fatigue studies for restorative materials in Dentistry. **Current Oral Health Reports**, v.3, n.3, p.221-228, 2016.

SAILER, I. et al. All-ceramic or metal-ceramic tooth-supported fixed dental prostheses (FDPs)? A systematic review of the survival and complication rates. Part 1: Single crowns (SCs). **Dental Materials**, v.31, n.6, p.603-623, 2015.

SHEMBISH, F.A. et al. Fatigue resistance of CAD/CAM resin composite molar crowns. **Dental Materials**, v.32, n.4, p.499-509, 2016.

SINDEL, J. et al. Evaluation of subsurface damage in CAD/CAM machined dental ceramics. **Journal of Materials Science: Materials in Medicine**, v.9, n.5, p.291-5, 1998.

SOUZA, S.A. Ensaio de fadiga. In: SOUZA, S.A. **Ensaios mecânicos de materiais metálicos: fundamentos teóricos e práticos**. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 1982. p.172-200.

SURESH, S. **Fatigue of Materials**. 2 Ed. Cambridge: University Press, 1998.

THOMPSON, G.A. Determining the slow crack growth parameter and Weibull two-parameter estimates of bilaminate disks by constant displacement-rate flexural testing. **Dental Materials**, v.20, n.2, p.51-62, 2004.

THOMPSON, J.Y. et al. Fracture surface characterization of clinically failed all-ceramic crowns. **Journal of Dental Research**, v.73, n.1tasko2, p.1824-1832, 1994.

TONG, H.; TANAKA, C.B.; KAIZER, M.R.; ZHANG, Y. Characterization of three commercial Y-TZP ceramics produced for their high-translucency, high-strength and high-surface area. **Ceramics international**, v.1, n.42, p.1077-1085, 2016.

WANG, H.; ABOUSHELIB, M.N.; FEILZER, A.J. Strength influencing variables on CAD/CAM zirconia frameworks. **Dental Materials**, v.24, n.5, p.633-8, 2008.

WISKOTT, H.W.; NICHOLLS, J.I.; BELSER, U.C. Stress fatigue: basic principles and prosthodontic implications. **The International Journal of Prosthodontics**, v.8, n.2, p.105-116, 1995.

ZHANG, G.M.; SATISH, K.G.; KO, W.F. The mechanics of material removal mechanisms in the machining of ceramics. Technical Report TR 94-22rl. **Institute for Systems Research (NIST)**, Maryland; 1994.

ANEXO A – NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NO PERIÓDICO *DENTAL MATERIALS*

Authors are requested to submit their original manuscript and figures via the online submission and editorial system for Dental Materials. Using this online system, authors may submit manuscripts and track their progress through the system to publication. Reviewers can download manuscripts and submit their opinions to the editor. Editors can manage the whole submission/review/revise/publish process. Please register at: http://ees.elsevier.com/dema.

Dental Materials now only accepts online submissions.

The Artwork Quality Control Tool is now available to users of the online submission system. To help authors submit high-quality artwork early in the process, this tool checks the submitted artwork and other file types against the artwork requirements outlined in the Artwork Instructions to Authors on http://www.elsevier.com/artworkinstructions. The Artwork Quality Control Tool automatically checks all artwork files when they are first uploaded. Each figure/file is checked only once, so further along in the process only new uploaded files will be checked.

Manuscripts

The journal is principally for publication of Original Research Reports, which should preferably investigate a defined hypothesis. Maximum length 6 journal pages (approximately 20 double-spaced typescript pages) including illustrations and tables.

Systematic Reviews will however be considered. Intending authors should communicate with the Editor beforehand, by email, outlining the proposed scope of the review. Maximum length 10 journal pages (approximately 33 double-spaced typescript pages) including figures and tables. Three copies of the manuscript should be submitted: each accompanied by a set of illustrations. The requirements for submission are in accordance with the "Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals", Annals of Internal Medicine, 1997,126, 36-47. All manuscripts must be written in American English. Authors are urged to write as concisely as possible. The Editor and Publisher reserve the right to make minimal literary corrections for the sake of clarity. Authors for whom English is not the first language should have their manuscripts read by colleagues fluent in English. If extensive English corrections are needed, authors may be charged for the cost of editing. For additional reference, consult issues of Dental Materials published after January 1999 or the Council of Biology Editors Style Manual (1995 ed.).

All manuscripts should be accompanied by a letter of transmittal, signed by each author, and stating that the manuscript is not concurrently under consideration for publication in another journal, that all of the named authors were involved in the work leading to the publication of the paper, and that all the named authors have read the paper before it is submitted for publication. Always keep a backup copy of the electronic file for reference and safety. Manuscripts not conforming to the journal style will be returned. In addition, manuscripts, which are not written in fluent English, will be rejected automatically without refereeing.

Article structure

Subdivision - numbered sections

Divide your article into clearly defined and numbered sections. Subsections should be numbered 1.1 (then 1.1.1, 1.1.2, ...), 1.2, etc. (the abstract is not included in section numbering). Use this numbering also for internal cross-referencing: do not just refer to 'the text'. Any subsection may be given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line.

Introduction

This must be presented in a structured format, covering the following subjects, although actual subheadings should not be included:

• succinct statements of the issue in question;
• the essence of existing knowledge and understanding pertinent to the issue (reference);
• the aims and objectives of the research being reported relating the research to dentistry, where
not obvious.

Materials and methods

• describe the procedures and analytical techniques.
• only cite references to published methods.
• include at least general composition details and batch numbers for all materials.
• identify names and sources of all commercial products e.g.
"The composite (Silar, 3M Co., St. Paul, MN, USA)..."
"... an Au-Pd alloy (Estheticor Opal, Cendres et Metaux, Switzerland)."
• specify statistical significance test methods.

Results

• refer to appropriate tables and figures.

• refrain from subjective comments.
• make no reference to previous literature.
• report statistical findings.

Discussion

• explain and interpret data.
• state implications of the results, relate to composition.
• indicate limitations of findings.
• relate to other relevant research.

Conclusion (if included)

• must NOT repeat Results or Discussion
• must concisely state inference, significance, or consequences

Appendices

If there is more than one appendix, they should be identified as A, B, etc. Formulae and equations in appendices should be given separate numbering: Eq. (A.1), Eq. (A.2), etc.; in a subsequent appendix, Eq. (B.1) and so on. Similarly for tables and figures: Table A.1; Fig. A.1, etc.

Essential title page information

• Title. Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.

• Author names and affiliations. Please clearly indicate the given name(s) and family name(s) of each author and check that all names are accurately spelled. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lowercase superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address.

Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.

• Corresponding author. Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. Ensure that the e-mail address is given and that contact details are kept up to date by the corresponding author.

• Present/permanent address. If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Abstract (structured format)

• 250 words or less.

• subheadings should appear in the text of the abstract as follows: Objectives, Methods, Results, Significance. (For Systematic Reviews: Objectives, Data, Sources, Study selection, Conclusions). The Results section may incorporate small tabulations of data, normally 3 rows maximum.

Keywords

Up to 10 keywords should be supplied e.g. dental material, composite resin, adhesion.

Abbreviations

Define abbreviations that are not standard in this field in a footnote to be placed on the first page of the article. Such abbreviations that are unavoidable in the abstract must be defined at their first mention there, as well as in the footnote. Ensure consistency of abbreviations throughout the article.

Acknowledgements

Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Units

Follow internationally accepted rules and conventions: use the international system of units (SI). If other units are mentioned, please give their equivalent in SI.

Math formulae

Please submit math equations as editable text and not as images. Present simple formulae in line with normal text where possible and use the solidus (/) instead of a horizontal line for small fractional terms, e.g., X/Y. In principle, variables are to be presented in italics. Powers of e are often more conveniently denoted by exp. Number consecutively any equations that have to be displayed separately from the text (if referred to explicitly in the text).

Embedded math equations

If you are submitting an article prepared with Microsoft Word containing embedded math equations then please read this related support information (http://support.elsevier.com/app/answers/detail/a_id/302/).

Footnotes

Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article. Many word processors can build footnotes into the text, and this feature may be used. Otherwise, please indicate the position of footnotes in the text and list the footnotes themselves separately at the end of the article. Do not include footnotes in the Reference list.

Artwork

Electronic artwork

General points

• Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.
• Embed the used fonts if the application provides that option.
• Aim to use the following fonts in your illustrations: Arial, Courier, Times New Roman, Symbol, or use fonts that look similar.
• Number the illustrations according to their sequence in the text.
• Use a logical naming convention for your artwork files.
• Provide captions to illustrations separately.
• Size the illustrations close to the desired dimensions of the published version.
• Submit each illustration as a separate file.

A detailed guide on electronic artwork is available on our website: http://www.elsevier.com/artworkinstructions. You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.

Formats

If your electronic artwork is created in a Microsoft Office application (Word, PowerPoint, Excel) then please supply 'as is' in the native document format. Regardless of the application used other than Microsoft Office, when your electronic artwork is finalized, please 'Save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below):

EPS (or PDF): Vector drawings, embed all used fonts.

TIFF (or JPEG): Color or grayscale photographs (halftones), keep to a minimum of 300 dpi.

TIFF (or JPEG): Bitmapped (pure black & white pixels) line drawings, keep to a minimum of 1000 dpi.

TIFF (or JPEG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale), keep to a minimum of 500 dpi. Please do not:

• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); these typically have a low number of pixels and limited set of colors;
• Supply files that are too low in resolution;
• Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Color artwork

Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF), or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color online (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether or not these illustrations are reproduced in color in the printed version. For color reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article. Please indicate your preference for color: in print or online only. For further information on the preparation of electronic artwork, please see http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

Please note: Because of technical complications that can arise by converting color figures to 'gray scale' (for the printed version should you not opt for color in print) please submit in addition usable black and white versions of all the color illustrations.

Captions to tables and figures

• list together on a separate page.
• should be complete and understandable apart from the text.
• include key for symbols or abbreviations used in Figures.
• individual teeth should be identified using the FDI two-digit system.

Tables

Please submit tables as editable text and not as images. Tables can be placed either next to the relevant text in the article, or on separate page(s) at the end. Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text and place any table notes below the table body. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in them do not duplicate results described elsewhere in the article. Please avoid using vertical rules.

References

Must now be given according to the following numeric system:

Cite references in text in numerical order. Use square brackets: in-line, not superscript e.g. [23]. All references must be listed at the end of the paper, double-spaced, without indents. For example: 1.

Moulin P, Picard B and Degrange M. Water resistance of resin-bonded joints with time related to alloy surface treatments. J Dent, 1999; 27:79-87. 2. Taylor DF, Bayne SC, Sturdevant JR and Wilder AD. Comparison of direct and indirect methods for analyzing wear of posterior composite restorations. Dent Mater, 1989; 5:157-160. Avoid referencing abstracts if possible. If unavoidable, reference as follows: 3. Demarest VA and Greener EH . Storage moduli and interaction parameters of experimental dental composites. J Dent Res, 1996; 67:221, Abstr. No. 868.

Citation in text

Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with either 'Unpublished results' or 'Personal communication'. Citation of a reference as 'in press' implies that the item has been accepted for publication.

Reference links

Increased discoverability of research and high quality peer review are ensured by online links to the sources cited. In order to allow us to create links to abstracting and indexing services, such as Scopus, CrossRef and PubMed, please ensure that data provided in the references are correct. Please note that incorrect surnames, journal/book titles, publication year and pagination may prevent link creation. When copying references, please be careful as they may already contain errors. Use of the DOI is encouraged.

Web references

As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.

References in a special issue

Please ensure that the words 'this issue' are added to any references in the list (and any citations in the text) to other articles in the same Special Issue.

Reference management software

Most Elsevier journals have a standard template available in key reference management packages. This covers packages using the Citation Style Language, such as Mendeley (http://www.mendeley.com/features/reference-manager) and also others like EndNote (http://www.endnote.com/support/enstyles.asp) and Reference Manager (http://refman.com/support/rmstyles.asp). Using plug-ins to word processing packages which are available from the above sites, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article and the list of references and citations to these will be formatted according to the journal style as described in this Guide. The process of including templates in these packages is constantly ongoing. If the journal you are looking for does not have a template available yet, please see the list of sample references and citations provided in this Guide to help you format these according to the journal style. If you manage your research with Mendeley Desktop, you can easily install the reference style for this journal by clicking the link below: http://open.mendeley.com/use-citation-style/dental-materials When preparing your manuscript, you will then be able to select this style using the Mendeley plugins for Microsoft Word or LibreOffice. For more information about the Citation Style Language, visit http://citationstyles.org.

Reference style

Text: Indicate references by number(s) in square brackets in line with the text. The actual authors can be referred to, but the reference number(s) must always be given. Example: '..... as demonstrated [3,6]. Barnaby and Jones [8] obtained a different result ....' List: Number the references (numbers in square brackets) in the list in the order in which they appear in the text.

Examples:

Reference to a journal publication:

[1] J. van der Geer, J.A.J. Hanraads, R.A. Lupton, The art of writing a scientific article, J. Sci. Commun. 163 (2010) 51–59.

Reference to a book:

[2] W. Strunk Jr., E.B. White, The Elements of Style, fourth ed., Longman, New York, 2000.

Reference to a chapter in an edited book:

[3] G.R. Mettam, L.B. Adams, How to prepare an electronic version of your article, in: B.S. Jones, R.Z. Smith (Eds.), Introduction to the Electronic Age, E-Publishing Inc., New York, 2009, pp. 281–304.

Journal abbreviations source

Journal names should be abbreviated according to the List of Title Word Abbreviations: http://www.issn.org/services/online-services/access-to-the-ltwa/.

Submission checklist

The following list will be useful during the final checking of an article prior to sending it to the journal for review. Please consult this Guide for Authors for further details of any item.

Ensure that the following items are present:

One author has been designated as the corresponding author with contact details:
• E-mail address
• Full postal address
All necessary files have been uploaded, and contain:
• Keywords
• All figure captions
• All tables (including title, description, footnotes)
Further considerations
• Manuscript has been 'spell-checked' and 'grammar-checked'
• References are in the correct format for this journal
• All references mentioned in the Reference list are cited in the text, and vice versa
• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Internet)
Printed version of figures (if applicable) in color or black-and-white
• Indicate clearly whether or not color or black-and-white in print is required.
• For reproduction in black-and-white, please supply black-and-white versions of the figures for printing purposes.
For any further information please visit our customer support site at http://support.elsevier.com.

ANEXO B – NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NO PERIÓDICO *JOURNAL OF THE MECHANICAL BEHAVIOR OF BIOMEDICAL MATERIALS*

INTRODUCTION

Authors are requested to submit a cover letter that clearly states the novelty of the work presented in their manuscript.

Types of Contributions

Research Paper: A full-length article describing original research. There is no limit on the number of words, figures etc but authors should be as succinct as possible.

Review Article: An article which reviews previous work in a given field. Reviews are written by invitation only but the editor would welcome suggestions.

Technical Note: A short article describing a new experimental technique or analytical approach.

Short Communication: An article presenting new work in reduced form, which for some reason is not suitable for a full research paper. For example a case study.

Opinion Piece: A short article presenting the author's opinion on a particular question. Normally shorter and less comprehensive than a review article, making use of published and/or unpublished results.

Tutorial: An article of an educational nature, explaining how to use a particular experimental technique or analytical method. Normally written by invitation only but the editor welcomes suggestions.

Please ensure that you select the appropriate article type from the list of options when making your submission. Authors contributing to **special issues** should ensure that they select the special issue article type from this list.

The journal also accepts **letters**, which should be sent directly to the editor in chief for consideration.

BEFORE YOU BEGIN

Ethics in publishing

For information on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication see http://www.elsevier.com/publishingethics and http://www.elsevier.com/journal-authors/ethics.

Conflict of interest

All authors are requested to disclose any actual or potential conflict of interest including any financial, personal or other relationships with other people or organizations within three years of beginning the submitted work that could inappropriately influence, or be perceived to influence, their work. See also http://www.elsevier.com/conflictsofinterest. Further information and an example of a Conflict of Interest form can be found at: http://help.elsevier.com/app/answers/detail/a_id/286/p/7923.

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis or as an electronic preprint, see http://www.elsevier.com/postingpolicy), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyright-holder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection service CrossCheck http://www.elsevier.com/editors/plagdetect.

Changes to authorship

This policy concerns the addition, deletion, or rearrangement of author names in the authorship of accepted manuscripts:

Before the accepted manuscript is published in an online issue: Requests to add or remove an author, or to rearrange the author names, must be sent to the Journal Manager from the corresponding author of the accepted manuscript and must include: (a) the reason the name should be added or removed, or the author names rearranged and (b) written confirmation (e-mail, fax, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed. Requests that are not sent by the corresponding author will be forwarded by the Journal Manager to the corresponding author, who must follow the procedure as described above. Note that: (1) Journal Managers will inform the Journal Editors of any such requests and (2) publication of the accepted manuscript in an online issue is suspended until authorship has been agreed.

After the accepted manuscript is published in an online issue: Any requests to add, delete, or rearrange author names in an article published in an online issue will follow the same policies as noted above and result in a corrigendum.

Copyright

This journal offers authors a choice in publishing their research: Open Access and Subscription.

For Subscription articles

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (for more information on this and copyright, see http://www.elsevier.com/copyright). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.

Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations (please consult http://www.elsevier.com/permissions). If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases: please consult http://www.elsevier.com/permissions.

For Open Access articles

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an 'Exclusive License Agreement' (for more information see http://www.elsevier.com/OAauthoragreement). Permitted reuse of open access articles is determined by the author's choice of user license (see http://www.elsevier.com/openaccesslicenses).

Retained author rights

As an author you (or your employer or institution) retain certain rights. For more information on author rights for:

Subscription articles please see
http://www.elsevier.com/journal-authors/author-rights-and-responsibilities.

Open access articles please see http://www.elsevier.com/OAauthoragreement.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated.

Funding body agreements and policies

Elsevier has established agreements and developed policies to allow authors whose articles appear in journals published by Elsevier, to comply with potential manuscript archiving requirements as specified as conditions of their grant awards. To learn more about existing agreements and policies please visit http://www.elsevier.com/fundingbodies.

Open access

This journal offers authors a choice in publishing their research:

Open Access

• Articles are freely available to both subscribers and the wider public with permitted reuse • An Open Access publication fee is payable by authors or their research funder

Subscription

• Articles are made available to subscribers as well as developing countries and patient groups through our access programs (http://www.elsevier.com/access) • No Open Access publication fee All articles published Open Access will be immediately and permanently free for everyone to read and download. Permitted reuse is defined by your choice of one of the following Creative Commons user licenses:

Creative Commons Attribution (CC BY): lets others distribute and copy the article, to create extracts, abstracts, and other revised versions, adaptations or derivative works of or from an article (such as a translation), to include in a collective work (such as an anthology), to text or data mine the article, even for commercial purposes, as long as they credit the author(s), do not represent the author as endorsing their adaptation of the article, and do not modify the article in such a way as to damage the author's honor or reputation.

Creative Commons Attribution-Non-commercial-ShareAlike (CC BY-NC-SA): for non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, to create extracts, abstracts and other revised versions, adaptations or derivative works of or from an article (such as a translation), to include in a collective work (such as an anthology), to text and data mine the article, as long as they credit the author(s), do not represent the author as endorsing their adaptation of the article, do not modify the article in such a way as to damage the author's honor or reputation, and license their new adaptations or creations under identical terms (CC BY-NC-SA).

Creative Commons Attribution-Non-commercial-NoDerivs (CC BY-NC-ND): for non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and to include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article.

To provide Open Access, this journal has a publication fee which needs to be met by the authors or their research funders for each article published Open Access. Your publication choice will have no effect on the peer review process or acceptance of submitted articles.

The publication fee for this journal is **$2500**, excluding taxes. Learn more about Elsevier's pricing policy: http://www.elsevier.com/openaccesspricing.

Language (usage and editing services)

Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/languageediting/) or visit our customer support site (http://support.elsevier.com) for more information.

Submission

Submission to this journal proceeds totally online and you will be guided stepwise through the creation and uploading of your files. The system automatically converts source files to a single PDF file of the article, which is used in the peer-review process. Please note that even though manuscript source files are converted to PDF files at submission for the review process, these source files are needed for further processing after acceptance. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, takes place by e-mail removing the need for a paper trail.

PREPARATION

NEW SUBMISSIONS

Submission to this journal proceeds totally online and you will be guided stepwise through the creation and uploading of your files. The system automatically converts your files to a single PDF file, which is used in the peer-review process.

As part of the Your Paper Your Way service, you may choose to submit your manuscript as a single file to be used in the refereeing process. This can be a PDF file or a Word document, in any format or layout that can be used by referees to evaluate your manuscript. It should contain high enough quality figures for refereeing. If you prefer to do so, you may still provide all or some of the source files at the initial submission. Please note that individual figure files larger than 10 MB must be uploaded separately.

References

There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct.

Formatting requirements

There are no strict formatting requirements but all manuscripts must contain the essential elements needed to convey your manuscript, for example Abstract, Keywords, Introduction, Materials and Methods, Results, Conclusions, Artwork and Tables with Captions.

If your article includes any Videos and/or other Supplementary material, this should be included in your initial submission for peer review purposes.

Divide the article into clearly defined sections.

Figures and tables embedded in text

Please ensure the figures and the tables included in the single file are placed next to the relevant text in the manuscript, rather than at the bottom or the top of the file.

REVISED SUBMISSIONS

Use of word processing software

Regardless of the file format of the original submission, at revision you must provide us with an editable file of the entire article. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier:

http://www.elsevier.com/guidepublication). See also the section on Electronic artwork.

To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

LaTeX

You are recommended to use the Elsevier article class *elsarticle.cls*

(http://www.ctan.org/tex-archive/macros/latex/contrib/elsarticle) to prepare your manuscript and BibTeX (http://www.bibtex.org) to generate your bibliography.

For detailed submission instructions, templates and other information on LaTeX, see

http://www.elsevier.com/latex.

Article structure

Subdivision - numbered sections

Divide your article into clearly defined and numbered sections. Subsections should be numbered

1.1 (then 1.1.1, 1.1.2, ...), 1.2, etc. (the abstract is not included in section numbering). Use this numbering also for internal cross-referencing: do not just refer to 'the text'. Any subsection may be given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line.

Introduction

State the objectives of the work and provide an adequate background, avoiding a detailed literature survey or a summary of the results.

Material and methods

Provide sufficient detail to allow the work to be reproduced. Methods already published should be indicated by a reference: only relevant modifications should be described.

Theory/calculation

A Theory section should extend, not repeat, the background to the article already dealt with in the Introduction and lay the foundation for further work. In contrast, a Calculation section represents a practical development from a theoretical basis.

Results

Results should be clear and concise.

Discussion

This should explore the significance of the results of the work, not repeat them. A combined Results and Discussion section is often appropriate. Avoid extensive citations and discussion of published literature.

Conclusions

The main conclusions of the study may be presented in a short Conclusions section, which may stand alone or form a subsection of a Discussion or Results and Discussion section.

Appendices

If there is more than one appendix, they should be identified as A, B, etc. Formulae and equations in appendices should be given separate numbering: Eq. (A.1), Eq. (A.2), etc.; in a subsequent appendix, Eq. (B.1) and so on. Similarly for tables and figures: Table A.1; Fig. A.1, etc.

Essential title page information

• ***Title.*** Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.

• ***Author names and affiliations.*** Where the family name may be ambiguous (e.g., a double name), please indicate this clearly. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.

• ***Corresponding author.*** Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. **Ensure that phone numbers (with country and area code) are provided in addition to the e-mail address and the complete postal address.**

Contact details must be kept up to date by the corresponding author.

• ***Present/permanent address.*** If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Abstract

A concise and factual abstract is required. The abstract should state briefly the purpose of the research, the principal results and major conclusions. An abstract is often presented separately from the article, so it must be able to stand alone. For this reason, References should be avoided, but if essential, then cite the author(s) and year(s). Also, non-standard or uncommon abbreviations should be avoided, but if essential they must be defined at their first mention in the abstract itself.

Graphical abstract

A Graphical abstract is mandatory for this journal. It should summarize the contents of the article in a concise, pictorial form designed to capture the attention of a wide readership online. Authors must provide images that clearly represent the work described in the article. Graphical abstracts should be submitted as a separate file in the online submission system. Image size: please provide an image with a minimum of 531 × 1328 pixels (h × w) or proportionally more. The image should be readable at a size of 5 × 13 cm using a regular screen resolution of 96 dpi. Preferred file types: TIFF, EPS, PDF or MS Office files. See http://www.elsevier.com/graphicalabstracts for examples.

Authors can make use of Elsevier's Illustration and Enhancement service to ensure the best presentation of their images also in accordance with all technical requirements: Illustration Service.

Highlights

Highlights are mandatory for this journal. They consist of a short collection of bullet points that convey the core findings of the article and should be submitted in a separate file in the online submission system. Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point). See http://www.elsevier.com/highlights for examples.

Abbreviations

Define abbreviations that are not standard in this field in a footnote to be placed on the first page of the article. Such abbreviations that are unavoidable in the abstract must be defined at their first mention there, as well as in the footnote. Ensure consistency of abbreviations throughout the article.

Acknowledgements

Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Units

Follow internationally accepted rules and conventions: use the international system of units (SI). If other quantities are mentioned, give their equivalent in SI. Authors wishing to present a table of nomenclature should do so on the second page of their manuscript.

Math formulae

Present simple formulae in the line of normal text where possible and use the solidus (/) instead of a horizontal line for small fractional terms, e.g., X/Y. In principle, variables are to be presented in italics. Powers of e are often more conveniently denoted by exp. Number consecutively any equations that have to be displayed separately from the text (if referred to explicitly in the text).

Footnotes

Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article. Many wordprocessors build footnotes into the text, and this feature may be used. Should this not be the case, indicate the position of footnotes in the text and present the footnotes themselves separately at the end of the article. Do not include footnotes in the Reference list.

Table footnotes

Indicate each footnote in a table with a superscript lowercase letter.

Artwork

Electronic artwork

General points

• Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.
• Preferred fonts: Arial (or Helvetica), Times New Roman (or Times), Symbol, Courier.
• Number the illustrations according to their sequence in the text.
• Use a logical naming convention for your artwork files.
• Indicate per figure if it is a single, 1.5 or 2-column fitting image.
• For Word submissions only, you may still provide figures and their captions, and tables within a single file at the revision stage.
• Please note that individual figure files larger than 10 MB must be provided in separate source files.

A detailed guide on electronic artwork is available on our website: http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.

Formats

Regardless of the application used, when your electronic artwork is finalized, please 'save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below):

EPS (or PDF): Vector drawings. Embed the font or save the text as 'graphics'.

TIFF (or JPG): Color or grayscale photographs (halftones): always use a minimum of 300 dpi.

TIFF (or JPG): Bitmapped line drawings: use a minimum of 1000 dpi.

TIFF (or JPG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale): a minimum of 500 dpi is required.

Please do not:

• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); the resolution is too low.
• Supply files that are too low in resolution.
• Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Color artwork

Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF), or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color on the Web (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether or not these illustrations are reproduced in color in the printed version. **For color reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article**. Please indicate your preference for color: in print or on the Web only. For further information on the preparation of electronic artwork, please see http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

Please note: Because of technical complications which can arise by converting color figures to 'gray scale' (for the printed version should you not opt for color in print) please submit in addition usable black and white versions of all the color illustrations.

Figure captions

Ensure that each illustration has a caption. A caption should comprise a brief title (**not** on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables

Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text. Place footnotes to tables below the table body and indicate them with superscript lowercase letters. Avoid vertical rules. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in tables do not duplicate results described elsewhere in the article.

References

Citation in text

Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with either 'Unpublished results' or 'Personal communication'. Citation of a reference as 'in press' implies that the item has been accepted for publication.

Reference links

Increased discoverability of research and high quality peer review are ensured by online links to the sources cited. In order to allow us to create links to abstracting and indexing services, such as Scopus, CrossRef and PubMed, please ensure that data provided in the references are correct. Please note that incorrect surnames, journal/book titles, publication year and pagination may prevent link creation. When copying references, please be careful as they may already contain errors. Use of the DOI is encouraged.

Web references

As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.

References in a special issue

Please ensure that the words 'this issue' are added to any references in the list (and any citations in the text) to other articles in the same Special Issue.

Reference formatting

There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct. If you do wish to format the references yourself they should be arranged according to the following examples:

Reference style

Text: All citations in the text should refer to:

1. *Single author:* the author's name (without initials, unless there is ambiguity) and the year of publication;
2. *Two authors:* both authors' names and the year of publication;
3. *Three or more authors:* first author's name followed by 'et al.' and the year of publication.

Citations may be made directly (or parenthetically). Groups of references should be listed first alphabetically, then chronologically.

Examples: 'as demonstrated (Allan, 2000a, 2000b, 1999; Allan and Jones, 1999). Kramer et al. (2010) have recently shown ....'

List: References should be arranged first alphabetically and then further sorted chronologically if necessary. More than one reference from the same author(s) in the same year must be identified by the letters 'a', 'b', 'c', etc., placed after the year of publication.

Examples:

Reference to a journal publication:

Van der Geer, J., Hanraads, J.A.J., Lupton, R.A., 2010. The art of writing a scientific article. J. Sci. Commun. 163, 51–59.

Reference to a book:

Strunk Jr., W., White, E.B., 2000. The Elements of Style, fourth ed. Longman, New York.

Reference to a chapter in an edited book:

Mettam, G.R., Adams, L.B., 2009. How to prepare an electronic version of your article, in: Jones, B.S., Smith , R.Z. (Eds.), Introduction to the Electronic Age. E-Publishing Inc., New York, pp. 281–304.

Journal abbreviations source

Journal names should be abbreviated according to the List of Title Word Abbreviations: http://www.issn.org/services/online-services/access-to-the-ltwa/.

Video data

Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the files in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 50 MB. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com.

Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages at http://www.elsevier.com/artworkinstructions. Note: since video and animation cannot be embedded in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

AudioSlides

The journal encourages authors to create an AudioSlides presentation with their published article.

AudioSlides are brief, webinar-style presentations that are shown next to the online article on ScienceDirect. This gives authors the opportunity to summarize their research in their own words and to help readers understand what the paper is about. More information and examples are available at http://www.elsevier.com/audioslides. Authors of this journal will automatically receive an invitation e-mail to create an AudioSlides presentation after acceptance of their paper.

Supplementary data

Elsevier accepts electronic supplementary material to support and enhance your scientific research.

Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, highresolution images, background datasets, sound clips and more. Supplementary files supplied will be published online alongside the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com. In order to ensure that your submitted material is directly usable, please provide the data in one of our recommended file formats. Authors should submit the material in electronic format together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. For more detailed instructions please visit our artwork instruction pages at http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

MATLAB FIG files

MATLAB FIG files (optional): You can enrich your online articles by providing supplementary MATLAB figure files with the .FIG file extension. These files will be visualized using an interactive viewer that allows readers to explore your figures within the article. The FIG files can be uploaded in our online submission system, and will be made available to download from your online article on ScienceDirect. For more information, please see http://www.elsevier.com/matlab.

Interactive plots

This journal encourages you to include data and quantitative results as interactive plots with your publication. To make use of this feature, please include your data as a CSV (comma-separated values) file when you submit your manuscript. Please refer to http://www.elsevier.com/interactiveplots for further details and formatting instructions.

Submission checklist

The following list will be useful during the final checking of an article prior to sending it to the journal for review. Please consult this Guide for Authors for further details of any item.

Ensure that the following items are present:

One author has been designated as the corresponding author with contact details:

- E-mail address
- Full postal address
- Telephone

All necessary files have been uploaded, and contain:

- Keywords
- All figure captions

• All tables (including title, description, footnotes)

Further considerations

• Manuscript has been 'spell-checked' and 'grammar-checked'

• All references mentioned in the Reference list are cited in the text, and vice versa

• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Web)

• Color figures are clearly marked as being intended for color reproduction on the Web (free of charge) and in print, or to be reproduced in color on the Web (free of charge) and in black-and-white in print

• If only color on the Web is required, black-and-white versions of the figures are also supplied for printing purposes

For any further information please visit our customer support site at http://support.elsevier.com.

AFTER ACCEPTANCE

Use of the Digital Object Identifier

The Digital Object Identifier (DOI) may be used to cite and link to electronic documents. The DOI consists of a unique alpha-numeric character string which is assigned to a document by the publisher upon the initial electronic publication. The assigned DOI never changes. Therefore, it is an ideal medium for citing a document, particularly 'Articles in press' because they have not yet received their full bibliographic information. Example of a correctly given DOI (in URL format; here an article in the journal *Physics Letters B*):

http://dx.doi.org/10.1016/j.physletb.2010.09.059

When you use a DOI to create links to documents on the web, the DOIs are guaranteed never to change.

Online proof correction

Corresponding authors will receive an e-mail with a link to our online proofing system, allowing annotation and correction of proofs online. The environment is similar to MS Word: in addition to editing text, you can also comment on figures/tables and answer questions from the Copy Editor.

Web-based proofing provides a faster and less error-prone process by allowing you to directly type your corrections, eliminating the potential introduction of errors.

If preferred, you can still choose to annotate and upload your edits on the PDF version. All instructions for proofing will be given in the e-mail we send to authors, including alternative methods to the online version and PDF. We will do everything possible to get your article published quickly and accurately - please upload all of your corrections within 48 hours. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication. Please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility. Note that Elsevier may proceed with the publication of your article if no response is received.

Offprints

The corresponding author, at no cost, will be provided with a PDF file of the article via email (the PDF file is a watermarked version of the published article and includes a cover sheet with the journal cover image and a disclaimer outlining the terms and conditions of use). For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/offprints).

Authors requiring printed copies of multiple articles may use Elsevier WebShop's 'Create Your Own Book' service to collate multiple articles within a single cover (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/offprints/myarticlesservices/booklets).

AUTHOR INQUIRIES

For inquiries relating to the submission of articles (including electronic submission) please visit this journal's homepage. For detailed instructions on the preparation of electronic artwork, please visit http://www.elsevier.com/artworkinstructions. Contact details for questions arising after acceptance of an article, especially those relating to proofs, will be provided by the publisher.

You can track accepted articles at http://www.elsevier.com/trackarticle. You can also check our Author FAQs at http://www.elsevier.com/authorFAQ and/or contact Customer Support via http://support.elsevier.com.